

LANNE JANAÍNA BATISTA

**DE LEITOR A AUTOR: LEITURA LITERÁRIA E PRODUÇÃO DE
FANFICS EM SALA DE AULA**

**GOIÂNIA
2024**

LANNE JANAÍNA BATISTA

**DE LEITOR A AUTOR: LEITURA LITERÁRIA E PRODUÇÃO DE
FANFICS EM SALA DE AULA**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção do título de Mestra em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes

Orientadora: Professora Dra. Célia Sebastiana da Silva

**GOIÂNIA
2024**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Batista, Lanne Janaína

De leitor a autor [manuscrito] : leitura literária e produção de fanfics em sala de aula / Lanne Janaína Batista. - 2024.
210 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Célia Sebastiana da Silva.

Produto Educacional (Stricto Sensu) - Universidade Federal de Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2024.

Bibliografia.

1. Formação do leitor literário. 2. Biblioteca escolar. 3. Pedagogia dos multiletramentos. 4. Contos literários. 5. Fanfics. I, Silva, Célia Sebastiana da, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos vinte e seis dias do mês de janeiro do ano 2024, às 14:00 horas, via teleconferência, foi realizada a Defesa da Dissertação intitulada **Formação do leitor literário e pedagogia dos multiletramentos em escola sem biblioteca escolar: redesigning contos literários** e do Produto Educacional intitulado **De leitor a autor: leitura literária e produção de fanfics em sala de aula**, pela discente **LANNE JANAINA BATISTA**, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados **APROVADOS**.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Célia Sebastiana da Silva (PPGEEB/CEPAE/UFG) – presidente,

Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira (PPGEEB/CEPAE/UFG) – membro interno,

Prof. Dr. Alexandre Bonafim Felizardo (POSLLI UEG CORA CORALINA) – membro externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Celia Sebastiana Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 30/01/2024, às 12:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Ilma Socorro Gonçalves Vieira, Professor do Magistério Superior**, em 30/01/2024, às 17:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Bonafim Felizardo, Usuário Externo**, em 31/01/2024, às 11:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4336600** e o código CRC **07C8DE07**.

Referência: Processo nº 23070.002627/2024-52

SEI nº 4336600

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL

(De acordo com a Resolução PPGEEB/CEPAE Nº 001/2019)

Desenvolvimento de material didático e instrucional (propostas de ensino tais como sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual tais como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários, relatórios publicizados ou não, parciais ou finais de projetos encomendados sob demanda de órgãos públicos);

Especificação: Livro paradidático

DIVULGAÇÃO

- Filme
- Hipertexto
- Impresso
- Meio digital
- Meio Magnético
- Outros. Especificar: ____

FINALIDADE PRODUTO EDUCACIONAL

O material paradidático traz uma perspectiva de ensino embasada pela Pedagogia dos Multiletramentos (Cazden *et al.*, 2021) para ser trabalhada na Educação Básica ou em ambientes de formação do leitor literário.

PÚBLICO ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Estudantes da Educação Básica – segunda fase do Ensino Fundamental e Ensino Médio – Professores (as) da Educação Básica e/ou Profissionais mediadores da leitura literária.

IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional apresenta (marque somente uma alternativa):

- Alto impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.
- Médio impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.
- Baixo impacto** – Produto gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.

Área impactada pelo Produto Educacional

- Ensino
 Aprendizagem
 Econômico
 Saúde
 Social
 Ambiental
 Científico

O impacto do Produto Educacional é:

Real - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc.). Isso é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo.

Potencial - efeito ou benefício de uma produção previsto pelos pesquisadores antes de esta ser efetivamente utilizada pelo público-alvo. É o efeito planejado ou esperado.

O Produto Educacional foi vivenciado (aplicado, testado, desenvolvido, trabalhado) em situação real, seja em ambiente escolar formal ou informal, ou em formação de professores (inicial, continuada, cursos etc.)?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva essa situação

O produto educacional foi vivenciado com 86 estudantes dos 9ºs anos do Ensino Fundamental, do Colégio Estadual Parque dos Buritis, escola pertencente à Rede Estadual de Ensino do Estado de Goiás, localizada na Região Oeste de Goiânia, e que não possui biblioteca escolar. A vivência ocorreu do dia 01 de novembro de 2022 a 09 de dezembro de 2022, na qual foram efetuados 16 encontros, com duração total de 32 horas.

REPLICABILIDADE E ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que o mesmo foi produzido?

Sim Não

A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é

Local Regional Nacional Internacional

COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

Alta complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes tipos de conhecimento e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.

Média complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Apresenta método claro e explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, resulta da combinação de conhecimentos pré-estabelecidos e estáveis nos diferentes atores - segmentos da sociedade.

Baixa complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Resulta do desenvolvimento baseado em alteração/adaptação de conhecimento existente e estabelecido sem, necessariamente, a participação de diferentes atores - segmentos da sociedade.

Sem complexidade - Não existe diversidade de atores - segmentos da sociedade. Não apresenta relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento do produto.

INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui (marque somente uma alternativa):

Alto teor inovativo - desenvolvimento com base em conhecimento inédito.

Médio teor inovativo - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos.

Baixo teor inovativo - adaptação de conhecimento existente.

FOMENTO

Houve fomento para elaboração ou desenvolvimento do Produto Educacional?

Sim Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo de fomento:

Programa de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPGEED

Cooperação com outra instituição

Outro. Especifique: _____

REGISTRO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL

Houve registro de depósito de propriedade intelectual?

Sim Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo:

Licença Creative Commons

Domínio de Internet

Patente

Outro. Especifique: _____

Informe o código de registro: https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt_BR

TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva essa transferência

-

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS SOBRE A TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc.) ou ministrado em forma de oficina, mini-curso, cursos de extensão ou de qualificação etc. em eventos acadêmicos, científicos ou outros?

Sim () Não

Em caso afirmativo, descreva o evento e a forma de apresentação:

O Produto Educacional foi apresentado no IX Seminário de Dissertações do PPGEEB-CEPAE/UFG, em 14 de fevereiro de 2023.

O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas?

Sim () Não

Em caso afirmativo, escreva a referência completa de cada publicação:

Anais eletrônicos/digitais

BATISTA, Lanne Janaina; SILVA, Célia Sebastiana da. Formação do leitor literário e Pedagogia dos Multiletramentos em escola sem biblioteca escolar: *redesigning* contos literários. In: VREESWIJK, Anna Maria Dias (org.). SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES DO MESTRADO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PPGEEB/CEPAE/UFG, 9., 2023, Goiânia. **Anais eletrônicos** [...]. Goiânia, UFG: 2023. p. 50. Disponível em [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/480/o/Anais - IX Seminario PPGEEB Cepae-UFG ano 2023 - diagramado VF conferida em 09-10-23.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/480/o/Anais_-_IX_Seminario_PPGEEB_Cepae-UFG_ano_2023_-_diagramado_VF_conferida_em_09-10-23.pdf). Acesso: 13 out. 2023.

REGISTRO(S) E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional Registrado na Plataforma **EduCAPES** com acesso disponível no link:
<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/741862>

Produto Educacional disponível, como apêndice da Dissertação de Mestrado do qual é fruto,
na **Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás (UFG)**
(<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/>).

Outras formas de registro:
Publica Ciar - Acervo de Materiais Ciar UFG, no link: <https://publica.ciar.ufg.br/>

BATISTA, Lanne Janaína. **De leitor a autor: leitura literária e produção de *fanfics* em sala de aula.** 2024. 210 f. Produto Educacional relativo à Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024.

RESUMO

Este produto educacional em forma de *e-book* apresenta os resultados de um trabalho desenvolvido no Curso de Mestrado Profissional *Stricto sensu* do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás (PPGEEB-CEPAE/UFG), voltado para a formação do leitor literário, cujo objetivo principal foi o de desenvolver condições didático-metodológicas para a formação do leitor literário na Educação Básica, em escola sem biblioteca escolar, por meio da leitura de contos literários mediada pela Pedagogia dos Multiletramentos. O trabalho foi realizado entre os anos de 2021 e 2023 dentro da linha de pesquisa Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes. É apêndice da dissertação, fruto de uma pesquisa-ação de caráter participante realizada com a coordenadora pedagógica, duas professoras de Língua Portuguesa e 86 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Parque dos Buritis, intitulada ‘Formação do leitor literário e Pedagogia dos Multiletramentos em escola sem biblioteca escolar: *redesigning* contos literários’. Sua base teórica teve como principais autores: para as questões relacionadas ao ensino de literatura – Andruetto (2012, 2017), Candido (1999, 2004), Cosson (2014, 2016, 2021), Montes (2020), Petit (2008, 2009, 2013, 2019), Todorov (2006, 2009) e Zilberman (2008, 2012); a leitura literária como compartilhamento de um capital cultural garantido pela leitura dos clássicos – Bourdieu (2007), Calvino (2007), Saviani (2009, 2011) e Snyders (1993); para refletir-se sobre a biblioteca escolar, as Diretrizes da IFLA (2016) e para o desenvolvimento da Pedagogia dos Multiletramentos e *redesign*, Cazden *et al.* (2021), Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) e Rojo e Moura (2019). O trabalho de intervenção pedagógica se desenvolveu através de 16 encontros com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da escola-campo, nos quais foram aplicadas aulas voltadas para a leitura de contos literários de Machado de Assis e Clarice Lispector, mediadas pelos movimentos pedagógicos da Pedagogia dos Multiletramentos. Os instrumentos de coleta de dados foram o diário de campo, três questionários e as *fanfics*, produções textuais feitas dentro da perspectiva do *redesign* (redesenho). Assim, este material se divide em duas partes. A primeira traz o percurso teórico-metodológico das aulas realizadas na intervenção pedagógica, demonstrando a importância de metodologias assertivas para o desenvolvimento de um letramento literário, de modo a servir como suporte pedagógico para auxiliar docentes e profissionais da educação a buscarem possibilidades para o trabalho com a leitura literária apropriadas a seus contextos de ensino. Já na segunda parte estão disponibilizadas as *fanfics* feitas pelos alunos para que possam ser lidas e apreciadas, com o intuito de inspirar novas propostas dentro de uma prática transformada e compartilhada. Assim, torna-se público o resultado de todo o processo realizado e oportuniza-se que, de um lado, mais docentes e mediadores da leitura literária tenham esse aporte teórico que venha a embasar suas práticas, e de outro, que os alunos se sintam motivados através do compartilhamento dos seus textos em formato de um livro digital.

Palavras-chave: formação do leitor literário; biblioteca escolar; pedagogia dos multiletramentos; contos literários; *fanfics*.

SUMÁRIO

Introdução	12
PARTE I – O CONTO NA SALA DE AULA: FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO E PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS	15
1 A formação do leitor literário na Educação Básica.....	16
1.1 Fora da biblioteca, dentro do livro: a leitura literária na escola	16
1.2 Do letramento aos multiletramentos: um percurso pela teoria.....	21
1.3 Da Prática Situada à Prática Transformada: apontamentos sobre a Pedagogia dos Multiletramentos	25
2 <i>Redesign</i> (redesenho) de contos literários e Pedagogia dos Multiletramentos ...	30
2.1 Percurso entre a Prática Situada e a Prática Transformada	30
2.1.1 Este ou aquele? A (difícil) escolha da obra literária.....	30
2.1.2 O corpo-a-corpo com o texto literário: a mediação em sala de aula	33
2.1.3 Ser fã da ficção: considerações sobre as <i>fanfictions</i>	33
2.1.4 Da reflexão à ação: proposta metodológica para a leitura de contos.....	35
3 Da leitura literária à escrita de <i>fanfics</i>: relatos da experiência em sala de aula	40
PARTE II – FIQUE FÃ: MOSTRA DE <i>FANFICS</i> DE CONTOS DE MACHADO DE ASSIS E CLARICE LISPECTOR	47
Apresentação	48
4 MACHADO REDESENHADO: releituras de contos clássicos	50
4.1 <i>Fanfics</i> de ‘Missa do galo’, Machado de Assis.....	50
4.2 <i>Fanfics</i> do ‘Conto de escola’, Machado de Assis	89
4.3 <i>Fanfics</i> de ‘Umás férias’, Machado de Assis.....	109
4.4 <i>Fanfics</i> de ‘O espelho’, Machado de Assis	127
5 ENTRE LAÇOS E ABRAÇOS: redesenhos de Clarice.....	129

5.1 <i>Fanfics</i> do conto ‘Os laços de família’, de Clarice Lispector.....	130
5.2 <i>Fanfics</i> do conto ‘O crime do professor de matemática’, de Clarice Lispector.....	146
5.3 <i>Fanfic</i> do conto ‘Amor’, de Clarice Lispector	149
5.4 <i>Fanfic</i> do conto ‘Uma galinha’, de Clarice Lispector	150
5.5 <i>Fanfic</i> do conto ‘Mistério em São Cristóvão’, de Clarice Lispector.....	151
5.6 <i>Fanfic</i> do conto ‘A imitação da rosa’, de Clarice Lispector	152
5.7 <i>Fanfics</i> do conto ‘Feliz aniversário’, de Clarice Lispector	154
5.8 <i>Fanfics</i> do conto ‘O búfalo’, de Clarice Lispector.....	181
Considerações finais	204
Referências	205

Introdução

Este produto educacional consiste em um *e-book* intitulado ‘De leitor a autor: leitura literária e produção de *fanfics* em sala de aula’, resultante da dissertação de mestrado ‘Formação do leitor literário e pedagogia dos multiletramentos em escola sem biblioteca escolar: *redesigning* contos literários’, critérios exigidos pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB-CEPAE/UFG) para a obtenção do grau de mestra no Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica.

Após perpassar por uma pesquisa-ação de caráter participante, ocorrida no final do ano letivo de 2022, em uma escola da rede estadual de ensino de Goiás, situada na cidade de Goiânia e que não possui biblioteca escolar – cujos participantes foram a coordenadora pedagógica e duas professoras de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental, assim como 86 alunos dos 9ºs anos do Ensino Fundamental –, foram tecidas considerações a respeito da formação do leitor literário neste contexto em que o livro literário não é facilmente disponibilizado, tampouco ofertado de maneira recorrente e diversificada aos alunos, fator que confere uma das dificuldades dos docentes no trabalho em prol da formação do leitor literário. A biblioteca escolar é um direito, assim como o acesso à literatura, mas que como tantos outros direitos básicos não tem chegado a todos.

Desse modo, o objetivo que norteou todo este trabalho foi buscar desenvolver condições didático-metodológicas para a formação do leitor literário na Educação Básica, em escola sem biblioteca escolar, de modo a munir os docentes e profissionais preocupados com a formação do leitor literário com práticas pedagógicas capazes de suprir essas dificuldades e levar o livro literário, seja no formato físico, seja no formato digital, para a sala de aula, para o trabalho com os alunos e promover um contato não fortuito, mas uma leitura minuciosa do texto literário de forma a propiciar ao aluno a compreensão do texto e buscar nele um processo de identificação.

A hipótese que direcionou o trabalho é que, na falta da biblioteca escolar como elemento mediador da leitura literária e formação do leitor, faz-se necessário encontrar soluções didático-metodológicas para a efetivação do trabalho, já que se constitui direito do aluno receber essa formação e é dever da escola propiciá-la. Assim, foi utilizada a Pedagogia dos Multiletramentos¹ como elemento mediador para a formação do leitor literário, conceito-chave que será explorado no decorrer deste material.

¹ Este e outros conceitos aqui previamente introduzidos serão detalhados no decorrer do *e-book*.

Para tal, o trabalho apoiou-se teoricamente em três frentes: autores preocupados com a formação do leitor literário na Educação Básica, que trazem o acesso à literatura como um direito e como forma de acesso a um capital cultural que precisa ser garantido pela escola, como Andruetto (2012, 2017), Bourdieu (2007), Calvino (2007), Candido (1999, 2004), Cosson (2014, 2016, 2021), Montes (2020), Petit (2008, 2009, 2013, 2019), Saviani (2009, 2011), Snyders (1993), Todorov (2006, 2009) e Zilberman (2008, 2012); autores e legislações que trazem a importância da biblioteca escolar, como as Diretrizes da International Federation of Library Associations and Institutions para a Biblioteca Escolar (IFLA, 2016) e a Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010 (Brasil, 2010); e como aparato didático-metodológico, ancorou-se na Pedagogia dos Multiletramentos, trazida por autores como Cazden *et al.* (2021), Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) e Rojo e Moura (2019), dentre vários outros autores cujos estudos foram necessários para embasar a pesquisa.

Destarte, o *e-book* está dividido em duas partes. A primeira, intitulada **O conto na sala de aula: formação do leitor literário e Pedagogia dos Multiletramentos**, traz reflexões acerca da formação do leitor literário na Educação Básica, tendo como suporte os documentos oficiais e autores que defendem o direito ao acesso à essa leitura de forma que o aluno possa apropriar-se de um letramento literário, fase em que a literatura fará parte de seu cotidiano, mesmo fora do contexto escolar. Além disso, busca mostrar a importância das pontes que ligam o aluno ao livro literário, como o papel da biblioteca escolar no processo de formação do leitor literário, mas que em falta dela, alternativas precisam ser encontradas. Deste modo, a Pedagogia dos Multiletramentos constitui um alicerce didático-metodológico capaz de levar aos docentes bases teóricas e ideias para nortear esse objetivo. A vivência obtida durante a pesquisa-ação participante realizada pretende suscitar ideias para novos trabalhos relacionados à formação do leitor literário como uma forma de inspiração para práticas que abarquem a necessidade iminente de ofertar o livro e a leitura literária aos alunos de escolas públicas de forma intencional e bem planejada.

Já a segunda parte é a cerejinha do bolo! **Fique fã: mostra de fanfics de contos de Machado de Assis e Clarice Lispector** traz os textos produzidos pelos alunos em um processo de *redesign* (Cazden *et al.*, 2021) ou redesenho, uma escrita criativa a partir da leitura dos contos literários de Machado de Assis e Clarice Lispector desenvolvida durante a intervenção pedagógica mediada pela Pedagogia dos Multiletramentos. O objetivo é compartilhar as criativas *fanfics* produzidas pelos alunos e comprovar a eficácia do trabalho pensado e executado em defesa ao acesso à leitura literária, aos clássicos da literatura, a estratégias que respeitem o texto literário em sua integridade e que sejam atrativas para os alunos, posto que

fazem parte de um contexto altamente midiaticizado no qual já estão inseridos. Assim, será possível também que os próprios alunos vejam e compartilhem os frutos de seus esforços perante esse trabalho.

Não obstante o produto final sejam produções textuais, é mister reforçar que a leitura foi o principal viés trabalhado. Dar o livro ao aluno, fazer ler, ler junto, encontrar nos vazios dos textos pistas para promover sentidos, buscar identificações entre os leitores e as leituras para que assim, cheios de dúvidas sobre o que poderia ter acontecido e com a imaginação aguçada, pudessem se tornar alunos-autores.

Por fim, não há receita pronta e infalível para a formação de leitores literários, mas há caminhos. E acredita-se que boas práticas podem e devem ser compartilhadas de modo a inspirar tantas outras e fazermos chegar aos nossos alunos o livro e a leitura, principalmente os das escolas públicas desprovidas da biblioteca escolar, lugar que se entende como uma agência de letramentos e fomentadora do letramento literário.

**PARTE I – O CONTO NA SALA DE AULA: FORMAÇÃO DO LEITOR
LITERÁRIO E PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS**

1 A formação do leitor literário na Educação Básica

1.1 Fora da biblioteca, dentro do livro: a leitura literária na escola

A necessidade de discutir e efetivar práticas pedagógicas voltadas para a formação do leitor em escolas públicas não é recente, tão pouco inédita. No entanto, dadas as condições em que se encontra grande parte dos alunos das escolas brasileiras, cujos dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) apontam para o nível mínimo de letramento em leitura – nível 2 – que esses estudantes deveriam adquirir até o final do Ensino Médio (Brasil, 2020, p. 70), a temática não cai em desuso. É fundamental que a reflexão, a defesa e o trabalho para que a formação do leitor profícuo, letrado, preparado para atuar socialmente por meio da linguagem em suas variadas manifestações, ocorra ainda na Educação Básica.

Se existe uma dificuldade em trabalhar o letramento em leitura com gêneros textuais disponíveis não somente nos livros didáticos, mas aqueles encontrados a todo momento nos contextos cotidianos da comunicação humana em uma sociedade altamente midiaticizada (jornais, revistas, internet e outros), faz-se imprescindível refletir: em que lugar fica a leitura literária nas práticas de letramento ofertadas na escola, cujo objeto de estudo materializa-se no artefato livro?

Barboza, Teno e Sampaio (2019), no artigo ‘O letramento literário no Ensino Médio sob a perspectiva dos multiletramentos’, apontam alguns entraves que dificultam e muitas vezes impedem que as práticas de leitura literária se efetivem no Ensino Médio. São eles a falta de estrutura física nas escolas, a falta de bibliotecas escolares ou bibliotecas com acervo restrito, pouco diversificado e atrativo, carga horária reduzida para o ensino de literatura, falta de consciência metodológica por parte do professor, que muitas vezes privilegia o viés estruturalista da linguagem, com aulas pautadas em práticas que não propiciam a leitura literária efetivamente no contexto escolar, metodologia essa muito rechaçada por estudiosos e defensores do ensino da literatura, como Petit (2008, 2009, 2013, 2019), Zilberman (2008, 2012), Todorov (2009), Andruetto (2012, 2017), Montes (2020), e tantos outros autores que versam sobre a temática. Apesar do artigo citado referir-se ao Ensino Médio, essas dificuldades perpassam todo os níveis da Educação Básica, prejudicando o processo de formação do leitor literário que deveria ser desenvolvido durante as aulas de Língua Portuguesa, pois o letramento literário como “prática social e, como tal, responsabilidade da escola” (Cosson, 2016, p. 23) precisa ser construído desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, fazendo-se necessário, para tal, que o docente de Língua Portuguesa insira o texto literário, principalmente o livro

literário, nas suas práticas de ensino, pois a literatura tem um papel importante na construção da identidade dos sujeitos e de sua forma de agir no mundo (Petit, 2019).

A leitura literária nos edifica e nos humaniza à medida que nos permite vivenciar situações, sentimentos e experiências que, ao serem vislumbradas pelo olhar de fora, contribuem para o “fortalecimento do imaginário de uma pessoa, e é com a imaginação que solucionamos problemas” (Zilberman, 2012, p. 148). Todorov (2009, p. 78) compartilha dessa mesma concepção, posto que considera que a “obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial”. O papel ordenador da palavra processado no interior do texto literário propicia uma superação do caos interno vivenciado cotidianamente (Candido, 2004). Aqui, em um percurso em sintonia ao freiriano, a leitura da palavra possibilita uma organização da mente e dos sentimentos, para que se possa ‘ler’ o mundo também de uma forma organizada.

O acesso ao capital cultural (Bourdieu, 2007) – tendo a arte literária como uma de suas manifestações – faz parte dos direitos humanos, que, assim como os demais bens necessários à sobrevivência, não pode ser negligenciado, pois é “fator indispensável de humanização” (Candido, 2004, p. 175). Assim, os livros literários podem ser comparados a pontes que ligam, por meio da escrita e da leitura, pessoas e “condições de humanidade de uma cultura e as formas estéticas geradas a partir delas, entre o mundo íntimo de quem escreve e a sociedade à qual pertence, entre o ‘mais propriamente meu’ [...] e as vozes dos outros” (Andruetto, 2017, p. 28).

Como a literatura é concebida como “memória e, como tal, necessita construir com palavras um *plus*, uma distorção ou um deslocamento de sentido, uma fissura que nos permita ir em busca do que ainda desconhecemos” (Andruetto, 2017, p. 33), é necessário que seja acessada pelos alunos da Educação Básica, não em um viés estruturalista, preocupado com contextos e escolas literárias (Todorov, 2009), mas em um processo de identificação entre a leitura e o leitor (Petit, 2008), no qual se vislumbra no outro o que é essencial em nós (Andruetto, 2012). A mediação, importante meio para a formação de leitores, é o processo que proporciona esse encontro, é uma “ponte que une quem escreveu o livro e quem lê, uma ponte que editores e mediadores levantam” (Andruetto, 2017, p. 34). E é esse modo de conectar o livro ao leitor, a leitura literária ao leitor, que fará toda a diferença.

Uma das grandes mediadoras entre o livro e o leitor é a biblioteca escolar, lugar decisivo para a formação de leitores, cuja função é a de “propiciar práticas que fomentem o gosto pela leitura” e, para tal, precisa assumir “uma postura de agência de letramento, possibilitando que as pessoas se apropriem do conhecimento, façam usos efetivos da leitura e

escrita em suas vidas” (Campos, 2018, p. 40). Montes (2020) ressalta que os frequentadores de bibliotecas não se tornam necessariamente especialistas, pessoas cultas, mas leitores, pessoas que caminham pela cultura. O fato de a biblioteca não ser um espaço impositivo ou vigiado, posto que fluido e constante, promove a formação de leitores. No entanto, a não utilização da biblioteca escolar como agência fomentadora da leitura literária e como uma agência de letramentos é um elemento agravante no processo de formação do leitor literário, visto que a realidade social brasileira não permite que a aquisição de livros literários seja algo corriqueiro na vida dos estudantes. Em uma visão local, temos que 20,53% das escolas da rede estadual de ensino de Goiás não possuem biblioteca escolar (Santos *et al.*, 2017). Compreendendo o livro “como face material da literatura” (Zilberman, 2012, p. 195) e a biblioteca escolar como único local de acesso a ele para a maioria dos alunos da rede pública, indaga-se: como é possível formar leitores literários sem material autêntico de leitura – livros literários – que deveria ser disponibilizado nas bibliotecas escolares?

As ‘Diretrizes da IFLA para a Biblioteca Escolar’ definem a biblioteca escolar como “um espaço de aprendizagem físico e digital na escola onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento pessoal, social e cultural” (IFLA, 2016, p. 19). A legislação educacional brasileira, por meio da Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010 (Brasil, 2010), entre outras, também dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país, estabelecendo condições e prazos para que as bibliotecas escolares sejam implementadas nas escolas da rede pública e privada. Mas, lamentavelmente, nem todas as escolas possuem biblioteca e nem todas as que possuem a compreendem como agência fomentadora da leitura literária.

Por um lado, é extremamente importante cobrar do poder público o cumprimento efetivo da lei, garantindo a presença e a manutenção das bibliotecas em nossas escolas, por outro, não se pode cruzar os braços e aguardar que isso aconteça: “[...] o direito de ler na escola é inalienável, e além de direito do aluno, é dever do professor de Língua Portuguesa garanti-lo, apesar de todas as contingências contrárias” (Silva; Faria, 2018, p. 110). Independente do quadro que se apresente, entraves não podem inviabilizar a formação do leitor literário nas escolas públicas. Nesse sentido, entende-se que é preciso encontrar meios para se trabalhar a formação do leitor literário na Educação Básica com material literário autêntico, de modo a propiciar a ampliação das capacidades leitoras, a fruição e o letramento literário (Cosson, 2014, 2016, 2021) no ambiente escolar.

Além disso, Montes (2020) também aponta algumas condições para a formação do leitor literário na escola. A primeira é inserir a perplexidade, o enigma, ou seja, a leitura precisa nos causar uma estranheza, já que ela

[...] nos coloca diante do enigma. Ela, digamos, ‘perplexifica’ [...]. Deixa-nos à beira da iminência. E é esse enigma, essa iminência, essa primeira escuridão com a qual alguém, justamente, se confronta com o que o leva a ler. É esse vazio que deve ser preenchido. Esse silêncio que se enche com palavras. É assim que leitura respira. O ar não entra sozinho nos nossos pulmões, é o vazio que se faz nos pulmões que arrasta o ar para dentro [...]. E com a leitura é igual. Tem que haver um vazio que será preenchido lendo (Montes, 2020, p. 33).

A segunda condição está relacionada à diversidade de leituras que precisa ser ofertada, sempre se pautando no que a autora chama de ‘boa ficção’ e, por fim, na figura do ‘outro leitor’, do mediador. “O encontro leitor-leitor é um vínculo de grande transcendência. É mais que isso, creio que o vínculo entre professor e aluno deverá ser transformado em um encontro leitor-leitor” (Montes, 2020, p. 192), ressaltando a importância do professor (ou do mediador) ser um leitor.

Entender a formação do leitor literário na Educação Básica, desse modo, como um meio de garantir esse direito aos alunos, é pensar sobre como o livro chega até o aluno e como o livro parte com ele, considerando-se essa leitura um processo de letramento literário. Para Petit (2008, p. 185), “mesmo em contextos difíceis, não somos impotentes”, se dispusermos de uma margem de manobra. Porém, acrescenta que “em certos contextos é preocupante a estreiteza dessa margem” (Petit, 2008, p. 186). Portanto, é mister compreender como contornar os vários entraves que dificultam ou inviabilizam essa prática para instrumentalizar-se de modo a desenvolver um trabalho eficaz em meio a esse cenário, em que, de um lado, está a família que não consegue abastecer culturalmente suas crianças e jovens, e de outro, a escola com uma série de desafios para um trabalho eficaz com a leitura do texto literário.

Durante todo o percurso do livro ‘O jovem e a leitura: uma nova perspectiva’ (2008), Michèle Petit aponta para o espaço da biblioteca como agência de fomento à formação do leitor, à introdução ao universo literário e do bibliotecário como mediador; da biblioteca como espaço não só de formação, mas de manutenção desse leitor, visando a um processo de autonomia, uma vez que oportuniza o contato com diversas obras, autores e servindo a diferentes necessidades, sejam elas pessoais, culturais, de lazer ou até mesmo de trabalho. Entre o livro e o leitor está a biblioteca. Mas aqui, no nosso contexto, esse elo ou está empobrecido ou não existe. Essa ‘margem de manobra’ está bem mais estreita e frágil que se possa imaginar.

Por isso, para refletir sobre a formação do leitor literário na Educação Básica e situar essa prática realizada na escola, de modo a instrumentalizar o docente que trabalha diretamente com esse escopo, é necessário vislumbrar possibilidades didático-metodológicas em que o acesso aos livros literários por meio da biblioteca escolar é restrito ou inexistente.

Hodiernamente, o leitor faz parte de um mundo altamente midiático e influenciado pelas redes sociais, necessitando-se que o processo de mediação da leitura literária seja pensado para esse contexto. A Pedagogia dos Multiletramentos, termo inserido a partir de 1996 pelo manifesto publicado pelo New London Group² (Cazden *et al.*, 2021), defende a importância de se trabalhar com a língua de modo a considerar as importantes mudanças sociais ocasionadas pelo advento das tecnologias da informação e da comunicação, levando em consideração, no ensino, as multisssemioses, multimodalidades e multiculturalidades presentes socialmente. Logo, caracteriza-se como uma proposta didática “de grande interesse imediato e condiz com os princípios da pluralidade cultural e de diversidade de linguagens envolvidos no conceito de multiletramentos” (Rojo, 2012, p. 30).

Pensada como estratégia didático-metodológica, a Pedagogia dos Multiletramentos constitui uma importante ferramenta de mediação para a formação do leitor literário em escolas sem biblioteca escolar, pois, além de contemplar as etapas para o letramento literário propostas por Cosson (2014), permite ao aluno experimentar novas semioses, novas modalidades e a leitura na tela do computador, talvez única forma de acesso à leitura em espaços onde não há livros, mas há internet.

Os mais conservadores podem considerar que a estratégia subjuga a função do livro e da biblioteca escolar, mas pelo contrário, encontra meios onde não há biblioteca física para o trabalho efetivo com a leitura literária em sala de aula. No mais, é

[...] indispensável introduzir essa hibridização das mídias na questão da leitura; mantê-las de fora é absurdo e pouco eficaz. E isso não vai contra a leitura da letra, da história, da poesia, da informação, que tem, do lugar da linguagem, um papel único, uma zona própria. Vai em favor de colocar o leitor na possibilidade, que deve ser lícita, explícita e estimulada, de aproveitar tudo o que seu tempo lhe oferece, de se infiltrar, com atitude de leitura, por toda parte (Montes, 2020, p. 206-207).

É mister defender que o compartilhamento de um patrimônio cultural tão valioso e necessário não seja deixado em segundo plano. A leitura literária deve ser garantida pela escola,

² “No final do século 20, em 1996, um grupo de pesquisadores ingleses, americanos e australianos reuniu-se, na cidade de Nova Londres (EUA), para discutir as mudanças, então recentes, que estavam sofrendo os textos e, decorrentemente, os letramentos. Por isso, foi alcunhado como Grupo de Nova Londres (GNL - New London Group). Faziam parte do grupo pesquisadores como Bill Cope, Mary Kalantzis, Gunther Kress, James Paul Gee, Norman Fairclough, todos interessados em linguagem e educação linguística” (Rojo; Moura, 2019, p. 19).

principalmente a leitura dos clássicos (Calvino, 2007), compreendendo-se o clássico na escola como “o que se firmou como essencial” (Saviani, 2011), como uma experiência emotiva não correspondente à vida cotidiana, mas que, como “obrigação, é a chance que cada um tem de encaminhar-se para aquilo que ainda não atraía” (Snyders, 1993), buscando-se possibilidades para que os livros permaneçam na vida dos leitores, habitando suas memórias (Andruetto, 2017).

Então, vamos conhecer um pouco mais sobre a Pedagogia dos Multiletramentos? Para isso, antes, é necessário entender melhor os conceitos de letramento, letramentos, novos letramentos, multiletramentos e letramento literário.

1.2 Do letramento aos multiletramentos: um percurso pela teoria

A leitura em nossa sociedade possui uma tendência emancipatória. Enquanto ato de conquista, é “fundamentalmente uma forma especial de o homem relacionar-se com o mundo e com os outros homens, abrindo perspectivas para o aumento quantitativo e qualitativo do conhecimento” (Silva, 1994, p. 36). No entanto, o modo de ler o mundo não é o mesmo desde sempre. Se consideradas as primeiras línguas faladas, passando pelo surgimento da escrita e seu papel no controle social até as mudanças ocorridas na sociedade por meio do advento das tecnologias da comunicação/informação, há de se observar que a multimodalidade³ presente nas primeiras línguas foi apagada pelo grafocentrismo, mas retorna fortemente com a ascensão das novas mídias (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020). Assim, considerar-se-á que todas as mudanças sociais provocam a necessidade de letrar os indivíduos de cada época para atuarem socialmente por meio da linguagem, cabendo à escola esse importante papel.

As novas demandas sociais, dadas as novas exigências relacionadas ao mundo do trabalho, à sociedade do conhecimento, às novas formas de se enxergar e de se participar da cidadania e da vida comunitária exigem mudanças nas abordagens metodológicas de ensino e aprendizagem. O acesso à educação enquanto “chave de oportunidade social” (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 52) é a forma de mitigar e minimizar as desigualdades sociais. Ela contribui para que o sujeito possa perpassar por diferentes contextos de uso da língua, capacitando-o a “atuar em um mundo multicultural altamente interconectado e globalizado” (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 53).

³ “Uso combinado de diferentes modalidades de construção de significados: escrita, visual, audiovisual, espacial, tátil e oral” (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 47).

Na sociedade atual, o acesso à leitura e à escrita ocorrem por meio da alfabetização, ato pelo qual o indivíduo consegue reconhecer as correspondências fonéticas da língua por meio do código alfabético e ortográfico. Já o acesso ao letramento, ou seja, “ao saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente” (Soares, 2009, p. 20), se dá a partir do estímulo e da inserção nas práticas leitoras que circundam socialmente. Um sujeito não alfabetizado pode ser letrado, pois sabe fazer uso social da língua ao pegar um ônibus, ao fazer compras, ao usar um caixa eletrônico, por exemplo.

Street (2014) afirma que a escolarização passou a definir padrões de letramento e a marginalizar os letramentos chamados de não-escolares. Não obstante, mesmo que o letramento escolar se revele como um “produto de pressupostos ocidentais sobre escolarização, mais do que algo necessariamente intrínseco ao próprio letramento” (Street, 2014, p. 125), faz-se necessário considerar a importância da alfabetização e da escola nesse processo de democratização das práticas de letramento. À escola cabe letrar no sentido de “criar eventos [...] que integrem os alunos em práticas de leitura e escrita socialmente relevantes que eles ainda não dominem” (Rojo; Moura, 2019, p. 18), propiciando-lhes a participação em práticas letradas de esferas socialmente valorizadas como a escolar, a jornalística, a burocrática e a literária, por exemplo.

A amplitude, portanto, do termo letramento não propicia que seu conceito seja unilateral. Street (2014), Dudeney, Hockly e Pegrun (2016), Rojo e Moura (2019), Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) e Cazden *et al.* (2021) são unânimes em concordar que há muitos letramentos, demonstrando a necessidade de pluralizar a nomenclatura, já que todos os letramentos corroboram para o exercício de práticas sociais por meio da linguagem. Mas apenas a palavra letramentos também não sintetiza sua significação, tamanha a abrangência de seu alcance. Com o advento das tecnologias digitais da informação (TDICs) –, da *web 2.0*⁴, emerge o conceito dos novos letramentos, os quais são múltiplos, multimodais e multifacetados, ou seja, são “mais participativos, colaborativos, distribuídos [...]. Os novos letramentos maximizam relações, diálogos, redes e dispersões, são o espaço da livre informação e inauguram uma cultura do remix e da hibridação” (Rojo; Moura, 2019, p. 26).

Desse modo, vêm à tona discussões a respeito de letramentos particulares como o letramento impresso, tendo como foco a linguagem; o letramento em pesquisa e em informação,

⁴ “Web 2.0: nova geração de ferramentas baseadas na web como blogs, wikis e sites de redes sociais, focadas na comunicação, no compartilhamento e na colaboração, e que, portanto, transforma usuários comuns da internet, de consumidores passivos de informação, em colaboradores ativos de uma cultura partilhada” (Dudeney; Hockly; Pegrun, 2016, p. 18).

tendo como foco a informação; o letramento em rede, com foco nas conexões e o letramento *remix*, com foco no (re)desenho. Todos esses novos letramentos estão relacionados ao impacto das novas tecnologias sobre a língua e sobre a necessidade de se trabalhar com o alunado habilidades próprias do século XXI, envolvendo as tecnologias digitais, como a “criatividade e inovação, pensamento crítico e capacidade de resolução de problemas, colaboração e trabalho em equipe, autonomia e flexibilidade, aprendizagem permanente” (Dudeney; Hockly; Pegrun, 2016, p. 16).

Toda a ampliação nos processos oriundos das “novas tecnologias, aplicativos, ferramentas e dispositivos viabilizaram e intensificaram novas possibilidades de textos/discursos – hipertexto, multimídia e, depois, hipermídia – que, por seu turno, ampliaram a multisssemiose ou multimodalidade dos próprios textos/discursos” (Rojo; Moura, 2019, p. 26) e fizeram, assim, com que mais uma vez o termo letramento se ampliasse, passando, nesse contexto, a ser entendido como novos multiletramentos, os quais abarcam a necessidade de se interagir com as novas ferramentas que possibilitam o acesso à comunicação e à informação, que, por sua vez, são permeadas pelas multimodalidades, pelas multisssemioses e pela multiculturalidade.

Os multiletramentos englobam, ao mesmo tempo, “a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” (Rojo, 2012, p. 13), trazendo uma nova ética que se baseia mais nos diálogos que na propriedade intelectual, produzindo novas interpretações (*remixers/redesign/redesenho*) e é fundamentada nos letramentos críticos. Mediante as novas mídias digitais, linguagens e semioses, os letramentos tornaram-se multi, para os quais ferramentas que vão muito além da escrita e do analógico se fazem necessárias, entrando em campo o audiovisual, o tratamento do som e da imagem, etc. Assim, a grande característica dos “novos (hiper)textos e (multi)letramentos é que eles são interativos” (Rojo, 2012, p. 23) e dependem diretamente da interação entre os usuários, perpassando por uma lógica interativo-colaborativa.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) compreende toda essa necessidade de se trabalhar o letramento, os letramentos, os novos letramentos e os multiletramentos na Educação Básica, orientando o ensino de Língua Portuguesa por meio de quatro campos de atuação: Campo Jornalístico-Midiático, Campo de Atuação na Vida Pública, Campos das Práticas de Estudo e Pesquisa e Campo Artístico Literário (Brasil, 2017). Para esse último, faz-se imprescindível a inserção do alunado em práticas de usos sociais da leitura literária por meio do letramento literário, o qual “não começa nem termina na escola, mas é uma aprendizagem

que nos acompanha por toda a vida e que se renova a cada leitura de uma obra significativa” (Paulino; Cosson, 2009, p. 67), constituindo-se, portanto, mais uma forma de letramento.

O letramento literário pode iniciar antes do processo de alfabetização em casos nos quais a criança é inserida desde cedo no universo da contação de histórias e da fabulação. No caso de adultos não alfabetizados, há também aqueles que são exímios contadores de história, poetas, repentistas, autores de *slams*, entre outros gêneros, que transmitem oralmente seus saberes literários. No entanto, como aponta Zilberman (2012), é a alfabetização que propicia que o sujeito se torne um leitor autônomo, capaz de fazer suas próprias escolhas, e, assim como em outros processos de letramento de variedades prestigiadas socialmente, é preciso letrar-se literariamente.

Graça Paulino afirma que “o letramento literário configura a existência de um repertório textual, a posse de habilidades de trabalho linguístico-formal, o conhecimento de estratégias de construção de texto e de mundo que permitem a emersão do imaginário no campo simbólico” (Paulino, 2010, p. 143). Rildo Cosson, outro grande estudioso da área, define o letramento literário como um “processo de apropriação da literatura enquanto linguagem” (Cosson, 2014). Barboza, Teno e Sampaio (2019, p. 51) asseguram que “são as relações da leitura com a sociedade” que designam o letramento literário.

Letrar o indivíduo literariamente é, portanto, propiciar-lhe – através do contato com diversos suportes, gêneros, autores e estilos – que faça um uso intrínseco da leitura literária relacionando-a à vida, dado seu aspecto humanizador, mas sem desconsiderar a forma com que essa linguagem é trabalhada artisticamente. Por isso, esse processo depende tanto da alfabetização quanto do letramento e só se efetiva “quando acontece o relacionamento entre um objeto material, o livro, e aquele universo ficcional, que se expressa por meio de gêneros específicos – a narrativa e a poesia, entre outros – a que o ser humano tem acesso graças à audição e à leitura” (Zilberman, 2012, p. 130). O letramento literário é fruto de uma constante interação entre o sujeito e a leitura literária, de forma que essas leituras façam parte da sua vida, do seu imaginário, do seu discurso.

Para trabalhar todos esses letramentos aqui mencionados é imprescindível que o docente possua uma clareza teórico-metodológica que embase o ensino. Devido a essa necessidade, Cazden *et al.* (2021), entre outros autores, preocuparam-se em buscar uma Pedagogia dos Letramentos e posteriormente dos Multiletramentos como forma de direcionar o ensino de Língua Portuguesa de modo a contemplar os objetivos educacionais focados nesse viés. Por esse motivo, no tópico a seguir detalha-se a Pedagogia dos Letramentos e dos Multiletramentos.

1.3 Da Prática Situada à Prática Transformada: apontamentos sobre a Pedagogia dos Multiletramentos

O letramento e sua multiplicidade fez emergir uma pedagogia capaz de vislumbrar seus propósitos orientando a prática educacional para sua efetivação. Assim, a Pedagogia dos Letramentos visa “fornecer aos aprendizes os elementos efetivos para a construção de significados, o que está na base do conceito de letramentos” (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 66). O termo pedagogia, “partindo de sua própria etimologia, significa não apenas a condução da criança, mas a introdução da criança na cultura” (Saviani, 2011, p. 66). Entende-se, no entanto, nesse contexto, por Pedagogia, “a relação de ensino e de aprendizagem que potencializa a construção de condições de aprendizagem que levem à equidade na participação social” (Cazden *et al.*, 2021, p. 13).

Essa abordagem contribui para um desenvolvimento produtivo e intencional dos letramentos, podendo ser aplicada para a efetivação de qualquer um deles, inclusive o literário, e é realizada através de processos de conhecimento “que captam a variedade de diferentes tipos de atividade que os alunos podem realizar como parte de seu processo de aprendizagem” (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 75), perpassando por quatro etapas: experienciando (o conhecido e o novo); conceitualizando (por nomeação e por teoria); analisando (funcional e criticamente); aplicando (apropriada e criativamente).

Rojo (2012) aponta que o surgimento de uma Pedagogia dos Multiletramentos ocorre a partir do manifesto publicado pelo New London Group. Esse manifesto, ainda em 1996, afirma a importância de se trabalhar o ensino da língua levando em consideração as modificações trazidas pelas tecnologias da informação e da comunicação, a multiculturalidade presente nos contextos escolares em um mundo cada vez mais globalizado e com dificuldades de se lidar com as diferenças. Nessa proposta, “o papel da pedagogia é desenvolver uma epistemologia do pluralismo que proporcione acesso sem que as pessoas tenham de apagar ou deixar para trás diferentes subjetividades” (Cazden *et al.*, 2021, p. 33).

O que distingue a Pedagogia dos Letramentos da Pedagogia dos Multiletramentos é que essa última insere às multimodalidades e multissemioses dos textos a multiculturalidade social. No entanto, ambas possuem os mesmos objetivos que são instrumentalizar os educandos a participarem de maneira ativa, colaborativa e consciente do universo midiático no qual estão inseridos, de forma que possam alcançar, por intermédio dessa prática pedagógica, letramentos

críticos. Para isso, “é necessário que eles sejam analistas críticos, capazes de transformar [...] os discursos e significações, seja na recepção ou na produção” (Rojo, 2012, p. 29) de textos.

Nesse viés, “não se trata de ensinar estruturas, formas, modalidades, gêneros ou discursos de cada espaço social concebivelmente relevantes, porque, dadas sua complexidade e sua diversidade, sobretudo no mundo atual, isso não faria muito sentido”, trata-se de “criar experiências de aprendizagem através das quais os alunos possam desenvolver conhecimento e estratégias para ler o novo e o desconhecido quando o encontram” (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 178).

Os processos de conhecimento trabalhados na Pedagogia dos Multiletramentos – como apontado por Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) –, são denominados movimentos pedagógicos por Rojo (2012); já as etapas para a efetivação da prática pedagógica são as mesmas para os autores, mas com a nomenclatura fiel à utilizada pelo New London Group, a qual também será privilegiada nesta proposta: prática situada (imersão); instrução aberta (análise sistemática e consciente – metalinguagem); enquadramento crítico (interpretação) e prática transformada (produção/distribuição – *redesign* /redesenho), meios pelos quais se efetiva a prática de ensino-aprendizagem no contexto atual (Cazden *et al.*, 2021).

Então, vamos entender cada uma delas?

Prática situada: A prática situada é um processo no qual imerge-se nas práticas já conhecidas pelo alunado e inserem-se novas práticas dentro desse contexto (Rojo, 2012). Trata-se de experienciar o conhecido e o novo (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020), de um ‘mergulho’ no mundo das experiências já adquiridas para se direcionar às que ainda se irão adquirir. “Essa é a parte da pedagogia que se constitui pela imersão em práticas significativas dentro de uma comunidade de alunos que são capazes de desempenhar papéis múltiplos e diferentes com base em suas origens e experiências” (Cazden *et al.*, 2021, p. 53).

Instrução aberta: A instrução aberta refere-se à instrução explícita (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020), às instruções que se utilizam da metalinguagem para melhor assimilação e compreensão do objeto em estudos. Para Cazden *et al.* (2021),

[...] o objetivo aqui é a percepção consciente e o controle⁵ sobre o que está sendo aprendido – sobre as relações intrassistemáticas do domínio que está sendo praticado. Um aspecto definidor da Instrução Aberta é o uso de metalinguagens, linguagens de generalização reflexiva que descrevem a forma, o conteúdo e a função dos discursos da prática (Cazden *et al.*, 2021, p. 54).

⁵ Entende-se por controle a avaliação do processo de aprendizagem.

Enquadramento crítico⁶: O enquadramento crítico ocorre por meio da análise do objeto em estudos, seja ela uma análise funcional – pautando-se nos “processos de raciocínio, de estabelecimento de conclusões inferenciais e dedutivas, de relações funcionais (como entre causa e efeito) e de análise de conexões lógicas, em que os aprendizes desenvolvem cadeias de raciocínio e explicam padrões de conhecimento e experiência” (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 79) –, ou seja ela de forma crítica, a qual “sugere avaliação das perspectivas, dos interesses e dos motivos daqueles envolvidos na construção de conhecimento, em que os aprendizes interrogam os propósitos relacionados aos significados ou às ações, com base na interpretação do contexto sociocultural” (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 79).

Prática transformada: A prática transformada é o momento de considerar todo o processo adquirido e fazer um “uso mais inovador do conhecimento” (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 79), produzindo novos textos que podem estar inseridos em um universo multimodal, multimidiático, multicultural do qual o aluno faça parte. Consiste, portanto, em uma “transferência na prática de produção de sentido que coloca o significado transformado para funcionar em outros contextos ou espaços culturais” (Cazden *et al.*, 2021, p. 55). A prática transformada visa a uma reconstrução, uma ressignificação, um *redesign* /redesenho e um compartilhamento do conhecimento ora adquirido.

É válido ressaltar que a Pedagogia dos Multiletramentos leva em consideração que a aprendizagem ocorre por meio do *design*, a qual visa que os alunos não se tornem meros receptores ou repetidores de estruturas e conhecimentos já existentes, mas que sejam criadores de sentido (Rojo, 2012). Segundo Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 59), dentro das novas habilidades de aprendizagem hodiernas e futuras necessárias está a “mentalidade na perspectiva do *design*”, no entanto, o termo *design* aqui não é concebido como desenho ou projeto, traduções possíveis em língua portuguesa, mas como uma metalinguagem especializada utilizada pelo New London Group, o qual ganha um sentido de um

[...] tipo de inteligência criativa de que os melhores profissionais necessitam para poderem, continuamente, redesenhar suas atividades no ato da prática. Também se associa à ideia de que a aprendizagem e a produtividade são resultados de *designs* (estruturas) de sistemas complexos de pessoas, ambientes, tecnologia, crenças e textos” (Cazden *et al.*, 2021, p. 34-35).

⁶ Apesar de o termo ‘enquadramento crítico’ sugerir limitações e parecer paradoxal, ele traz na sua essência a possibilidade de que várias perspectivas e contextualizações sejam feitas em relação ao objeto de estudo. Para evitar distorções quanto ao termo, possivelmente oriundas de sua tradução, faz-se importante observar a terminologia utilizada por Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) – analisando (funcional e criticamente) – em que vários tipos de abordagens e análises podem ser feitos, ao critério do professor, para que esse movimento pedagógico seja desenvolvido em face do intento educacional ao qual se propõe.

O termo *design*, para o New London Group, constitui-se um rico conceito pedagógico, já que pode referir-se tanto “à estrutura organizacional (ou morfologia) dos produtos quanto ao processo de criação” (Cazden *et al.*, 2021, p. 35). Assim, toda atividade semiótica envolve os elementos dos *Designs* Disponíveis, do *Designing* e do *Redesign*, os quais juntos “ênfatizam que a produção de sentidos é um processo vivo e dinâmico, e não algo regido por regras estáticas” (Cazden *et al.*, 2021, p. 35).

Desse modo, os *Designs* Disponíveis estão relacionados aos “recursos para produção de sentidos”, o *Design* como “o trabalho desenvolvido sobre/com os *Designs* Disponíveis no processo semiótico” e o *Redesign* está ligado aos “recursos reproduzidos e transformados por meio do *designing*” (Cazden *et al.*, 2021, p. 40). Assim, é possível afirmar que os movimentos pedagógicos, propostos pela Pedagogia dos Multiletramentos, trazidos pelo New London Group, partem da perspectiva da pedagogia do *design* para conceituar e explicitar da prática situada à prática transformada, visto que,

[...] nesse sentido, o processo de *designing* é um trabalho transformacional que, na vida do construtor de significado, representa a essência da aprendizagem, pois o ato de representar o mundo e as representações de outros no mundo transformam o aprendiz. Do mesmo modo, comunicar essas representações de volta para o mundo também transforma o aprendiz, pois, na medida em que este constrói significados, exerce sua subjetividade nos processos de representação e de comunicação. Como esses significados resultantes são sempre novos, o designer se refaz em seu trabalho de *design*. Essa é uma das principais proposições da teoria dos multiletramentos: que uma teoria do significado como transformação ou *redesign* é também a base para uma teoria da aprendizagem (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 174).

As características da sociedade atual requerem um sujeito que, desde a sua formação escolar, seja ativo, capaz não só de atribuir sentidos, mas de construir significados e de ressignificar os seus propósitos no mundo por meio de sua atuação. Tal fato pode ocorrer por meio de um ensino com base na Pedagogia dos Multiletramentos, a qual permite um trabalho em que se experienciem as aprendizagens, em que os alunos possam se desenvolver por meio da criação e recriação de signos, da transformação de significados, tornando-se sujeitos da aprendizagem, *designers*, ativos, produtivos, criativos, imbuídos sempre em uma prática significativa que propicie uma abertura às diversidades, com foco na solução de problemas, em constante atividade de inovação, propensos a atuar em um mundo em constantes transformações e repleto de pluralidades. Assim, é possível pensar em uma formação cidadã e emancipatória.

Destarte, a escolha da Pedagogia dos Multiletramentos para mediar o trabalho com a leitura literária se dá devido ao fato de que “essa proposta didática é de grande interesse

imediatos e condiz com os princípios da pluralidade cultural e de diversidade de linguagens envolvidos no conceito de multiletramentos” (Rojo, 2012, p. 30). No mais, contempla as quatro etapas para o letramento literário propostas por Cosson (2014): contato direto e interação com as obras literárias, espaço para o compartilhamento das leituras realizadas, ampliação do repertório literário e a oferta de “atividades sistematizadas e contínuas direcionadas para o desenvolvimento da competência literária, cumprindo-se, assim, o papel da escola de formar o leitor literário” (Cosson, 2014). Etapas essas a serem trabalhadas por meio dos quatro movimentos pedagógicos já mencionados. A mediação da leitura literária através da Pedagogia dos Multiletramentos também propicia o incentivo ao gosto pela leitura, a participação ativa dos alunos nesse processo, um vínculo de pertencimento, engajamento e acesso ao mundo multicultural e multimidiático em que estão inseridos (Lino, 2021).

Em face das reflexões e discussões expostas, uma ação pedagógica será proposta a partir da Pedagogia dos Multiletramentos, objetivando o trabalho em prol da formação do leitor literário, concebida, *a priori*, para escolas que não possuem biblioteca escolar, mas que pode ser adaptada a outros contextos e utilizando os materiais disponíveis, desde que possuam a qualidade necessária que a tarefa exige. O importante é que os professores se familiarizem com os elementos da pedagogia em questão e compreendam que não há uma ordem estática dos movimentos pedagógicos para sua execução, podendo usá-los da forma que mais se adeque aos seus intentos educacionais.

Neste ponto, é imprescindível ressaltar que a escolha didático-metodológica se configura como um percurso de inserção da leitura literária em sala de aula, em um trabalho planejado e organizado para se alcançar objetivos que deverão ser traçados pelo docente ou pelo mediador da leitura literária. O modo de se conduzir a relação com o texto é o que fará toda a diferença. Neste caso, trata-se de um viés que prioriza a literatura em seu aspecto humanizador (Candido, 2004), que busca estabelecer uma construção de sentidos propostos pelos vazios do texto em um caráter dialógico (Bakhtin, 2011) e levar o aluno a compreender uma identificação que ele mesmo pode estabelecer entre seu universo, suas vivências e a leitura literária (Petit, 2008, 2009, 2013, 2019).

2 Redesign (redesenho) de contos literários e Pedagogia dos Multiletramentos

2.1 Percurso entre a Prática Situada e a Prática Transformada

Toda ação pensada no viés da formação do leitor literário precisa ter como foco principal a leitura do texto literário de forma integral. Assim, o objetivo aqui é propiciar condições para o trabalho com a leitura literária em sala de aula, possibilitando que esse aluno possa vir a se tornar um leitor desse específico estilo de leitura, dadas as contribuições para a formação escolar e humana proporcionadas por esse ensino já mencionadas. Ensino esse que precisa ser intencionalmente organizado e planejado para atingir tal propósito. Por não ser o famoso ‘vamos ler’, mas como vamos ler e como vamos trabalhar essa leitura em um processo de letramento literário, é preciso construir pontes para perpassar por esse caminho. Para tal, faz-se necessário pensar no que ler, em como ler e depois com o que fazer com essa leitura.

2.1.1 Este ou aquele? A (difícil) escolha da obra literária

De início, normalmente, a escolha das obras literárias a serem trabalhadas em sala de aula devem obedecer a alguns critérios de seleção, pautando-se sempre no direito do aluno de ter acesso a obras que normalmente não conheceria por sua livre e espontânea vontade e que tenham qualidade estética. Segundo Cosson (2016),

[...] ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como a busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos (Cosson, 2016, p. 35-36).

Como o objetivo é o de levar a leitura literária para a sala de aula de uma escola sem biblioteca escolar, o que limita a escolha do material a ser trabalhado, em primeiro lugar, é a falta de possibilidades, a restrição de materiais ou dificuldade de acesso à obra. É sempre válido ressaltar que não há a mesma eficácia que os textos na íntegra, o trabalho com fragmentos de textos, excertos de livros didáticos quase sempre descontextualizados ou utilização de outros materiais menos instigantes do ponto de vista formativo como um texto de autoajuda, um *best*

*seller*⁷, afinal é imprescindível levar em consideração que o trabalho com a leitura literária necessita se pautar em bons livros e um bom livro precisa oferecer riscos, desconforto, ambiguidades, precisa ser capaz “de nos fazer entrar em conflito com nós mesmos” (Andruetto, 2012, p. 151), precisa ativar “a perplexidade, o desejo, o desequilíbrio, a procura de indícios e a construção de sentidos” (Montes, 2020, p. 237). E assim, na falta de oferta de material, essa escolha necessita ser intencionalmente adequada ao processo, fazendo-se importante considerar, em segundo lugar, qual gênero literário é propício para o contexto e como o aluno terá acesso a essa leitura, visto que ele não tem a possibilidade de adquirir a obra (pelo menos, no contexto das escolas públicas).

Por suas características, neste trabalho utilizou-se o gênero conto, pois tem uma boa aceitação junto ao público escolar. De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Instituto Pró-Livro, 2020), 23% dos alunos declaram gostar de ler contos literários. Além do alcance positivo junto às crianças e jovens, o conto possui uma tensão narrativa desenvolvida em um pequeno espaço de tempo por girar em torno de apenas uma unidade de ação (Moisés, 2006), o que gera um forte interesse no leitor e possibilita a sua leitura em sala de aula.

O conto nasce de uma tradição oral e passa para o registro escrito como um misto de relato e ficção, sendo que é a ficção, unida ao fator estético, que garante seu caráter literário, pois “a voz do contador ou registrador se transforma na voz de um narrador: o narrador é uma criação da pessoa” (Gotlib, 1990, p. 9). O conto, portanto, trata-se de “uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma *unidade dramática*, uma *célula dramática*, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação” (Moisés, 2006, p. 40), o que prende a atenção do leitor. Junto à extensão, vem sua qualidade estética. Para Cortázar (2006),

[...] [o] conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal [...]; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. Só com imagens se pode transmitir essa alquimia secreta que explica a profunda ressonância que um grande conto tem em nós, e que explica também por que há tão poucos contos verdadeiramente grandes (Cortázar, 2006, p. 175).

Por fim, um bom conto é composto, portanto, por “um recorte de tempo e de espaço por meio do qual se vê o drama da existência. Um recorte, uma cena, que é sempre uma metáfora da vida. Recorte, gargalo de uma garrafa pelo qual passa o drama da existência” (Andruetto, 2017, p. 74).

⁷ O texto de autoajuda e *best seller* até pode estar inserido em uma proposta pedagógica interessante, mas não deve ser utilizado para preencher uma lacuna da ausência de um texto literário.

Respaldados, assim, pelas importantes definições dadas por grandes mestres no assunto, a escolha dos contos a serem lidos em sala de aula precisar seguir alguns critérios:

- a) Primeiro: partindo da disponibilidade do livro físico. Muitas escolas públicas da rede estadual de Goiás, mesmo não possuindo biblioteca escolar, recebem, por meio do Plano Nacional do Livro Didático Literário (PNLD Literário) ou outros programas de fomento à leitura literária, obras em grande quantidade para serem trabalhadas com os alunos. Se sua escola for uma dessas, fique sempre atento/a para essas escolhas.
- b) Segundo: disponibilidade das obras no meio digital. Muitos dos clássicos podem ser facilmente encontradas (de maneira legal) no site Domínio Público (<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do>). Esse site governamental, que se configura como uma espécie de biblioteca digital, reúne obras da literatura brasileira e mundial com acesso gratuito, no qual os arquivos podem ser baixados, impressos ou utilizados da maneira que se fizer necessária.
- c) Terceiro: qualidade estética. É necessário buscar obras com as quais os alunos possivelmente não teriam contato se não fossem disponibilizadas pela escola, o que comumente chamamos de clássicos. Essas obras, de grandes autores, normalmente, trazem um recorte de tempo e espaço em que é possível vislumbrar aspectos da humanidade que compõem as suas personagens e que provocam uma identificação nos leitores, aspectos estes que, ao serem vislumbrados na vida cotidiana dos alunos, ora vivenciados, ora observados, mas que, passando pelo drama da existência humana, chamam a atenção dos leitores.

Assim, as escolhas precisam dar legitimidade à qualidade que o trabalho exige, atender à demanda de oferta do material seja em meio impresso ou digital e possibilitar, dessa forma, o contato, por meio da leitura literária, com aspectos da humanidade que constituem nossos alunos. É sabido que, no compartilhamento da leitura literária,

[...] cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que, ao experimentar, eu um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal (Petit, 2008, p. 43).

Todorov (2009, p. 33) é corolário da mesma ideia, posto que defende o contato direto com a leitura das obras literárias na escola, “para nelas encontrar um sentido que lhes permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo”.

2.1.2 O corpo-a-corpo com o texto literário: a mediação em sala de aula

“Selecionado o livro, é preciso trabalhá-lo adequadamente em sala de aula. Já sabemos que não basta mandar os alunos lerem” (Cosson, 2016, p. 36), é preciso orientá-los através das leituras, sendo fundamental, para tal, um processo de mediação bem planejado. Para tal, propõe-se levar a leitura para a sala de aula por meio dos movimentos pedagógicos dispostos pela Pedagogia dos Multiletramentos: prática situada, enquadramento crítico, instrução aberta e prática transformada, lembrando que essa ordem não é estática, pode perfeitamente ser modificada a serviço dos intentos pedagógicos.

É importante ressaltar que esta proposta não está sob o viés da sequência didática, tal como disposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Apesar de aqui também se desenvolver o trabalho por meio de um “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Dolz; Noverraz, 2004, p. 96), pretende-se demonstrar a opção de um trabalho com a leitura literária através da prática situada, da instrução aberta, do enquadramento crítico e da prática transformada pelo *redesign* (redesenho) dos textos literários, por meio da produção do gênero *fanfiction*.

2.1.3 Ser fã da ficção: considerações sobre as *fanfictions*

O gênero multimodal *fanfiction* nasce com a cultura midiática, iniciada pelo advento das séries televisivas ainda na década de 1960. Segundo Vargas (2015), as *fanfictions* nascem a partir do interesse dos fãs de interagirem com a ficção, estando diretamente relacionadas ao surgimento dos *fandoms* (comunidade de fãs) e das *fanazines* (revistas feitas e compartilhadas por fãs). Para a autora, a série *Star Trek*, de 1967, foi a inauguradora do universo das *fanazines*, a partir das quais o gênero *fanfiction* se popularizou. Com a expansão das mídias, com o advento e explosão das redes sociais, esse universo se difundiu junto ao público jovem.

O termo *fanfiction* – *fan* (fã) e *fiction* (ficção) –

[...] designa uma história fictícia, derivada de um determinado trabalho ficcional preexistente, escrita por um fã daquele original [...]. A *fanfiction* é, assim, uma história

escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática (Vargas, 2015, p. 21).

A *fanfiction* trata-se, portanto, de um *redesign*, ou seja, um redesenho da obra original, como uma resposta dialógica aos vazios do texto.

Eis o começo do leitor, do leitor incipiente: o vazio [...]. Esses vazios são aqueles que nos levam a fabricar, a construir sentido, a colonizar os limites, a fronteira. Ler é, antes de tudo, isso: construir sentido. Uma pirueta para extinguir o vazio. Assim que chegamos ao mundo, começamos a ler e continuamos lendo até o fim, incansáveis (Montes, 2020, p. 169).

Como os contos de mestres da literatura brasileira como Machado de Assis e Clarice Lispector deixam muitas indagações nos leitores, muitos vazios a serem preenchidos com uma imaginação efervescente dos nossos alunos, eles motivam a escrita das *fanfics*, não como um exercício de escrita literária, mas de tentativa de uma leitura mais intrínseca dos textos, mais particular e minuciosa, buscando-se uma intimidade com o texto literário. A escrita não deve ser o objetivo final, mas sim a leitura, e, como aponta Montes (2020), a escrita é um tipo de leitura.

Assim, a escrita de *fanfictions* nesse trabalho de letramento literário, dentro da Pedagogia dos Multiletramentos, é bem propícia, pois é, a partir de um forte envolvimento entre o leitor e a leitura, em um processo de identificação com o texto, que essa escrita ocorre. Tal identificação é o elo mais importante, pois

[...] os autores de fanfictions dedicam-se a escrevê-las em virtude de terem desenvolvido laços afetivos tão fortes com o original, que não lhes basta consumir o material que lhes é disponibilizado, passa a haver a necessidade de interagir, interferir naquele universo ficcional, de deixar sua marca de autoria (Vargas, 2015, p. 21-22).

Assim, por mais que a prática transformada traga como produto final a produção de um gênero textual escrito, o objetivo principal da pesquisa é efetivar a leitura literária perpassando por um movimento de identificação entre leitura-leitor, através de um trabalho cuja finalidade é criar situações propícias para o desenvolvimento de um letramento literário, de uma situação intencionalmente planejada para que os alunos se identifiquem através da leitura dos textos.

Com a escrita, nossa velha e eterna atividade de busca de chave e construção de sentido se amplia extraordinariamente. Não só podemos, como escritores, deixar registradas nossas buscas e nossos achados – isto é, nossas leituras – e, assim,

embarcar em empreitadas de sentido mais complexas e ambiciosas, mas como leitores, podemos compartilhar essas buscas e achados de outros; ficar perplexos ou nos deleitar com os universos de sentido que os outros construíram e torná-los parte do nosso, isto é, reescrevê-los (Montes, 2020, p. 71).

Tal viés não pretende desprestigiar, jamais, o importante trabalho realizado por meio das sequências didáticas que embasam a prática de muitos professores, mas defende uma nova proposta para esse universo cada vez mais multissemiótico e multicultural, do qual se faz parte, de uma forma que venha a inspirar novos tipos de mediação da leitura literária adaptados a cada contexto escolar.

2.1.4 Da reflexão à ação: proposta metodológica para a leitura de contos

Após o percurso pelas bases teóricas, é hora de conhecer o planejamento metodológico orientado pelos movimentos pedagógicos dispostos a seguir. Nesta proposta, foi escolhido o gênero textual conto e os autores Machado de Assis e Clarice Lispector.

Destarte, é sempre importante ressaltar que esse planejamento pode ser utilizado para o trabalho com outros gêneros textuais – não somente o conto –, apresentados através de suportes físicos ou digitais e com diversas outras propostas de prática transformada e compartilhamento das produções. O mais importante, sempre, é privilegiar a leitura literária em sua integridade, dando ênfase tanto ao conteúdo quanto à forma em que os textos se apresentem.

- a) **Prática situada:** o objetivo é propiciar aos alunos uma leitura que considere o cânone literário iniciando as atividades pela leitura dos textos integrais dos contos presentes no livro físico ou encontrados de maneira livre e legal na internet. Os alunos precisam ser orientados a acessarem o sítio Domínio Público⁸ e a encontrarem os contos a serem trabalhados. Caso não seja possível que eles realizem a pesquisa de forma autônoma, um arquivo em PDF com os contos poderá ser ou fotocopiado e entregue a cada aluno ou disponibilizado e compartilhado via WhatsApp (ou outra ferramenta digital a que eles tenham acesso). Aqui é necessário haver uma motivação para a leitura, uma introdução a respeito da obra e a leitura propriamente dita. As estratégias de leitura a serem utilizadas podem ser a leitura em voz alta em sala de aula, cada aluno lendo uma parte ou uma leitura dinâmica por parte do professor. Esse momento não precisa

⁸ <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

ser monótono. É interessante que o professor faça inferências ou permita que os alunos façam sempre que sentirem necessidade, procurando tirar dúvidas ou até mesmo voltando em alguma questão que não tenham compreendido, o que Cosson (2021) chama de leitura protocolada;

- b) Enquadramento crítico:** Após a prática situada, os alunos serão convidados a “interpretar os contextos sociais e culturais de circulação e produção” (Rojo, 2012, p. 30) dos contos, observando o contexto, as intencionalidades comunicativas do autor por meio de seus narradores e personagens, sendo convidados a adentrarem no universo da construção de sentidos propostos pelo texto literário, explorando seus vazios, observando tanto o conteúdo quanto a forma, como preconiza Candido (2004). O encaminhamento dado a atividade pretende, portanto, que os alunos interajam com o texto não por meio de questionários ou fichas de leitura, mas por questões que podem fazer parte de uma roda de conversa sobre os contos lidos, guiada por algumas possíveis indagações (e outras que possam vir a surgir): o que aconteceu, como aconteceu, por que aconteceu dessa forma e não de outra, quais pistas levaram a essa conclusão, o que você sentiu em relação a isso, qual o ponto de maior suspense ou surpresa, o que você mais ou menos gostou no decorrer da história, se o autor tivesse escrito de outra forma você teria tido as mesmas impressões ou sensações, com qual situação e ou personagem você mais se identificou e etc.;
- c) Instrução aberta:** Nesse ponto, os alunos já familiarizados com as narrativas, serão convidados a um exercício de metalinguagem, observando-se, primeiramente, as partes constitutivas do gênero conto. Em seguida serão apresentados ao universo das *fanfictions* (*fanfics*) sendo convidados a pesquisarem na internet sites que trazem o gênero por meio dos quais poderão se familiarizar mais com esse texto. Seguindo o viés do enquadramento crítico, aqui necessário, entrarão em contato com uma breve metalinguagem novamente, para que observem a definição e as características das *fanfics* que não nascem no meio escolar e sim no digital, e que movimentam a cultura pop;
- d) Prática transformada (*redesign/redesenho*):** Para a finalização, os alunos serão orientados a produzir *fanfics* a partir dos contos lidos no início da proposta, de

forma que busquem um processo de identificação com esses contos por meio da escrita criativa. O redesenho propicia uma ação dialógica entre texto e leitor materializada agora também em um texto escrito e que pode ser compartilhado oportunizando novos diálogos. Tal estratégia propicia “autonomia aos estudantes, permitindo a eles propor seus próprios pontos de vista, alternativos, por vezes múltiplos” (Dudeney; Hockly; Pegrun, 2016, p. 56) em relação à leitura feita. Por esse motivo, a prática do redesenho de contos contempla um letramento crítico dentro do letramento literário e dos multiletramentos. As produções realizadas poderão compor um livro físico ou digital (de acordo com a disponibilidade financeira da escola), podem ser compartilhadas nas redes sociais da escola ou simplesmente afixadas em um mural para que outros alunos e turmas tenham acesso, tudo isso mediante autorização dos alunos. O mais importante é que as produções não fiquem limitadas ao aluno-escritor e ao professor que corrige as produções, mas que elas circulem socialmente;

- e) **Avaliação:** A avaliação a ser realizada envolve toda a sequência de atividades, não sendo direcionada apenas ao produto final. É necessário focar no processo de leitura realizado, observando o envolvimento dos alunos nas atividades propostas e a apropriação do texto literário nas suas práticas de escrita, pois as *fanfics* precisam conter traços que somente quem realmente leu o texto original é capaz de observar e fazer disso sua inspiração para uma nova produção. É preciso observar se foi feita apenas uma paráfrase do conto ou se houve realmente uma escrita criativa a partir dos vazios do texto. Aspectos textuais como ortografia, acentuação e pontuação também devem ser observados para que o texto dialogue sem ruídos com os novos leitores.

No Quadro 1 está a esquematização da proposta didático-metodológica.

Quadro 1 - Proposta didático-metodológica

Movimento pedagógico	Finalidade
PRÁTICA SITUADA	<ul style="list-style-type: none"> • Ter contato inicial com a obra literária, por meio da leitura em voz alta e em sala de aula; • Interações a respeito do conhecimento prévio do aluno, advindo de sua cultura de base, e do conhecimento ‘novo’ que está sendo adquirido; • Contemplar as três etapas definidas por Cosson (2016) como sequência básica do processo de leitura literária: motivação, introdução e leitura.
ENQUADRAMENTO CRÍTICO	<ul style="list-style-type: none"> • Contextualização teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora ou temática (Cosson, 2016); • Interpretação do texto literário; • Identificação entre o leitor e o texto.
INSTRUÇÃO ABERTA	<ul style="list-style-type: none"> • Contraste entre forma e conteúdo; • Efeitos de sentido produzidos pelas escolhas do autor, como o gênero literário, os tipos de narrador, as escolhas linguísticas, o estilo, as influências de época. • Instruções para a realização do trabalho de produção textual com base no gênero <i>fanfiction</i>.
PRÁTICA TRANSFORMADA	<ul style="list-style-type: none"> • Produção do gênero <i>fanfiction</i> com base na leitura dos contos, dentro do processo de <i>redesign</i>/redesenho; • Análise dos textos produzidos (identificação com as leituras; traços do texto original; se são <i>fanfics</i> ou paráfrases); • Revisão textual (ortografia, acentuação, concordância, etc.); • Compartilhamento das produções.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A Pedagogia dos Multiletramentos aqui fornece as condições para o trabalho com a leitura literária direcionada para a formação do leitor literário através de um trabalho com textos que podem se apresentar também em multimodalidades, como as adaptações de clássicos em histórias em quadrinhos, mas se preconiza que sempre seja apresentado ao aluno o texto original.

O gênero textual conto pode ser trocado por outros gêneros literários sem nenhum prejuízo e o *redesign* (redesenho) também pode ocorrer de outras formas mais criativas, como a produção de HQs, minicontos, e até (multi)midiáticas, como a produção de memes, vídeos curtos, *podcasts*. O que se espera é que aos alunos da escola pública também sejam destinados os clássicos da literatura, inseridos por meio de abordagens que sejam significativas para esses estudantes, que propiciem e instiguem neles o cultivo da leitura literária, o prazer estético e a fruição por meio dessas leituras.

É válido ressaltar que apesar dessa proposta estar consonante com a BNCC em nível nacional e com o Documento Curricular Ampliado (DCGO Ampliado) em nível estadual, ela apresenta também um posicionamento crítico a esses documentos, objetivando trazer uma metodologia de abordagem ao texto literário que busque mitigar alguns problemas que envolvem o ensino de literatura e a formação do leitor literário na Educação Básica. Segundo Soares e Abreu (2022), o ensino de literatura na BNCC está diluído

[...] no campo das artes e das dimensões lúdicas, e têm sua importância confundida com a de gêneros textuais diversos, muitas vezes em prol de um ideal conservador de apreciação literária que ignora tanto o embasamento teórico dos estudos literários quanto o potencial crítico-transformador do texto (Soares; Abreu, 2022, p. 249).

Por esse motivo, é imprescindível que “professores/as se apropriem de instrumentos metassemióticos para preparar, selecionar e/ou adaptar recursos didáticos que superem as limitações estabelecidas pelas competências e habilidades da BNCC” (Szundy, 2019, p. 148).

Mas, propostas temos muitas! É preciso saber se elas realmente funcionam! Portanto, a seguir, teremos contato com a intervenção pedagógica feita através de uma pesquisa-ação participante realizada no Colégio Estadual Parque dos Buritis, de novembro a dezembro de 2022, levando a proposta de leitura de contos de Machado de Assis e Clarice Lispector mediada pela Pedagogia dos Multiletramentos para alunos dos 9ºs anos do Ensino Fundamental, trabalho que logrou muito êxito, dada a participação direta de 86 dos 90 alunos matriculados naquele período e que gerou a produção de 159 *fanfics*, as quais, após passarem por uma avaliação e uma mínima revisão ortográfica, compõem a segunda parte deste *e-book*.

3 Da leitura literária à escrita de *fanfics*: relatos da experiência em sala de aula

Conforme mencionado anteriormente, a intervenção pedagógica aqui proposta foi vivenciada com 90 alunos dos 9ºs anos do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Parque dos Buritis, de 1º de novembro a 9 de dezembro de 2023. Desses, 86 assinaram, juntamente aos responsáveis, os termos de consentimento e assentimento livre esclarecidos previstos pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP/UFG) e permitiram que os instrumentos coletados na pesquisa pudessem ser mencionados e publicados.

O Colégio Estadual Parque dos Buritis, apesar de não possuir biblioteca escolar, possui condições favoráveis para o trabalho em prol da formação do leitor literário, com livros ‘físicos’ (mais de três mil obras) e possibilidades junto ao meio digital para se trabalhar com a leitura literária.

Quanto à escolha das obras, como essas turmas já haviam lido ‘O gato preto’ e outros contos de terror, de Edgar Allan Poe, no primeiro semestre, o *corpus* literário escolhido para o trabalho foi, inicialmente, ‘Missa do Galo e outros contos de Machado de Assis’ (Assis, 2018) com roteiro e ilustrações de Francisco Vilachã, obra que foi adaptada para quadrinhos, o que já pressupõe um maior interesse do jovem leitor. Além disso,

[...] a intergenericidade presente na obra adaptada, proposta aqui como objeto de trabalho, parte do cânone literário para um universo multimodal, possibilitando aos alunos uma fruição estética por meio de uma leitura significativa. O projeto gráfico do livro adaptado em quadrinhos se configura como uma forma de mediação, na qual o aluno-leitor se reconhece na leitura literária (Batista; Silva, 2023, p. 229).

Não obstante o livro físico ser em quadrinhos, os alunos tiveram contato com o texto original por meio dos contos baixados no site Domínio Público, os quais foram encaminhados para o grupo de WhatsApp das turmas. Através dos seus aparelhos celulares e dos notebooks recebidos pelo governo estadual, puderam acompanhar a leitura dos textos originais também.

No entanto, como na pesquisa-ação (Thiollent, 2011) as decisões são flexíveis de modo a colaborar com o bom andamento da pesquisa, em reunião com a orientadora do trabalho, foi sugerido utilizar também o livro ‘Laços de família’ (2008), de Clarice Lispector, ideia que foi prontamente aceita. Assim como a escrita machadiana que dialoga diretamente com o leitor, a escrita clariciana traz muitos vazios a serem completados pelo leitor, sendo possível trabalhar vários aspectos da humanidade que constituem as personagens e travar um processo de identificação entre o leitor e a leitura. Ressaltando que esses livros fazem parte do acervo da

escola que os possui em grande quantidade, tendo sido possível trabalhar com o livro físico com todos os alunos, assim como a versão digital.

Assim, foram previstos 16 encontros com os alunos para a realização do que foi denominado intervenção pedagógica, ou seja, aulas direcionadas para a leitura literária e produção de *fanfictions*, intencionalmente organizadas dentro dos movimentos pedagógicos referidos pela Pedagogia dos Multiletramentos. Esses encontros não compuseram apenas o que corresponde a uma aula de 50 minutos, como ocorre na rede estadual, mas por vezes duas ou três aulas foram necessárias para perfazer o planejamento de cada encontro.

No Quadro 2 está a síntese do planejamento realizado e executado. Este quadro demonstra o planejamento de ações que venham a ativar conhecimentos prévios, instigar o aluno ao conhecimento novo e por fim avaliar o que foi aprendido.

Quadro 2 - Procedimentos didático-metodológicos para a leitura dos contos de Machado de Assis

Procedimentos didático-metodológicos para a leitura de 'Missa do galo e outros contos de Machado de Assis' – Roteiro e Adaptação de Rodrigo Vilachã		
PRÁTICA SITUADA	1º Encontro (1 aula)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Esclarecimentos sobre a pesquisa; ✓ Aplicação do questionário 1.
	2º Encontro (1 aula)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conversa inicial: Ativação dos conhecimentos prévios sobre Machado de Assis e suas obras por questionamentos do estilo: quem é Machado de Assis, o que se sabe sobre ele, já leu algo que ele escreveu, etc. ✓ Orientação sobre como acessar o site Domínio Público e ter acesso gratuito a obras de vários autores de literatura brasileira e clássicos da literatura universal. ✓ Disponibilização dos contos 'Missa do galo', 'Contos de escola', 'Umas férias' e 'O espelho' em formato PDF no grupo de WhatsApp da turma. ✓ Orientação para levar os <i>chromebooks</i> na aula seguinte com o conteúdo baixado.
	3º Encontro (2 aulas)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Leitura protocolada (com inferências) do conto 'Missa do galo'; ✓ Leitura do texto original em voz alta feita pela professora e acompanhamento dos alunos pelo <i>chromebook</i> ou <i>smartphone</i>; ✓ Entrega dos livros para os alunos; ✓ Interface entre o texto original e a adaptação em quadrinhos e expressão das opiniões.
	4º Encontro (2 aulas)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Leitura protocolada (com inferências) do 'Conto de escola'; ✓ Leitura do texto original em voz alta feita pela professora e interface com o conto adaptado em quadrinhos: no mesmo momento da leitura pela professora, os alunos acompanham a adaptação e são convidados a solicitar pausa a cada vez que o texto adaptado se fizer muito diferente; ✓ Compartilhamento das impressões sobre a leitura.

	5º Encontro (2 aulas)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Leitura protocolada (com inferências) do conto ‘Umas férias’; ✓ Leitura do texto adaptado feita pelos alunos em voz alta, no qual cada aluno foi convidado a ler uma página; ✓ Comentários sobre a leitura; ✓ Solicitação para a leitura do texto original em casa e também do conto ‘O espelho’.
ENQUADRAMENTO CRÍTICO	6º Encontro (1 aula)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Roda de conversa guiada por três questionamentos iniciais: <ol style="list-style-type: none"> 1) Pela época em que as histórias ocorreram, o que se esperava do enredo e personagens? 2) Qual efeito de sentido o narrador em 1ª pessoa gera na recepção da narrativa? 3) Você se identifica com alguma história e/ou personagem? Justifique. ✓ Momento para questionamentos, dúvidas e comentários; ✓ Reforço sobre as características do gênero conto, do contexto de produção e estilo machadiano.
INSTRUÇÃO ABERTA	7º Encontro (1 aula)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aula expositiva e interativa – o gênero <i>fanfiction</i>: o que é, quando surgiu; ✓ Indicação do site https://fanfiction.com.br ‘Nyah! Fanfiction’; ✓ Utilização do Chromebook ou smartphone para acessarem o site e lerem <i>fanfics</i>; sugestão da leitura de <i>fanfics</i> de ‘Dom Casmurro’ e o ‘Diário de Anne Frank’ (obra que eles leram no início do ano). ✓ <i>Brainstorm</i> (tempestade de ideias) para a criação das <i>fanfics</i>: quais vazios nos textos induzem você a querer continuar ou dar outra versão para a história?
PRÁTICA TRANSFORMADA	8º Encontro (2 aulas)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Orientação para a escrita das <i>fanfics</i> (capa, referência, título, desenho); ✓ Produção inicial dos textos; ✓ Orientação e revisão em sala (individual ou em pares); ✓ Entrega das <i>fanfics</i>.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Como a pesquisa-ação é flexível, o planejamento da segunda parte das leituras foi adaptado de acordo com o que foi positivo e/ou negativo na primeira fase. As mudanças estão registradas no Quadro 3.

Quadro 3 - Procedimentos didático-metodológicos para a leitura dos contos de Clarice Lispector

Procedimentos didático-metodológicos para a leitura de 'Laços de família', de Clarice Lispector		
PRÁTICA SITUADA	9º Encontro (1 aula)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aplicação do questionário 2.
	10º Encontro (1 aula)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Preenchimento do quadro SQA: Sei – Quero Saber – Aprendi sobre Clarice Lispector e suas obras (o 'aprendi' fica para ser preenchido na reta final como avaliação do que foi aprendido por meio das aulas). Esse quadro é uma forma de ativar conhecimentos prévios, instigar o aluno ao conhecimento novo e por fim avaliar o que foi aprendido; ✓ Compartilhamento das impressões iniciais e dos anseios para com a leitura; ✓ Disponibilização do livro digital em grupos de WhatsApp das turmas; ✓ Entrega do livro físico;
	11º Encontro (2 aulas)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Leitura protocolada (com inferências) do conto 'Feliz aniversário'; ✓ Leitura em voz alta feita pela professora e acompanhamento dos alunos; ✓ Compartilhamento de impressões sobre o conto.
	12º Encontro (2 aulas)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ <i>WordCloud</i>: Produção de nuvem de palavras sobre o que vem em mente quando se fala em família, por meio do aplicativo <i>Mentimeter</i>; ✓ Leitura protocolada (com inferências) do conto 'Os laços de família'; ✓ Leitura em voz alta feita pelos alunos, cada um lendo uma página; ✓ Compartilhamento de impressões sobre o conto.
	13º Encontro (2 aulas)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Leitura protocolada (com inferências) do conto 'O búfalo'; ✓ Leitura em voz alta feita pelos alunos, cada um lendo uma página; ✓ Compartilhamento de impressões sobre o conto; ✓ Orientação para a leitura de demais contos contidos no livro 'Laços de família', em casa.
ENQUADRAMENTO CRÍTICO	14º Encontro (2 aulas)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Roda de conversa através do resultado da nuvem de palavras sobre 'família'; ✓ Compartilhamento de experiências: processos de identificação com as relações familiares abordadas nos contos; ✓ Diferenças na estrutura dos contos: tipos de narrador e os efeitos de sentido provocados por essa escolha, estilo clariciano (epifania, nojo); ✓ Comparação com a escrita machadiana.

INSTRUÇÃO ABERTA	15º Encontro (2 aulas)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Reforço do padrão das <i>fanfics</i>; ✓ Orientação mais explícita para a entrega dos trabalhos seguindo o roteiro: <p>ORIENTAÇÕES PARA A PRODUÇÃO DAS FANFICS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Agora que você já leu os contos do livro ‘Laços de família: contos’, de Clarice Lispector, escolha a história/personagem/situação com a qual você mais se identificou e crie uma nova história a partir dela. • Faça uma <i>fanfic</i> bem criativa! Não se esqueça de dar título à sua história. • Escreva primeiro um rascunho, leia com atenção observando se há muitas repetições ou erros na escrita. • Você pode usar a criatividade e ilustrar seu texto. • Faça uma capa bem bonita seguindo as instruções abaixo. • Na parte interna, ao final, coloque a referência do livro, conforme explicado a seguir. <p>CAPA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Faça a capa em folha de papel almaço sem pauta (conforme desenho feito no quadro); <p>PARTE INTERNA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Faça em folha de papel almaço com pauta; • Escreva o título da sua <i>fanfic</i> em destaque na primeira linha e na linha de baixo, à direita, coloque o seu nome. • Salte uma linha e comece seu texto. • Escreva à caneta (azul ou preta), de forma legível e organizada, separando os parágrafos e usando a pontuação corretamente. • Ao terminar seu texto, escreva: <p>REFERÊNCIA:</p> <ul style="list-style-type: none"> • LISPECTOR, Clarice. Laços de família. Rio de Janeiro: JPA, 2008. <ul style="list-style-type: none"> ✓ <i>Brainstorm</i> (tempestade de ideias) para a criação das <i>fanfics</i>: quais vazios nos textos induzem você a querer continuar ou dar outra versão para a história? ✓ Início da escrita das <i>fanfics</i>.
PRÁTICA TRANSFORMADA	16º Encontro (1 aula)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Finalização e entrega das <i>fanfics</i>; ✓ Aplicação do questionário final; ✓ Finalização do preenchimento do quadro SQA; ✓ Compartilhamento das impressões.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Assim, de forma intencional e organizada, da prática situada à prática transformada, a intervenção pedagógica objetivou proporcionar a leitura efetiva de contos, em um contato intrínseco entre leitor e leitura, levando o aluno a compreender as intencionalidades discursivas dos autores, as escolhas dos narradores, os vazios deixados nos textos, a identificação com as personagens e/ou enredos e a resignificação das leituras por meio da produção das *fanfictions*. Como já foi mencionado, não se trata de uma sequência didática, tampouco de uma forma

infalível para se formar leitores literários, mas um modelo de organização das aulas voltadas para esse propósito, que pode facilmente ser adaptado de acordo com as necessidades de ensino e aprendizagem de cada contexto escolar.

Através dessa proposta, foi possível levar uma estratégia de leitura literária de clássicos unida à cultura de base dos alunos circundada pelo universo midiático das *fanfics*, alcançando mais de 90% dos alunos das turmas trabalhadas, os quais se envolveram na leitura dos contos e na escrita dos textos (159 *fanfics* foram produzidas!).

Por meio dessa intervenção, passaram de leitores a autores, mas justamente porque envolvidos na prática situada, leram os livros; imersos no enquadramento crítico, analisaram os contos e deles depreenderam sentidos pela identificação com essas histórias; imbuídos por uma instrução aberta, começaram as produções que, por meio dos vazios deixados nos textos originais, trabalharam com a imaginação aguçada e efetivaram a prática transformada. Nesse ínterim, tiveram acesso aos clássicos, seja na forma original dos contos, seja em uma linguagem multimodal e multissemiótica, por meio das histórias em quadrinhos. Tiveram acesso ao livro físico e ao livro digital, aprendendo a buscar obras literárias em domínio público de distribuição legal e gratuita. Puderam interagir com os autores e as leituras, buscando, no meio midiático das redes sociais informações sobre os autores, vislumbrando possibilidades de releituras/redesenhos através de um gênero que nasce com o advento das tecnologias da comunicação e se expande com as tecnologias da informação, que são as *fanfics*. A expectativa para a construção do livro digital que irá compartilhar os textos produzidos (segunda parte deste *e-book*) também foi um grande incentivador para a efetivação de todo esse processo.

O trabalho, em um viés de multiletramentos, é válido pontuar, não implica necessariamente um grande aparato digital para ser realizado, o importante é que os jovens leitores tenham contato com o universo (multi)midiático que os circunda e aprendam a ser tanto receptores quanto produtores de conteúdo (*designers*). Neste caso, os multiletramentos se deram através do contato com o universo literário, por meio das obras originais e completas (não fragmentadas), em livro físico e digital, tanto em texto original, como em adaptação em quadrinhos (multimodal e multissemiótico) e, minimamente, com o universo tecnológico que os circunda, visto que

[...] trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação ('novos letramentos'), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado [...] e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos (Rojo, 2012, p. 8).

Outros letramentos estes que neste trabalho foram materializados em um processo de letramento literário e no *redesign*/redesenho dos contos dentro do universo das *fanfics*.

Em conclusão, o processo de *redesign*/redesenho dos contos de Machado de Assis e Clarice Lispector confirmou a relevância dessa escolha didático-metodológica, pautada na Pedagogia dos Multiletramentos, dada a interação que os alunos tiveram com as leituras em meio a um processo de identificação entre o texto e o leitor, que procurou, pelos vazios dos textos, provocar novas leituras com a escrita das *fanfics* e por esse motivo essa estratégia está sendo disseminada para que possa inspirar outros professores e/ou mediadores da leitura literária em suas práticas cotidianas.

Mas, falamos tanto dessas *fanfics*... É hora de conhecê-las! A segunda parte, apresentada a seguir, trará os textos produzidos pelos alunos e os desenhos feitos por eles para que sirvam de inspiração para que outros leitores conheçam melhor os contos de Machado de Assis e Clarice Lispector. Vamos lá?!

**PARTE II – FIQUE FÃ: MOSTRA DE *FANFICS* DE CONTOS DE MACHADO
DE ASSIS E CLARICE LISPECTOR**

Apresentação

Cara leitora, caro leitor!

Machado de Assis e Clarice Lispector são grandes autores da literatura brasileira que deixaram uma vasta obra literária para ser lida e apreciada. Entre outros gêneros, há os contos que trazem personagens mimetizadas da realidade, em uma perspectiva ora mais realista, ora mais existencial, ora mais psicológica, posto que, como os humanos, têm sentimentos, desejos e atitudes muito parecidas com as das pessoas.

Em um processo de leitura literária realizada com os alunos dos 9ºs anos do Colégio Estadual Parque dos Buritis, escola pertencente a Região Oeste da cidade de Goiânia, no final do ano letivo de 2022, esses alunos puderam ler alguns contos desses autores.

Por meio de uma leitura guiada por movimentos pedagógicos que permitiram a eles conhecerem o novo e experienciarem o conhecido – Prática situada –; analisarem de forma sistemática e crítica o texto, o contexto, a forma e o conteúdo dos contos – Enquadramento crítico –; receberem uma instrução aberta sobre os elementos constitutivos dos contos e sobre a forma e intencionalidade comunicativa das *fanfics* – Instrução aberta –, esses alunos produziram seus próprios textos, em um processo que chamamos de *redesign*, ou seja, o redesenho, a reescrita criativa do que mais lhes chamou a atenção nos contos, sejam os vazios provocados pelo enredo (o que teria acontecido se...) ou particularidades das personagens que lhes chamaram a atenção, produzindo assim suas *fanfics* – Prática transformada. Todos esses passos fazem parte de uma proposta metodológica denominada Pedagogia dos Multiletramentos, apresentada na primeira parte deste *e-book*.

Vamos, então, aos resultados! As *fanfics* produzidas pelos alunos serão aqui transcritas para que todos possam usufruir desses textos espontâneos, criativos e férteis de imaginação.

Mas o que é uma *fanfic*? De forma bem simples, é um texto escrito pelo fã de uma determinada obra – que pode ser livro, filme, série, mangá, anime ou qualquer outro gênero literário – em que esse fã dá continuidade a uma história; cria um enredo que poderia ter acontecido antes para explicar os fatos ocorridos; dá detalhes do que aconteceu depois, enfim, utiliza-se das personagens e das minúcias do texto original para produzir a sua ‘ficção de fã’ – *fanfic*. Não é, porém, mera reescrita do texto original. É preciso ser um leitor bastante atento aos detalhes para captar algo que possa chamar a atenção dos futuros leitores também!

Assim, na primeira parte, como os contos de Machado de Assis estão presentes gratuitamente no site governamental Domínio Público, que disponibiliza, de forma legal e

gratuita, clássicos da literatura brasileira e mundial, é possível acessar, por meio dos *links*, os contos originais. Em relação aos de Clarice Lispector, serão deixadas no documento a capa e a referência do livro que utilizamos. Aqueles que se interessarem em encontrá-lo, poderão fazê-lo em uma biblioteca mais próxima ou por qualquer outro meio.

É válido ressaltar também que alguns alunos, mais tímidos, não quiseram ter seus nomes expostos, assim, vamos deixar somente as iniciais desses nossos escritores misteriosos. Há também textos que serão acompanhados pelas ilustrações, algumas capas, outros não.

Fica a dica: leia o conto original primeiro, depois leia as *fanfics* e veja a que você mais gostou! Em seguida, faça a sua também! Certeza que você irá se apaixonar por esse universo da leitura e do redesenho!

4 MACHADO REDESENHADO: releituras de contos clássicos

4.1 *Fanfics* de 'Missa do galo', Machado de Assis

Neste link você poderá encontrar o conto na íntegra:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000223.pdf>

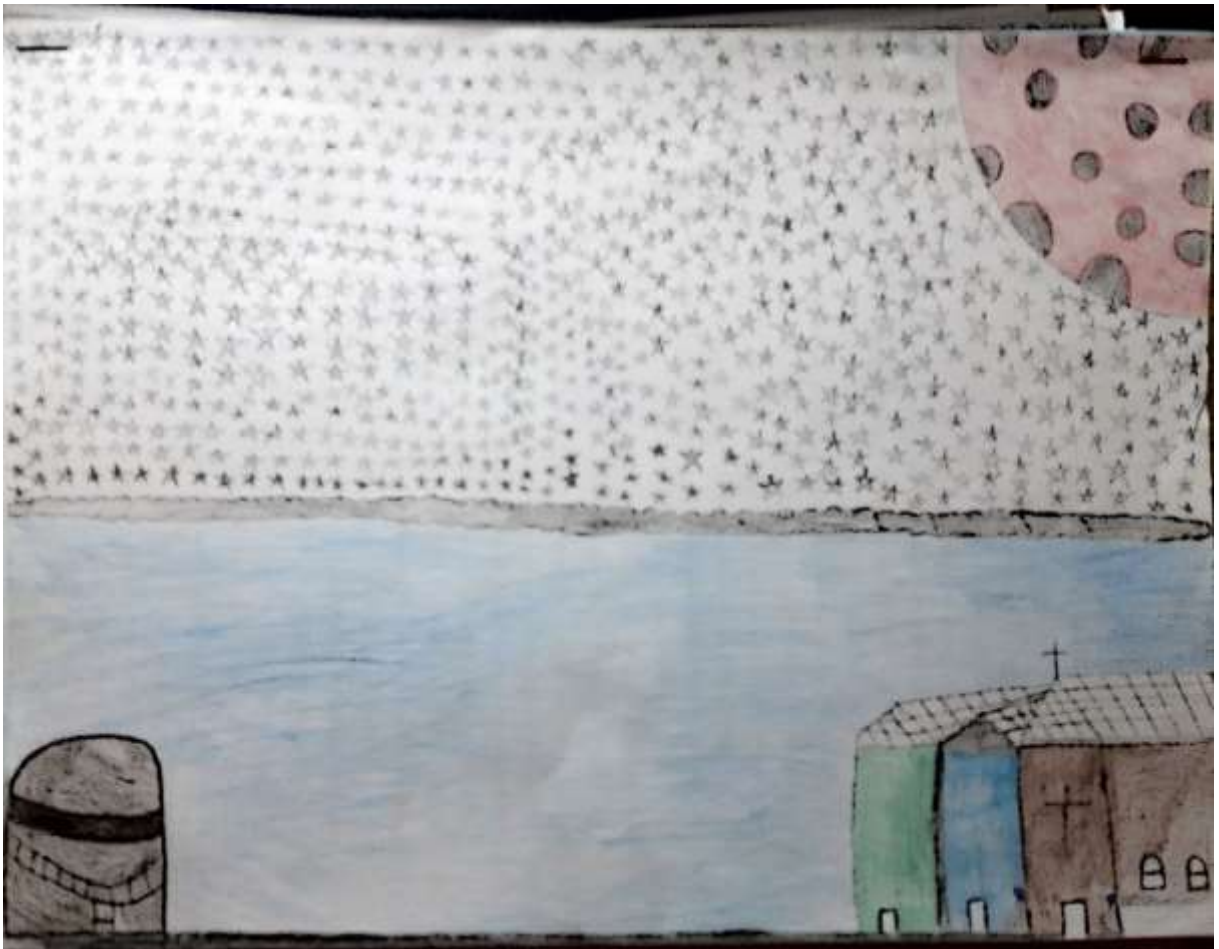
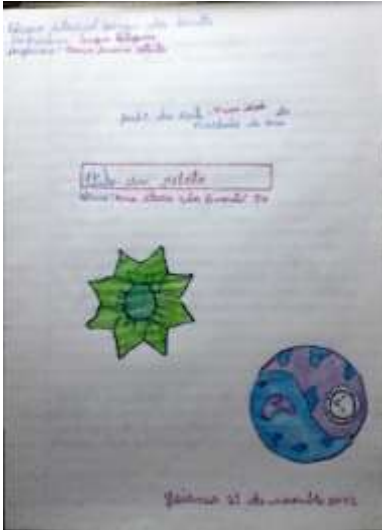


Ilustração: Noite da missa do galo. João Paulo Cardoso dos Santos.

Um relato

Ana Clara Silva Pimentel



Eu, Conceição, esposa do escrivão Menezes só por dinheiro, pois meu verdadeiro amor é o Sr. Nogueira, que veio para minha casa para poder assistir à missa do galo, vou contar o que aconteceu naquela noite.

Meu marido, como sempre, foi ao teatro, mas eu sei que ele vai é se encontrar com a amante. Eu já sabia disso há algum tempo, mas não me importo, porque naquela noite era a minha chance de fazer o Sr. Nogueira se apaixonar por mim.

Então, eu fui conversar com ele, enquanto ele aguardava o horário da missa. Fiquei tentando seduzi-lo, mas

oh menino devagar!

Depois de um tempo, meu marido morreu e deixou uma grande fortuna. Assim, eu consegui me casar com meu grande amor.

A descoberta

Anna Carolina Pereira de Almeida



Um ano após aquele acontecimento inconveniente, eu resolvi escrever para o Sr. Nogueira. Confesso que fiz vários rascunhos, mas os escondi em uma tábua que estava meio solta em meu quarto. Depois de enviar a carta, estava aguardando ansiosa com esperança que o Sr. Nogueira me respondesse. Aliás, me declarei para ele. Sei que ele também sentiu algo naquela noite.

Passaram-se semanas e eu estava fora de casa, junto com o meu marido. Assim que cheguei em casa, a primeira coisa que fiz foi subir no meu quarto. A tábua estava meio fora do lugar. Quando fui conferir se meus rascunhos estavam lá, meu marido abriu a porta e perguntou:

– O que está procurando no chão?

Logo me levantei e respondi:

– Estava apenas procurando meu brinco, mas já achei.

Ele acreditou e me chamou para descer para a sala.

Uffa! Essa foi por pouco! Logo descí. Nos despedimos, pois ele iria para o trabalho.

Perguntei para mamãe se alguém tinha subido no meu quarto e ela disse que as escravas tinham ido organizar. Logo fui atrás delas. Foi quando uma delas, Maria, com meus papeis na mão, disse:

– É isso que está procurando?

Mandei que ela me devolvesse. Ela propôs um acordo. Se eu desse dinheiro a ela, ela não contaria nada para o meu marido ou à mamãe. Não tive outra opção e concordei, senão, o que seria de mim?

O tempo foi passando e elas só aumentavam o valor. Foi quando meu marido começou a desconfiar com o que eu gastava tanto dinheiro. Disse-lhe que estava comprando roupas novas.

Certo dia, elas me disseram que me devolveriam meus rascunhos se à noite eu abrisse a porta e as deixasse fugir. Pedi um tempo para pensar. Foi quando elas começaram a deixar bilhetes ameaçando contar para a mamãe. Não tive outra escolha a não ser deixá-las fugir!

Eram três da manhã. Elas me acordaram e logo fui, silenciosamente, pegar a chave da porta. Mas mamãe tinha um sono muito leve!

Quando eu estava descendo as escadas, ouvi um barulho vindo do quarto, porém continuei. Quando abri a porta, ela fez um barulho, mas as escravas saíram correndo e deixaram os rascunhos das cartas todos esparramados no chão. Foi quando mamãe desceu do quarto e me pegou no ato. Logo tomou tudo das minhas mãos e leu o que estava escrito.

Na manhã seguinte, ela disse que não contaria nada para o meu marido. Ele era muito rico.

Enquanto ela brigava comigo, adivinhem! Recebi uma carta! Era do Sr. Nogueira.

A saudade

Ana Luiza Ferreira da Silva

Carta de D. Conceição para o Sr. Nogueira

Caro Sr. Nogueira, como vai? Eu vou bem!

Estou escrevendo esta carta para você sem o meu marido saber. Sabe como ele é ciumento! Eu sei que ele tem muitas mulheres, mesmo casado comigo, mas eu não posso conversar com ninguém que ele fica com ciúmes. Eu finjo que nem estou sabendo, porque sou uma mulher fiel ao meu marido.

Mas quando você esteve aqui na minha sala, conversando comigo, eu senti alguma coisa diferente, me senti leve... Eu sei que você é bem mais novo que eu, porém senti uma certa conexão entre nós.

Na nossa conversa, os nossos assuntos bateram um com o outro e eu vi uma coisa diferente em seus olhos quando estávamos conversando. Quando tivemos aquela pausa, eu fechei os olhos, mas eu não estava com sono, eu estava pensando como aquela conversa estava boa e não queria que acabasse. Eu sabia que você iria à missa, mas eu queria te prender ali, porque eu senti uma conexão, por algum motivo.

Mas, eu só escrevi essa carta para saber como você está e para dizer como me senti. Se você sentiu alguma coisa parecida, eu sou leal ao meu marido, mas só queria dizer que foi um sentimento que não sei explicar.

Pode ser que é porque eu não converso com uma pessoa assim, que gosta dos mesmos assuntos que eu. Meu marido também fica em casa direto e eu não vejo muita gente.

Quando tiver um tempo, me responda. Queria saber se foi só eu que senti isso.

Saudades da nossa conversa.

Abraços,

D. Conceição.

Uma noite

Arthur Rodrigo C. Rodrigues

Naquela noite, Sr. Nogueira estava esperando dar meia-noite para acordar seu vizinho e irem para a missa do galo. A casa onde ele estava hospedado era a do Escrivão Meneses, marido de sua prima que havia morrido tempos atrás. Depois do ocorrido, ele se casou com D. Conceição. Na casa estavam o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas.



Sr. Nogueira, esperando o horário, estava lendo um livro, até que apareceu D. Conceição. Ela perguntou:

- Ainda não foi?
- Não fui. Parece que ainda não é meia-noite.
- Que paciência!

- Mil desculpas por fazer barulho e acordá-la.
- Não, não! Acordei por acordar.

Eles ficaram conversando por um tempo e com o passar dos minutos D. Conceição começou a seduzi-lo, até que, de repente, ele beijou-a. Ela disse:

- O que está fazendo? Mamãe pode acordar e nos ver!
- Mas não era isso que você queria?

No mesmo momento apareceu uma escrava falando:

– Sr. Nogueira, já está quase dando meia-noite. O senhor vai se atrasar para a missa do galo.

Então, Sr. Nogueira disse:

- Muito obrigada. Já estou indo!

E falou para D. Conceição:

- Podemos continuar nossa “conversa” amanhã?
- Nunca mais faça isso, senão eu vou falar com o escrivão!

Tomado pela raiva, Sr. Nogueira não falou nada, apenas saiu para acordar o vizinho, mas, para sua surpresa, o vizinho já o estava esperando. Os dois foram para a igreja.

Durante a missa, Sr. Nogueira viu a figura de D. Conceição ao lado do padre. Que delírio!

De manhã, D. Conceição estava conversando de forma natural com o Sr. Nogueira, como se nada tivesse acontecido.

No ano bom ele foi para Mangaratiba, sua cidade natal. Quando retornou para o Rio de Janeiro, descobriu que o escrivão havia morrido e D. Conceição se casara com o escrevente juramentado do marido.

Ele não a encontrou, mas isso já não mais importava.

A missa do galo

Carlos Eduardo de Oliveira Silva

Em um dia normal, eu lendo um jornal do dia a dia, me surpreendi com uma prática religiosa chamada missa do galo. Gostei muito do que li e fiquei sabendo que, por ocasião do natal, essa missa aconteceria no Rio de Janeiro. Então viajei para essa cidade. Fiquei hospedado na casa de um primo, chamado Meneses, que morava em bairro muito pequeno, mas muito legal. Esse meu primo tinha uma mulher chamada Conceição. Meneses era um homem bom, porém bebia muito e eu tinha medo dele arrumar briga durante a noite.

Quando cheguei, entrei na casa que era muito grande, tinha dois andares. Me abriguei em um grande quarto, para onde uma das escravas me levou. Confesso que fiquei espantado de como a casa era grande!

Após eu me ajeitar, meu primo disse que iria sair, iria ao teatro. Então perguntei se poderia ir junto. Meneses riu muito, a escrava também. Não entendi nada. Ele se foi e eu fiquei aguardando o horário da missa.

Como tenho um amigo que mora nessa mesma região, combinei com ele de irmos juntos à igreja. Aguardando o horário combinado, fiquei em meu quarto lendo um livro. Passado um tempo, olho e veja a esposa do meu primo, parada, na porta do quarto. Levei um susto, mas perguntei se ela queria algo e ela disse que só queria conversar.

Fomos para a sala e sentamos bem distantes um do outro. Foi passando o tempo, ela começou a falar mordendo os lábios. Eu me sentei em um banco mais próximo para ver se eu não estava enxergando mal. Ela foi e se sentou mais perto de mim também.

Conversamos e conversamos. Até que ela chegou muito próximo de mim. Ela começou a alisar a minha mão. Então, levantei assustado do banco. Ela me puxou de volta e me deu um beijo.

Já era hora. Meu amigo bateu na janela me chamando para irmos. Ela soltou minha mão e disse para eu ir, que já era tempo. Fui feliz. A igreja estava repleta. Foi tudo muito bom. E até hoje me lembro desse beijo.

A revelação de um verdadeiro amor

Brenda Martins Barbosa

Mangaratiba, 16 de março de 1862.

Olá, querida Conceição,

Fiquei sabendo da repentina morte de Meneses. Como você se sente com tudo isso?

Espero que você já tenha renovado suas energias, pois sei que sabia do mau caráter de seu marido. Eu mesmo tinha consciência que ele levava amores com uma viúva senhora.

Em minha humilde opinião, não deveria passar por isso, pois sempre foi uma senhora de bom coração e com uma personalidade incrível. Passei a lhe observar através dos bons elogios de D. Inácia, não só os elogios dela, como também por meio de sua simpatia e atenção durante nossa conversa.

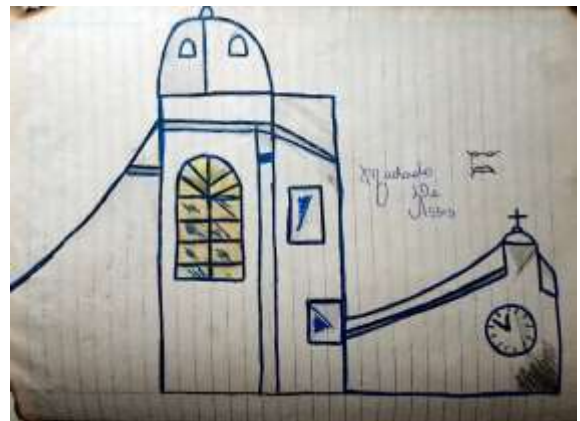
Por falar nisso, através dela comecei a te admirar de uma forma diferente... um diferente bom, claro! Pois eu não pensaria nada de ruim vindo de você.

Seus mínimos detalhes me deixaram estonteado, sua voz suave com um leve toque de rouquidão e seus olhos castanhos, quase pretos, me deixaram maravilhado. Meneses realmente não te merecia.

Em menos de um mês após o enterro, tentei encontrá-la novamente, mas no final, minha única descoberta foi de que você já estava casada com outro homem. Espero que não se sinta mal ou chateada por eu te visitar através desta carta, mas, Conceição, eu realmente a amava.

Para meu antigo amor, Conceição.

Sr. Nogueira.



Meu salvador

Damaris Silva Gama

Eu, D. Conceição, irei contar o meu ponto de vista sobre meu marido, Escrivão Meneses e sobre o caso do Sr. Nogueira.

Casada com o escrivão, porém triste com esta escolha, pois Meneses vivia saindo à noite para se divertir com outras mulheres, como se não tivesse uma esposa. No começo, quando descobri, fiquei incrédula e com rancor do meu marido, mas com o passar do tempo, tolerei esse fato deveras absurdo.

Sr. Nogueira é um garoto admirável, cortês e completamente diferente do meu marido. Pela primeira vez ao longo de muitos anos, consegui vivenciar algo diferente, uma calma em meu coração, proceder de forma passiva, sendo apenas eu mesma.

Após três dias se passarem, depois da missa do galo, resolvi pronunciar ao lamentável do meu marido que eu gostaria de desunir-me a ele. Não tolero mais essa infelicidade de ambos os lados, acordar todos os dias angustiada com as ações deste homem está me deixando loucamente infeliz. Confesso que desejaria viver um atual romance com um homem que realmente me respeite, me aprecie e me preze como o Sr. Nogueira.

Hoje, por fim, manifestei sobre meus sentimentos ao meu marido, porém há um problema de sua parte. Pronunciou que não gostaria de abrir mão do nosso relacionamento, por mais que estivéssemos naquela situação. Disse a ele que teria que aceitar, afinal, santo o Escrivão Meneses não era! Sabia sobre os rumores das pessoas relacionado a nós e mesmo assim permanecia a me trair.

Ele ficou francamente furioso com a situação. Disse-me palavras impróprias e resolveu trancar-me em meu quarto. Tantos clamores pedindo ajuda e nada de alguém me socorrer para eu escapar das mãos deste homem sem coração, até que finalmente vejo a porta se abrir e logo vislumbro o Sr. Nogueira.

– Xiu! Vamos retirar-nos daqui em silêncio.

Concordei som sua fala e logo saímos daquela casa.

Sr. Nogueira anunciou por meio de belas palavras que estava apaixonado por mim. Logo em seguida, efetivamente, disse o mesmo para ele.

Resolvemos sair para construirmos nosso romance longe de todos e de tudo! Fomos para Mangaratiba, para onde o Sr. Nogueira já estava indo.

No final de tudo, não informei para minha mãe, D. Inácia. Simplesmente saí para voltar a ser feliz comigo e com meu novo amor, meu caro Sr. Nogueira.

Depois da missa

David Luan Neves Nunes

Ao som da voz de quem me chamava... Estava prestes a pegar meu fabuloso chapéu, quando fui acordado daquela alucinação com o som do galo que cantou, revelando a verdadeira voz de quem me chamava.



Sinceramente, não soube definir se aquilo era um sonho ou um pesadelo. Ainda não sei se já eram seis da manhã, mas também não voltei a dormir. Imediatamente comecei a anotar tudo o que havia sonhado, nos mais minuciosos detalhes.

Às seis e meia me levantei. A D. Conceição mantinha suas expressões tênues e serenas.

Dia de Reis fui embora, e ela continuava com o mesmo olhar imprevisto, como se nada houvera. Porém, levei na minha memória seu mais belo olhar.

Justamente aquela noite

Enny Vitória M. Santos

Em uma noite, por volta das 22h, o Sr. Nogueira, rapaz de 17 anos, que se hospedava na casa da D. Conceição, esposa do Escrivão Meneses, seu primo, estava a ler um livro esperando dar meia-noite para ir à missa do galo, quando a dona da casa chega e começa uma conversação.

Começaram a falar sobre livros já lidos e outros assuntos inconstantes. A mãe da D. Conceição estava dormindo, porém tinha sono leve e estava escutando toda a conversa. D. Inácia estava achando aquilo tudo muito estranho, pois estava escutando só as vozes dos dois, o que queria dizer que estavam a sós. A senhora achou muito inconveniente o fato de os dois estarem sozinhos, mas resolveu deixar quieto e voltou a dormir.

No dia seguinte, ela resolveu falar com sua filha e explicou toda a situação: “Minha filha, ontem quando eu tentava dormir, escutei a sua conversa com o Sr. Nogueira. Ora, eu não sou estúpida, vocês estavam sozinhos! Pode até ser que não tenha acontecido algo a mais, mas tenho certeza que não fui só eu que ouviu aquela conversa constante”.

Logo Conceição respondeu: “Mamãe, vou ser sincera com a senhora. Aconteceram sim coisas que agora me arrependo amargamente, porém eu não voltaria atrás. A senhora acha que o Meneses não faz nada de errado comigo? Só eu sei o que passo no dia a dia. Nosso casamento é um verdadeiro casamento de aparências. Não é certo o que eu fiz, mas estou cansada. Mereço mais, então, não me arrependo”.

A mãe dela ficou surpresa com a resposta da filha, mas ameaçou contar tudo para o marido, pois para ela, o genro era perfeito para sua filha. Mas não era.

Conceição teve que fazer várias coisas para sua mãe em troca do seu silêncio, incluindo tarefas de casa, dentre outras tantas coisas. Isso se passou durante alguns meses, até que Conceição se cansou e disse que não iria mais ceder às chantagens. Assim, sua mãe disse que contaria tudo a Meneses e assim o fez.

Foi assim que o casamento de Conceição e Meneses acabou. Eles se divorciaram. Mas não vá achando que a história acabou por aqui!

Logo após a separação, Sr. Meneses apareceu casado com a sogra, D. Inácia. Conceição, com raiva do acontecido, mandou um jovem matar o escrivão e assim foi feito. O ex-marido morreu com uma pedrada na cabeça.

Depois de um tempo, descobriram que havia sido Conceição a mandante. Ela seria condenada, porém, se matou primeiro antes de encontrarem-na.



Paixão de período

Evellyn Praciano Costa

Eu, um rapaz tranquilo, sem relações e vínculos com ninguém, só com meus livros. Ela, uma santa, simpática, era o perdão em pessoa, ainda mais por aceitar traições por parte do seu marido, o Escrivão Meneses. Eu, dezessete, e ela, trinta anos de idade.

Na noite em que eu esperava a hora de assistir à missa do galo, me despertou todo esse pensamento, essa descrição de nós dois. Eu estava lendo, quando me deparei com Conceição, ao pé da porta da sala, naqueles trajes tão privativos, digo, que só os mais próximos poderiam vê-la. Ela perguntou se eu ainda estava a esperar para ir ao compromisso. Respondi que sim e ao mesmo tempo perguntei se queria me fazer companhia, já que parecia não estar acordando de seu sono. Ela ficou surpresa com o convite e fez cara de espanto. Eu fiquei envergonhado, talvez tenha faltado com respeito.

Mas, para minha surpresa, aceitou. Sentou-se à minha frente e começamos a conversar sobre livros e autores de seu gosto e eu dos meus. Uma conversa um tanto quanto interessante e, apesar de parecer apenas amigável, olhei para ela e me veio o pensamento inicial que descrevi no início. Talvez eu estivesse louco. Eu tentava parar de pensar naquilo, enquanto ela falava comigo, mas por nada me saía da mente. Na minha cabeça, ela tinha me olhado diferente, um olhar confuso, porque tinha hora que estava entretida e feliz, mas depois era como se tivesse lembrado de algo e não queria estar ali, porém também tinha um olhar misterioso.

Em momentos da nossa conversa, pedia para falarmos mais baixo, tinha medo de sua mãe ouvir, porque na minha cabeça acontecia algo ali, a mais. Enfim, deu a hora de ir à igreja e me despedi de Conceição. Caminhei até a igreja pensando naquele momento.

Dias se passaram e conversamos quase todos os dias. Quando me dei conta, aquela pergunta “será que estou louco?” já não fazia mais sentido. A gente nunca conversou sobre como e quando começou, ou o que faríamos. Foi algo natural e eu nem me lembro o momento em que nos tornamos isto, amantes.

Mas “amantes” não era mais uma palavra que significava segunda opção, traição, escondido. Representava o carinho e a paixão que tínhamos um pelo outro. Apesar de parecer desrespeitoso, foi a história da minha primeira paixão depois dos livros.

Eu e ela ficamos bastante tempo assim, mas tive que voltar para Mangaratiba, minha cidade natal. E da mesma forma que nossa relação começou, natural e invisível, acabou.

A mãe dos meus filhos

Gabriell Henriques Lopes e Silva

Hoje, eu estava sentado lendo um dos meus livros, quando um dos meus filhos, o Estácio, veio me perguntar como eu havia conhecido sua mãe, minha esposa, D. Conceição. Logo me lembrei daquela noite...

Era noite de natal. Eu estava hospedado na casa do Escrivão Meneses, viúvo de uma das minhas primas, e eu estava esperando a hora de ir para a missa do galo.

Como Meneses havia saído, D. Conceição – como eu a chamava naquele tempo – veio até meu quarto falar comigo e me lembrar que naquela noite tinha um evento que eu havia combinado com meus amigos de ir, mas me atrasei, porque acabamos começando a conversar e me esqueci do tempo. Como fiquei encantado com aquela mulher! Foi quando um dos meus amigos bateu na janela falando “missa do galo, missa do galo” e eu tive que me despedir.

Depois daquele dia, não me encontrei mais com ela. Precisei voltar para minha cidade. Muito tempo depois, recebi uma carta de D. Conceição me avisando sobre o velório do Escrivão Meneses. Confesso que não fiquei triste com a notícia.

Chegando ao velório, avistei D. Conceição. Ela estava muito triste e logo fui falar com ela, consolá-la. Depois de muita conversa, ela me convidou para dormir em sua casa, mas naquele dia, disse a ela que tinha que ir cuidar da minha mãe.

Tempos depois, recebi uma carta, em que ela dizia estar solitária, muito triste e me convidava para irmos – eu e minha mãe – morar em sua casa no Rio de Janeiro. Sem pensar duas vezes, aceitei e logo fui avisar minha mãe que iríamos nos mudar para um lugar melhor.

Com a convivência, nos apaixonamos e estamos juntos até hoje. Foi assim que vocês nasceram!



No silêncio da noite

Gabrielly José Valadares

Era noite de natal, a casa já havia se recolhido. Bom, ao menos era o que eu achava. Eu já estava quase conseguindo dormir, quando escutei alguns passos pelos corredores. Levantei-me e fui até a porta do meu quarto. Era Conceição, saindo da sala onde o Sr. Nogueira estava.

Desconfiei, claro. O que estavam fazendo sozinhos naquela sala? No outro dia, a chamei em um canto e perguntei:

– O que você fazia na sala com o Sr. Nogueira uma hora daquela?

Logo me respondeu:

– Que pergunta, mamãe! Por acaso a senhora está me espionando?

A senti um pouco nervosa ao me responder:

– Você acha que engana, Conceição?

Passados alguns dias depois, o jovem foi embora. Até hoje eu penso sobre o que será que Conceição, sozinha, fazia com aquele rapaz.

Acho que Meneses desconfiava de algo, mas por algum motivo nunca comentou sobre isso.

Ass: Sr. Nogueira

Geovana Yasmin da Silva Lima

Depois que me mudei para Mangaratiba em busca de me tornar escritor, eu não parava de pensar em D. Conceição. Ela era uma mulher difícil de lidar. Um dia poderia ser dócil como o sol da manhã, no outro, como espinhos de uma rosa. Aquilo me deixava confuso, mas ela conseguia me ter na palma da mão dela.

Passou-se o tempo, e com isso eu tinha me focado na vida de escritor, minha maior paixão. Fiz mais de 15 livros, publiquei e ganhei dinheiro. A vida dos meus sonhos, como eu tinha imaginado, porém faltava algo... me sentia vazio, sozinho, sem ninguém. E no fundo, eu sabia que era tamanha a saudade de Conceição, minha amada. Mas o fato de que Conceição era casada com um cafajeste, me doía o peito. Ela merecia alguém de verdade, talvez alguém como eu.

Cansado de apenas ficar reprimindo aquela paixão, tomei coragem e escrevi uma carta que continha todo o meu amor. Passei a noite fazendo e no outro dia pedi para que enviassem a carta. Estava ansioso com a resposta de Conceição ou talvez com medo do jeito que ela reagiria.

Passaram-se dias, meses... Eu não tive sequer uma resposta de Conceição. Eu estava anárquico com aquela situação. Uma tamanha fúria tomou conta de mim. No meu ponto de vista, não passava de uma enganação, uma mulher sem vigor algum.

Eu queria dizer certas verdades a ela, palavras de ódio, sem compaixão. Ela merecia aquilo. Ela era mesmo igual ao marido dela, os dois se mereciam. Ela devia dar em cima de outros homens. Eu não era o único.

Quando tornei ao Rio de Janeiro, em abril, o marido de Conceição havia morrido, mas eu nem queria visitá-la. Ouvi mais tarde que iria se casar com o escrevente juramentado do marido. Ela continuava sendo uma mulher sem valor, como sempre.



Depois de um tempo, uma carta tinha sido encontrada por uma vizinha de D. Conceição. Ela havia me encontrado. Estranhei isso. Ela disse que havia meu nome e que era uma carta divina.

Um tanto confuso, peguei a carta e li, e pelo incrível que pareça, era a carta que eu tinha escrito para Conceição. A carta estava em estado de decadência, papel rasgado, amassado, queimado, sujo... Eu não sabia que Conceição era capaz daquilo, pensava eu...

Fui embora da cidade sem deixar rastros, nem mensagens. Apenas fui embora, com tristeza em meu coração. “Conceição era capaz disso?” Pensava constantemente.

A carta:

Mongaraticos, 10 de março 1862
 Querida Conceição,
 As palavras que você me disse aquela
 noite me fizeram achar que me amava.
 Já amara de cidade, me tornei um escrit
 tar bem sucedido, consegui realizar meu maior son
 ho, mas sinto que ainda me falta algo. É
 você que falta, Conceição! Me sinto triste, solite
 rio e com saudades de você. Como pudo ter sido
 tão tolo de acreditar em suas palavras?
 Você não tem razão de quanto meu amor por
 você é grande, te quero aqui comigo... Não
 é você? Não deve nem lembrar de ninguém
 existindo, já que está casada com aquele
 coisista. Você me fazia um bem enorme
 nenhuma mulher me fez sentir-se tão
 apaixonado com você. Eu amo você, Conceição
 Ass: S. Maguire

A nova missa

Helena Fuzaro D'Alexandre



Há muito tempo, quando eu tinha meus 17 anos, tive uma conversa com uma senhora de 30, mas mesmo depois de tantos anos, nunca compreendi essa conversa.

Neste período, eu estava hospedado na casa do Escrivão Meneses, que fora casado com uma de minhas primas. Mas cá entre nós, o Escrivão Meneses sempre foi muito estranho. A segunda mulher dele se chamava Conceição. Ela e a mãe dela acolheram-me quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses atrás, a estudar preparatórios. Embora elas fossem muito queridas, eu não gostava de ficar lá, não me

sentia muito bem, então ficava no meu quarto com os meus livros a maior parte do tempo.

A família era bem pequena, havendo só o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas, nada fora do normal. Às dez era o horário de dormir, mas duvido muito que alguém durma nesse horário, pois é quando, normalmente, uma carroça, em específico, passa na frente da casa.

Eu nunca havia ido a um teatro, pois dizem que teatros eram mal-assombrados. Vi que Meneses iria. Achei curioso, mas não me surpreendi. Ele realmente tem cara de quem já está possuído. Então, quis ver se era realmente o que disseram e pedi a ele para que pudesse acompanhá-lo, mas ele não falou nada. A carroça, a mesma carroça esquisita veio buscá-lo. A sogra virava a cabeça para baixo e as duas escravas viravam de costa. Achei estranho, mas decidi imitá-las e fiquei olhando para o lado esquerdo. Resolvi que tentaria descobrir o que era aquela carroça estranha, mas rapidamente desisti quando uma das escravas me pediu perdão por eu ter visto a carroça, com uma cara meio angustiada, eu diria.

Conceição era uma “mulher santa” e realmente fazia jus a este título. Mas eu achei muito estranho. Como pode existir uma pessoa tão santa? Ou como alguém pode ser tão boa ao ponto de ser considerada santa? Mas, tudo bem.

Decidi com meu amigo, que também era meu vizinho, que eu o acordaria à meia-noite para irmos a tão famosa missa do galo. Mas ele me questionou, como eu poderia ter certeza que acordaria na hora certa para irmos? Então, eu resolvi não dormir.

A família recolheu-se no horário de costume. Eu meti-me na sala da frente. Eu já estava arrumado. Dali eu passaria ao corredor, pegaria uma das duas chaves restantes e iria. Eis que Conceição chega perto de mim e fala:

– O que o senhor está fazendo acordado esse horário?

Eu não esperava que ela estivesse acordada, muito menos que viesse falar comigo. Então, dei uma resposta que, embora embaraçada, tentava ser natural:

– Não sei. Talvez eu vá ler ou então ficar aqui olhando a decoração.

– Que desculpinha mais esfarrapada, Sr. Nogueira. Conte-me, por que você está acordado até essas horas?

– Então, só me deu vontade de sair à rua, ver a noite. Ela está linda. E esse ar fresco me dá um certo conforto para ler. Aliás, que horas são?

– Entendo... Ainda são dez e quarenta e cinco.

Eu estava completamente aflito. Eu teria que sair onze e meia, mas pela feição de D. Conceição, ela certamente não iria sair tão cedo de lá.

– E a senhora, D. Conceição, o que a leva a estar acordada esse horário?

– Nada em específico. Apenas não consigo dormir muito bem nesse horário. Estranho, né?!

– Um pouco, talvez...

Ficamos parados, sem dizer nada, apenas virados um para o outro com um clima um pouco tenso. Então lembrei-me da missa. Foi aí que eu resolvi usar o fato para sair dessa situação constrangedora. Mas logo fui interrompido por ela, antes de sequer abrir a boca.

– Sr. Nogueira, o senhor também acha estranho o meu marido? Tipo, o senhor não acha muito suspeito o fato dele quase sempre sair com aquele homem da carroça, com a desculpa de ir ao teatro?

– Como assim, D. Conceição? Ele não vai ao teatro? Quem é aquele homem da carroça? Por que ninguém olha para ele? Está tudo tão mais confuso agora.

Tudo ficou em um repleto silêncio. Conceição olhou para o teto e ficou calada com os dedos cruzados sobre as pernas. Lembrei-me mais uma vez da missa. Olhei o relógio que marcava onze e trinta e dois. Passou o horário da ida, mas eu não sabia se eu deveria sair ou ficar. Preferi a segunda opção. Conceição tomou consciência e me respondeu:

– Eu já o segui escondido até determinado ponto, mas em uma certa hora, ele começou a ir na direção contrária. Lá fica uma casa que é frequentada apenas pelos dois, mas também não é a casa do homem da carroça. Aquele homem... bem eu sei ao certo quem ele é, só não gosto de olhar para ele, assim como as escravas e minha mãe.

– Entendi.

Fui para o lado de fora com Conceição, novamente calados, até que o relógio marcou meia-noite. Já estava ciente de que meu amigo ficaria furioso comigo por eu não tê-lo acordado no horário. Passaram-se cinco minutos e eu o vi correndo e gritando:

– Missa do galo! Missa do galo!

Conceição logo me apressou para ir, enquanto falava:

– Ande, está atrasado, senão vai ter que ir só na outra missa, mas não é igual.

Depois disso, eu voltei para Mangaratiba e nunca mais falei com ela. Mas há rumores de que o marido dela, o escrivão, mantinha um caso com o homem da carroça.

O amor proibido

Júlia Cíntia Rodrigues da Silva

A mãe de D. Conceição fingiu que estava dormindo e viu a filha dando em cima do Sr. Nogueira. Ao amanhecer, ela foi correndo contar para as amigas a fofoca. Mas, passados alguns dias a notícia chegou aos ouvidos do Escrivão Meneses, que foi correndo saber, da boca de Conceição, se isso era verdade.

Então, ele chegou e perguntou:

– Você queria mesmo fazer isto comigo?

A D. Conceição ficou assustada com a pergunta e respondeu:

– Do que você está falando?

– De você e o Sr. Nogueira. – Respondeu o marido.

– Eu não fiz nada, mas realmente estava pensando em fazer, porque você fica me traindo e eu nem falo nada. – Retrucou Conceição.

Depois disso, o Escrivão Meneses passou mal. Ele sentiu uma dor no peito e caiu no chão. Ele parou no hospital e no momento em que estava lá, D. Conceição escreveu um bilhete para o Sr. Nogueira:

Sr. Nogueira,

O que tivemos foi uma paixão momentânea e isso foi errado, pois fugi do meu papel de esposa. Se pudesse mudar o passado, nada disso teria acontecido. Devemos, agora, cada um seguir o seu caminho e deixar no passado o que aconteceu.

O arrependimento

Lavínia Gabrielly Martins Ribeiro

Querida Conceição,

Através desta carta, venho te pedir perdão por aquela noite. Eu confesso que queria muito ter vivido aquele momento com você, mas eu estava meio sem jeito.

No momento em que você estava se aproximando de mim, passou um filme pela minha cabeça. Estava me sentindo muito bem ao seu lado, mesmo sabendo que você era casada e bem mais velha que eu. Eu me arrependo de não ter aproveitado aquela chance.

Só queria voltar no tempo e fazer tudo diferente. Confesso que às vezes me pego imaginando nós dois juntos, vivendo uma vida tranquila e fico indignado comigo por ter jogado fora a chance de viver o resto da minha vida com você.

Infelizmente agora você se casou novamente e não terei mais chances com você...

[...]

Depois de várias tentativas de escrever uma carta, no final, não tive coragem de mandar nenhuma.

Declaração para meu grande amor

Laura Yasmim dos Santos Oliveira

Querida Conceição,

Como vai, minha amada? Espero que esteja bem. Quero te contar uma coisa que você irá ficar bastante surpresa.

Bom, desde quando te vi pela primeira vez, foi paixão à primeira vista. Fiquei fascinado em sua beleza. Nunca vira mulher tão bela assim.

Só que tem um porém. Você é a esposa do meu grande amigo Meneses. Creio que se vivêssemos um romance, seríamos bastante julgados por eu ser muito amigo de seu marido. Só que eu não me importaria, logo iria passar.

Para te falar a verdade, eu considero as atitudes de Meneses como as de um cafajeste. Ele não te respeita, sai todas as noites para se encontrar com outras. Como você aguenta isso, minha querida? Deveria dar o troco nele. Uma mulher tão bela assim não merece passar por isso.

E aqui, chegando ao fim, já nem sei muito o que te falar. Queria poder te dizer tantas coisas, mas eu ainda prefiro falar um eu te amo. A única coisa que eu peço todos os dias é para que possamos ficar juntos e eu sei que um dia iremos ficar.

Vou encerrar aqui, já nem sei muito o que te falar. Prometo que na próxima te faço uma carta melhor.

Eu te amo, Conceição. Nos falamos em breve.

Com carinho,

Sr. Meneses.

Missa do galo: o que aconteceu naquela noite

Letícia Gabriele Pestana Maciel

Sr. Nogueira, um jovem de dezessete anos, que se hospedou na casa de um de seus parentes, horas antes da missa do galo, estava se preparando, com seu amigo, para irem à missa. Foi quando a D. Conceição passou pelo corredor do quarto do Sr. Nogueira, conversando com sua mãe, D. Inácia, sobre ficar em casa esperando o Escrivão Meneses chegar para tratarem de assuntos particulares, mas a mãe aconselhou a não fazer aquilo naquele dia. Então, D. Inácia esperou que sua filha fosse dormir cedo como havia lhe recomendado. Assim, ambas foram para os seus quartos.

Horas depois, a mãe de D. Conceição escutou barulhos de conversação na sala. Ela ficou com medo, mas foi dar uma olhadinha. Chegando lá viu que o Sr. Nogueira não tinha ido à missa do galo, nem sua filha tinha ido dormir como havia falado. Os dois estavam trocando flertes, olhares e toques. Eles pensavam que ela estaria dormindo. Mal sabiam que ela estava xeretando a conversa dos dois.

Horas se passaram e os dois continuaram conversando, trocando olhares e pensamentos com segundas intenções. Mas, depois foram, cada um, para seus quartos, porque o Escrivão Meneses poderia chegar.

Ao se despedirem, D. Conceição deu um beijo na bochecha do Sr. Nogueira, um pouco perto da boca do rapaz. D. Inácia viu tudo, mas também guardou tudo para ela. Assim, todos foram dormir.

Pouco tempo depois, Sr. Nogueira voltou para onde morava e nunca mais teve notícias de nenhum de seus familiares. O Escrivão Meneses morreu e D. Conceição se casou de novo.

História do meu casamento

Luiz Felliphe Alves de Matos

Depois de alguns dias da missa do galo, voltei para minha cidade no interior do Rio de Janeiro e lá encontrei meu irmão, o Sr. Kleber. Conteí para ele sobre aquela noite e pedi a opinião dele a respeito. Ele me falou que D. Conceição claramente tinha interesse em mim e que fui bobo de não ter aproveitado aquela oportunidade.

Eu não conseguia tirar D. Conceição da minha cabeça. Uma semana depois de eu estar em Mangaratiba, chegou a notícia que o Escrivão Meneses havia falecido. Então resolvi voltar para a cidade do Rio de Janeiro para ir ao enterro. Mas eu só pensava em ver D. Conceição.

Quando a vi lá no enterro, ela estava tão bela, com um vestido bem longo, preto. Eu sei que pensar nela naquele momento era muito errado, mas logo consegui falar com ela e lhe dei um abraço, desejei meus pêsames e conversamos um pouco. Comentei com ela que eu pretendia me mudar de vez para o Rio.

Deste dia em diante, nos tornamos mais próximos e acabamos tendo um relacionamento. Um ano depois nos casamos e vivemos muito felizes. E essa é a história minha e de sua avó, meu neto.

D. Conceição

Lukas de Magalhães Araújo

Chegou um lindo jovem de Mangaratiba, que eu e minha mãe recebemos e acolhemos na casa de meu marido, o Escrivão Meneses. Ele era calmo, tinha poucas relações e vivia lendo livros.

Meu marido saía uma vez por semana para ir ao teatro. Em uma dessas noites solitárias, estava andando pelo corredor, quando vi o Sr. Nogueira lendo um de seus livros na biblioteca. Surpresa por ele ainda estar acordado, perguntei:

– Ainda não foi?

– Não fui... Parece que ainda não é meia-noite.

Me aproximei mais dele.

– Que paciência!

Não tinha conseguido dormir aquela noite e fiquei aliviada por não estar sozinha. Sentei do outro lado da mesa e começamos a conversar. Apoiei minha cabeça em uma mão, a outra coloquei sobre o joelho. Estava muito cansada.

Depois de um tempo conversando, percebi o Sr. Nogueira com um olhar nervoso, que me encarava de cima a baixo. Por um momento achei que tinha algo errado comigo, mas, engano meu. Senti-me apreensiva e confusa, então mudei a postura e o rumo da nossa conversa.

Sentei-me em uma cadeira que estava ao lado da mesa e, assim, continuou fluindo a conversa, sempre perguntando mais coisas para conhecê-lo um pouco mais. Estava muito exausta, mas seria falta de educação ir dormir.

Levantei-me, ele teve a mesma intenção, mas o impedi. Iria lhe dizer algo, mas estremeci e me sentei de novo. Falamos sobre os quadros que tinha lá em volta, sobre a situação deles e onde ficaria melhor colocá-los.

Depois de um certo tempo conversando, ficamos calados. Ficamos encarando um ao outro, quando, de repente, escutamos pancadas na janela. Era o companheiro de Sr. Nogueira gritando: “Missa do galo! Missa do galo!”.

Assim, me despedi dele e voltei para o meu quarto.

A noite inesperada

Maisa dos Santos Lima

Era noite na velha casa do Escrivão Meneses. Vivíamos eu e minha amiga como escravas. Os donos da casa eram D. Conceição, a mãe dela e o Escrivão, mas eles resolveram hospedar o primo da falecida primeira esposa do escrivão, o Sr. Nogueira. Ele estava de passagem e soube por um amigo que teria, naquela noite, a missa do galo e resolveu ficar para ir assistir. O rapaz combinou de ir com o amigo à igreja, naquela noite.

Eu sou Nara, uma das escravas desta casa. Gosto muito dos meus senhores. Já a outra, não muito. Bom, nessa noite eu fiquei lá fora à espera do meu amado, o amigo do Sr. Nogueira, mas ele demorou muito. Quando entrei, me surpreendi. Sr. Nogueira e D. Conceição estavam conversando à sós na sala. Fiquei chocada pelo que escutei. Estavam conversando sobre romances de livros.

Durante a noite, notei que D. Conceição queria alguma coisa com o Sr. Nogueira, mas ele não percebeu, pois é muito lerdo. Sinceramente, não entendi a fala da D. Conceição “Mamãe está longe, mas o sono é leve”. Ou ele não percebeu as intenções dela, ou fingiu, pois não sei o que se passou na cabeça dele, mas poderia ter acontecido alguma coisa, afinal, entendo D. Conceição.

O escrivão não dá atenção para ela e quase nunca está em casa. Ela quase não sai. Também notei que o Sr. Nogueira gostava muito de passar o tempo com D. Conceição. Ele admirava seu jeito, seu modo de falar, como ela falava de sua vida.

A esse ponto, a conversa já estava tomando outro rumo, foi aí que meu amado chegou gritando “Missa do galo! Missa do galo!”. O Sr. Nogueira percebeu que já era hora de ir. Se despediram como se não fossem se ver de novo. Ele partiu e ela foi descansar.

No outro dia, D. Conceição me perguntou sobre ele e eu disse que não o tinha visto. Ela se recolheu e achou um livro de Machado de Assis, deixado pelo Sr. Nogueira, com uma carta dentro dizendo que esperava encontrá-la outra vez.

Alguns meses se passaram, o escrivão morreu e D. Conceição ficou sozinha, mas toda noite ela ia à sala na esperança de encontrar novamente aquele rapaz, para que tivessem mais uma noite inesperada, com uma longa e carinhosa conversa.

O que ela nunca soube é que eu estava lá, escutei tudo e apoio essa história para que tenha um lindo final feliz!

A missa do galo: o segredo

Maria Eduarda Alves da Silva



Naquela hora, enquanto acontecia um romance entre Sr. Nogueira e D. Conceição, uma das empregadas, apaixonada pelo marido da patroa, o Escrivão Meneses, ouviu certos barulhos e sussurros e foi ver o que era.

Ao espiar pela porta, se deparou com os dois trocando olhares e rindo. Achou estranho e continuou a espiar os dois, por isso percebeu que sua senhora estava muito interessada no rapaz. Então, mal esperou amanhecer para contar ao seu senhor o que deveras havia acontecido.

Logo de manhã, levantou-se muito mais cedo que de costume. Estava ansiosa para contar o que havia visto pela porta. Ao ver o Escrivão Meneses já acordado, o chamou para conversar em outro canto da casa.

- O senhor nem acredita no que vi ontem à noite!
- Pois então me conte.
- Vi sua esposa e o Sr. Nogueira ontem até tarde da noite a conversarem e rirem juntos.
- Impossível, dormi com ela a noite toda.

Ao sair pensando que era mentira, ele se depara com Nogueira a admirar sua esposa com um profundo olhar e um sorriso meio escondido.

Então, furioso, se vê traído pela sua esposa. Por mais que ele tivesse outras mulheres, ele morria de ciúmes de sua esposa, por ela ser uma mulher formosa. Mas ele nunca disse a ela que sabia daquela noite, que ela havia tido um romance com o Sr. Nogueira.

Esse havia sido seu maior segredo. A fofoca da empregada não deu em nada. Passados alguns anos, o escrivão acabou falecendo e o segredo se foi com ele.

Tudo não era real

Maria Eduarda Brito

Os dias não eram mais tão normais, desde que o Sr. Nogueira foi embora e o Escrivão Meneses acabou morrendo. D. Conceição ficou muito doente, pois seu marido havia falecido e seu segundo amor já não estava mais ali, havia ido embora para outra cidade. Sua mãe também quase não parava em casa. Sempre tinha viagens para uma cidadezinha. Ninguém sabia o porquê, até que um dia ela voltou ao Rio de surpresa e ninguém imaginava quem ela estava trazendo. D. Inácia havia se casado com o Sr. Nogueira.

Quando Conceição viu isso, ela não aceitou, pois ela dizia que o Sr. Nogueira era seu. Então ela agiu na cautela. Por mais que ela quisesse se vingar da mãe, ela teria que ser calma nas suas ações, para que ninguém pudesse imaginar que ela faria algo, senão a culpa cairia imediatamente nela.

Assim fez. Ela bolou todo um plano. Durante esse tempo, sua mãe e o Sr. Nogueira nem desconfiavam de nada. Estava indo bem até que tudo começou a acontecer.

Sua mãe nunca mais teve paz. Ela sempre se sentia acompanhada, por mais que estivesse sozinha e ela nunca se sentia bem nesses momentos. A vida do Sr. Nogueira se tornou pior, pois ela estava sempre destruindo suas coisas. Deixava bilhetes dizendo que ele sofreria muito ainda. Mas claro, ela nunca deixou evidente que era ela que estava fazendo aquelas coisas. Fazia tudo sorrateiramente.

Eles já não estavam aguentando mais. Então Sr. Nogueira respondeu ao bilhete, dizendo que a pessoa poderia fazer o que quisesse, pois eles já não aguentavam mais.

E ela fez.

No dia 29 de setembro, eles estavam dormindo. D. Conceição, fria, e sem nenhum arrependimento, ceifou a vida de sua mãe e de Nogueira. Depois de cometer o crime, ela deixou a casa e nunca mais foi vista.

À espera da missa

Marcus Vinícius de Sousa Saraiva

Deus me perdoe se eu fiz mal! Eu me casei com meu esposo, o Escrivão Meneses, mas eu não o amo. Eu me casei com ele pela fortuna que o seu pai deixou de herança. Ele sempre me traía, dizendo que ia para o teatro. Até que um dia, enquanto um jovem que estava hospedado na nossa casa, o Sr. Nogueira, estava esperando para ir à missa do galo, eu vi o momento certo para tentar buscar um verdadeiro amor.

O rapaz estava sozinho, na sala, lendo um livro. Minha mãe estava dormindo, as empregadas não, então fiquei com receio de que elas vissem, mas não me importei. Apesar de minhas insinuações, o rapaz parecia não ter atitude, até que eu o beijei!

Ainda bem que ninguém nos pegou no flagra! O Sr. Nogueira riu-se e eu lhe disse:

– Isso precisa ser um segredo nosso.

– Verdade. Prometo que não vou contar para ninguém. – Respondeu o rapaz já saindo para ir à missa, já que seu amigo lhe chamava pela janela.

No outro dia, eu o tratei como se nada tivesse acontecido, mas só para disfarçar. Porém, ele teve que voltar para sua cidade.

Não se passou muito tempo, meu marido morreu. Assim, eu e o Sr. Nogueira nos casamos e vivemos felizes para sempre!

O contrabando brasileiro

Nicollas Oliveira Santos

A família toda pensava que Escrivão Meneses inventava desculpas para sair com outras mulheres, porém a história era totalmente diferente.

Na verdade, o Escrivão Meneses não saía à noite para sair com outras mulheres, ele saía à noite para se encontrar com seu chefe de contrabando, pois trabalhava para a máfia brasileira. Assim, se encontravam quase todas as noites em um bordel para planejarem os trabalhos e para receber seu pagamento.

– Pronto, aqui estão as anotações que havia me pedido. – Disse Meneses.

– Magnífico! Aqui está seu pagamento. – Disse o chefe.

E foi assim por muito tempo. Mas um dia, uma de suas escravas descobriu a verdade e contou para sua mulher, D. Conceição, que ficou indignada e notificou a polícia. Assim, a polícia fez uma emboscada para prender os bandidos. No entanto, o plano da polícia acaba falhando e o Escrivão Meneses consegue fugir.

Foragido durante muitos dias, Meneses vê que começam a aparecer cartazes com sua foto como procurado pela polícia, o que acabou complicando ainda mais sua vida e o deixando irado, pois também descobriu que sua mulher era quem o tinha denunciado.

Um dia, bolou um plano para invadir sua antiga mansão e se vingar de sua esposa. Não foi difícil entrar, render D. Conceição com uma arma e tentar matá-la. Mas antes lhe disse aos gritos:

– Isso é por ter ferrado com minha vida, sua MALDITA!

– Socorro! – Gritou sua esposa.

Quando ele foi puxar o gatilho, uma das escravas apareceu e quebrou um jarro em sua cabeça, salvando D. Conceição. Porém, a pancada foi certa e ele acabou morrendo.

A polícia logo chegou e o caso se encerrou por ali mesmo, do pior jeito possível.

Missa do galo: a resposta

Pedro Coelho de Souza Neto

Naquela noite, o Sr. Nogueira decidiu ficar acordado para não perder a hora de chamar o amigo para irem à missa do galo. Enquanto estava acordado, ele decidiu ler um poema de amor.

De repente, a mulher do escrивão entrou na sala onde ele estava. Ele se assustou na hora, mas depois começaram a conversar. Ela começou a chegar mais perto dele. Ele começou a achar a esposa do escrивão cada vez mais atraente. Quando deram por si, já estavam se beijando. Mas aí, amigo de Nogueira bateu na porta o chamando. Imediatamente, os dois pararam de se beijar e Nogueira foi para a missa do galo.

Depois do ocorrido, ele quis ficar mais tempo no Rio de Janeiro, mas não pôde. Ele teve que voltar para casa.

Após um tempo, ele recebeu uma carta do Rio de Janeiro. Foi a esposa do escrивão que tinha enviado para Nogueira. Na carta, ela avisava que o marido dela, o escrивão, havia falecido de uma infecção sexualmente transmissível.

Assim, Nogueira foi correndo para o Rio de Janeiro. A viúva o esperava. Não estava muito abalada, porque ela sabia que ele a traía com outras mulheres.

Depois do luto, que durou dois meses, Nogueira estava ainda mais apaixonado por aquela mulher. Então, ele decidiu pedir a mão dela em casamento, já que ambos se amavam. Ela aceitou!

Eles se casaram e tiveram uma lua de mel em outro estado, onde decidiram morar e formar sua própria família.

Noite de prosa

Rafael Victor Caetano

Em uma madrugada fria e silenciosa, um jovem que se chamava Sr. Nogueira, lia um livro, sentado em uma das várias poltronas da casa de um famoso escritor chamado Meneses. No entanto, essa fama que levava era injusta, pois não tinha respeito pela sua sogra, que morava com eles. A sua esposa se chamava Conceição. Ela aceitou abrigar o jovem Nogueira em sua casa por alguns dias, até que ele viajasse de volta a seu destino.

Durante o tempo em que Nogueira se hospedou na casa do infiel Escritor Meneses, ele via sua esposa de uma forma dócil, calma e atenciosa, sempre de olho em tudo. Mas, na maioria das vezes, seu olhar se fixava em Nogueira, que se sentia levemente atraído pela silhueta da dama.

Por vezes, o jovem tentava tocá-la, mas ela o reprimia e sempre se afastava, mas era um tipo de provocação. Assim, o rapaz passou a evitá-la e se afastou repentinamente dela. Mal sabia o rapaz que ela tinha sentimentos por ele, e isso tudo ocorreu porque ela se sentia sozinha e traída pelo seu marido. Desse modo, passou a procurar carinho e atenção no Sr. Nogueira, porque era o único que a entendia e lhe dava a atenção devida.

Em uma noite de prosa entre os dois, ela admitiu a ele o que sentia e disse que também esperava que ele sentisse o mesmo, pois desejava ser amada. Após ouvir isso, o Sr. Nogueira abriu um sorriso no rosto, disse que sentia o mesmo e ali mesmo a pediu em namoro. Só que o mais novo casal tinha problemas para resolver, pois Conceição era casada. Porém não se intimidaram.

Na manhã do dia seguinte, enquanto o Escritor Meneses chegava, eles o surpreenderam com a notícia. Claro, o homem ficou enfurecido e ali mesmo queria dar um fim na vida do Sr. Nogueira. As empregadas ali presente impediram o fato. Enquanto isso, D. Conceição pegou suas coisas depressa, desceu as escadas, agarrou-se ao braço de seu amado e saíram daquela casa, onde passara por tanto sofrimento.

O escritor, distraído com tanta raiva do que a mulher lhe fizera, não percebeu que D. Conceição havia pegado uma bela quantia em dinheiro dele. Com esse dinheiro, o novo casal viajou pelo mundo, conhecendo suas belezas, se casaram e ainda tiveram um casal de filhos. Terminaram suas vidas em um chalé longe de tudo e de todos.

Um dia...

Rebeka Alves Martins



Estou me lembrando de um dia que me acontecera aos 30 anos. Já que hoje já estou com 40, vou contar esta história.

Eu tinha me casado com 27 anos e meu marido era viúvo. Algum tempo depois, um menino veio de Mangaratiba, interior do Rio de Janeiro, para completar seus estudos. Ele era muito solitário para um jovem de 17 anos. Era também muito observador. Olhava tudo ao seu redor, em silêncio.

Meu marido saía com outras mulheres à noite. Nunca fiquei com ciúmes, já que meu casamento fora arranjado por minha mãe e meu pai.

Em um dia que ele simplesmente desaparecera, estava a dormir e acordei de um sono leve, pois tinha ouvido alguns ruídos. Fui ver se era minha mãe, pois também tinha sono leve, mas não era ela. Fui ver o que era. Vi o Sr. Nogueira lendo. Fiquei perplexa, pois era noite de natal e já passava da hora de dormir, mas lembrei-me que ele estava à espera da missa do galo.

Entrei na sala e fui falar com ele. Parecera-me muito estranho seu rosto, sua fala, seus gestos e seu jeito de me fazer rir. Me lembrei de um amor que tive quando mais jovem, mas fiquei ainda mais assustada, quando ele começou a me seguir. Para qualquer lado que eu fosse na sala, ele ia para perto de mim.

Continuei a falar, agora sobre sonhos e pesadelos. Pedia-lhe para falar mais baixo com medo de que minha mãe acordasse e não dormisse mais. Falei sobre os quadros que não eram adequados para uma casa de família. Por fim, falei do passado e de como eu gostava da minha vida antes de casada, da liberdade e de como era chata e ocupada a minha vida.

Depois, veio um silêncio absoluto. Não queria falar nada. Já estava cansada e queria dormir, mas não podia deixá-lo, não era conveniente.

De pouco a pouco, a conversa foi morrendo. Fiquei cansada. Até que o vizinho o chamou: “Missa do galo! Missa do galo”, e ele foi.

Fui dormir. Graças a Deus! Não aguentava mais.

No outro dia, na hora do almoço, ele contou-me sobre a missa. Depois do ano bom, voltou para sua terra natal. Logo depois disso, meu marido morreu de apoplexia. Me casei com o escrevente juramentado dele. Não ouvi mais falar do Sr. Nogueira, mas acho que ele deve estar casado agora.

A escrava

Vitor Emanuel Resende de Oliveira

Naquele dia do acontecimento, a escrava estava limpando certa região perto do cômodo que o Sr. Nogueira e D. Conceição estavam. A escrava estava curiosa. Decidiu ouvir a conversa dos dois e ficou surpresa porque nunca imaginaria isto da D. Conceição.

Passaram-se alguns dias e a escrava não estava dando conta de carregar aquele peso de ficar segurando o segredo. Só que não podia contar isso para ninguém, pois ela não queria prejudicar D. Conceição. Ela sabia que o marido dela não ia gostar nada disso.

A escrava sabia que o marido dela tinha várias amantes e a traía todo santo dia. Então, não tinha razão dele ficar bravo, porque o mundo não gira ao redor dele e isso seria muito machista da parte dele. Mas como ela queria muito sua liberdade, resolveu fazer algo para conseguir ser uma pessoa digna e livre.

No dia seguinte, a escrava, que se chamava Elisabeth, decidiu contar esse ocorrido para a mãe de D. Conceição, D. Inácia, com a qual ela não se dava bem. Então, será que a D. Inácia acreditaria nela?

Sim. Por incrível que pareça, a mãe de D. Conceição acabou acreditando. Mas tinha outro motivo que a fez acreditar. Ela já sabia desse encontro dos dois, pois naquele dia, quando Elisabeth saiu de onde estava, D. Inácia acabou indo lá ver e ouvir o que estava acontecendo.

D. Inácia ofereceu uma quantia grande em dinheiro para Elisabeth, mas ela disse que a única coisa que ela queria era sua liberdade. Então, D. Inácia aceitou conseguir uma carta de alforria para ela, o que a deixou muito feliz.

D. Inácia fez isso tudo, porque guardava um segredo dela e do marido de sua filha. Eles estavam tendo encontros também. E desses encontros acabaram criando um sentimento um pelo outro. Mas não queria que sua filha ficasse sabendo, pois ficaria muito magoada com a mãe.

Elisabeth, por fim, conseguiu a sua liberdade, mas também quis ajudar D. Conceição a saber de toda aquela história para que pudesse ficar livre e viver seu amor com o Sr. Nogueira. Assim o fez.

Ao final, D. Inácia acabou se casando com o Escrivão Meneses. Nem todas as pessoas aceitaram esse relacionamento, mas ela jura que ele tinha se tornado um homem fiel e melhorado como pessoa. Sua filha a perdoou, porque guardar rancor da mãe não seria bom. Ela e o Sr. Nogueira se casaram, logo depois que ele voltou de viagem.

Já Elisabeth, como uma pessoa livre, conseguiu um bom emprego com um salário altíssimo. Seu maior sonho agora era encontrar alguém que a amasse e ela logo encontrou o amor de sua vida.

Por fim, deu tudo certo e todos viveram felizes para sempre.

Uma carta para o Sr. Nogueira

Wytorya Ketlen Silva Lopes

Querido Sr. Nogueira,

Não sei por onde começar e nem sei se esta carta irá chegar até você.

Naquela noite, na noite da missa do galo, eu não estava dormindo como eu havia falado, mas sim esperando a mamãe dormir. Queria conversar com você, por isso inventei a desculpa de ter acordado de repente. Desde o início, reparei muito em você e resolvi tomar uma atitude naquela noite.

Poderíamos ter aproveitado ainda mais se você não fosse tão acanhado. Sei que pode parecer estranho eu ter esse interesse por você, por conta da nossa diferença de idade e, aliás, eu sou casada. Sei também que minha mudança pela manhã foi estranha, mas ninguém poderia saber disso.

Sentia-me traída pelo meu marido, porque ele passava algumas noites fora de casa e me deixava só. Confesso que quando conversei com você, esse sentimento, essa falta que ele fazia, passou por alguns instantes.

Algum tempo depois que você se foi, eu me casei com o escrevente juramentado do Meneses, já que ele morreu. Eu não queria me casar com ele. Esse casamento para mim foi por obrigação, por ordens de minha mãe.

Todos pensam que eu estou feliz, mas não estou.

Carinhosamente,

D. Conceição.

Confusões de D. Conceição

Yasmin Melo Carvalho

O Sr. Nogueira estava esperando ansiosamente pela missa do galo, tendo consigo um clássico, ‘Os três mosqueteiros’. Estava adentrando, intensamente fixado na história, lendo de forma profunda, que se esqueceu totalmente do tempo.

De repente, ouve o bater do relógio, mostrando que eram onze horas. Quando desvia o olhar do relógio, para sua surpresa, vê D. Conceição perto da porta.

– Como pode passar tanto tempo lendo? Você parece ser um rapaz interessado. – Diz D. Conceição.

Ela também parecia interessada, não na leitura, mas em quem estava lendo naquele momento.

– Estou lendo para que o tempo passe e chegue a hora de ir à missa do galo. – Responde Sr. Nogueira.

O rapaz não entendeu porque D. Conceição estava acordada às onze horas da noite, pois ela era uma mulher ocupada e devia estar cansada. Ele estava muito mais interessado em ler, do que em dar asas àquela conversa ‘sublime’.

Em um determinado momento, D. Conceição se aproxima do jovem, expressando um certo interesse em sua feição. Nas não era qualquer interesse. Era algo abominável para uma mulher casada.

– A senhora está bem? – Pergunta ele.

Ela não parecia nada bem pelas suas ações.

– Estou me sentindo um pouco enjoada. Poderia me levar para o meu quarto? – Sussurra D. Conceição nos ouvidos do Sr. Nogueira.

O badalar do relógio simboliza a chegada da meia-noite.

– Não posso me atrasar. Desculpe-me. Se realmente está a passar mal, chame uma escrava para lhe ajudar.

Quando o Sr. Nogueira vira-se para sair, de repente, não mais que de repente, escuta D. Conceição gritar:

– Alguém ajude-me! Este homem está tentando me molestar.

As primeiras a aparecer para socorrê-la foram as escravas. Mas, discretamente, perceberam que não era aquilo que estava acontecendo. O rapaz ficou sem reação e chocado com o que estava ocorrendo. Ele pensou em correr, se esconder, negar... Mas estava totalmente sem reação.

D. Inácia acorda imediatamente, corre para a sala e flagra o Sr. Nogueira virado de costas para D. Conceição. Ela pensou em contar para o genro, mas ela sabia que o escrivão não faria nada, pois ele a traía da mesma forma e também não se importaria. Indecisa, D. Inácia põe o Sr. Nogueira para fora de casa.

Enquanto ele estava nas ruas, pensava que estava muito arrependido de ter dado asas àquela conversa com D. Conceição. Após dois dias, D. Inácia o encontra e o leva de volta.

– Umas das escravas contara a mim o ocorrido. Sendo minha escrava de confiança, eu acreditei. Também, tem o fato de as vestimentas de minha filha estarem intactas e ela parecia sem ferimentos ou arranhões. Espero que vosmecê me perdoe pelo ocorrido e espero que sua viagem não seja interrompida pela ocasião. – Diz D. Inácia.

Após o ocorrido, Sr. Nogueira viaja para Mangaratiba. Ao retornar, o escrivão Meneses havia morrido. Soube, então, que D. Conceição casara-se com o escrevente juramentado dele e havia se mudado para São Paulo.

– Espero que ela esteja bem, mesmo com o mal que me causou. Estou bem, graças à D. Inácia. Voltarei à Mangaratiba no mês seguinte. – Sussurra para si mesmo, Sr. Nogueira.

4.2 *Fanfics* do ‘Conto de escola’, Machado de Assis

Neste link você poderá encontrar o conto na íntegra:
<http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bv000268.pdf>

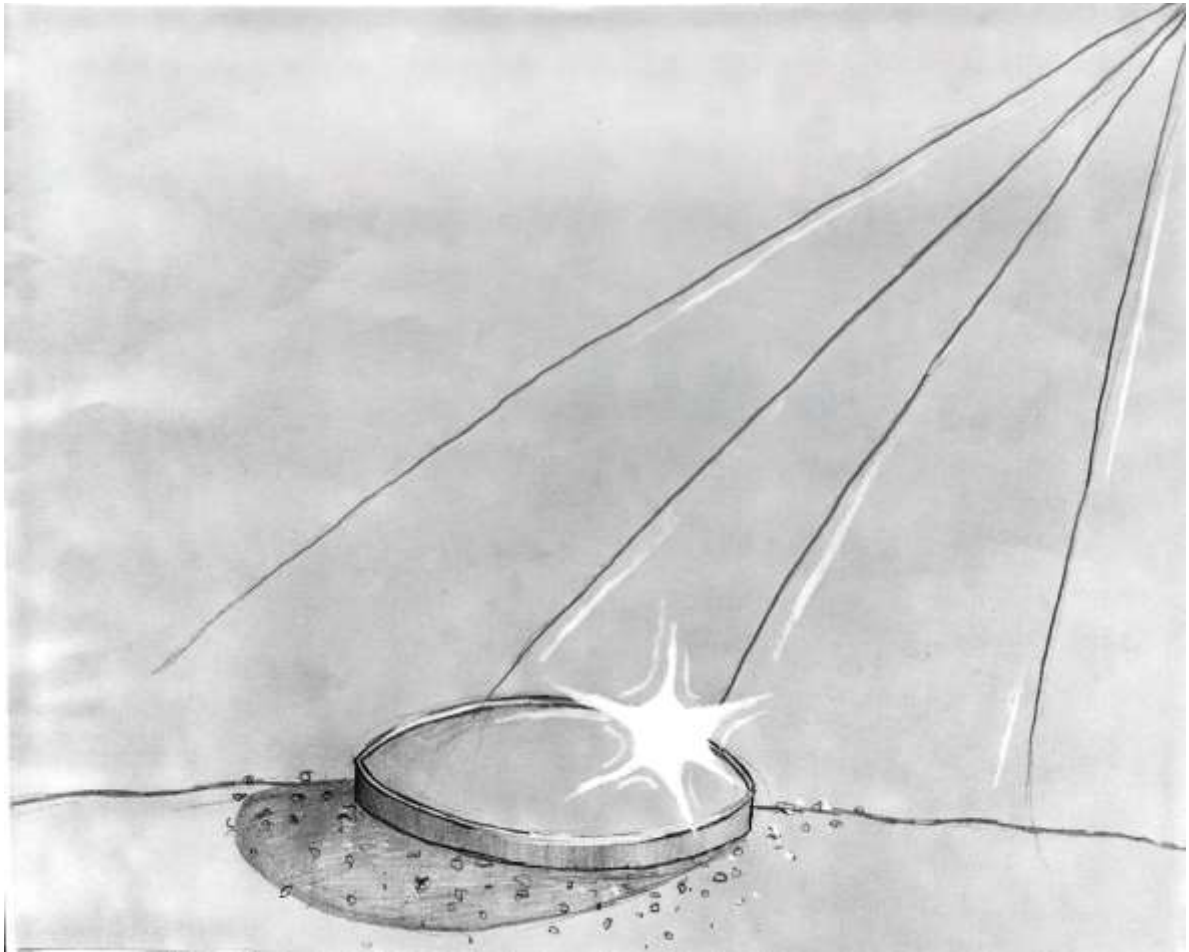


Ilustração: A pratinha. Júlia Martins Barros.

O pequeno furto

Alexandre Fernandes Cardoso



Era mais um dia normal como outro. Acordei para mais um dia de trabalho. Perante meu estresse, tive que trabalhar mesmo assim, pois não recebia muito e passava por dificuldades em casa.

Assim que cheguei ao meu trabalho, todos os alunos se levantaram de suas mesas. Os mandei ler um livro e dar continuidade à história.

Assim, meti a cara no jornal. A partir daí um silêncio constante tomara a sala, até que ouvi sussurros, mas achei que eram coisa da minha cabeça. Por isso, passei a ignorar. Até que, de repente, um aluno se levantou de sua carteira e me disse sobre o suborno. Chamei o Sr. Pilar até a minha mesa. Ele veio devagar, cabisbaixo e então lhe disse:

– Deixe-me ver este objeto que está em suas mãos. Com medo, ele me entregou. Me surpreendi ao ver aquela moeda de prata. Então, joguei a moeda pela janela para depois pegar e vender por um bom preço. Em seguida, dei várias palmatórias ao subornador e ao subornado e gritei com eles para não desconfiarem dos meus atos.

Assim que todos saíram da sala de aula, me retirei rapidamente da escola para encontrar a moeda. Assim que eu a achei, eu tentei tirá-la da boca de um cavalo, mas ele a engoliu.

Depois de dias visitando o curral do cavalo para ver se a moeda estava entre as fezes do animal, nada de moeda e o animal ainda sumiu de lá. O seu dono mudara de cidade.

Assim, a fortuna que poderia ser minha, foi perdida e voltei a ser o professor de sempre, estressado e falido.

Dura realidade

Ana Clara R. Gomes



Estava no tédio, na escola, apenas imaginando o quanto seria melhor se eu estivesse brincando com os meninos lá fora.

Ao meu lado estava Raimundo, filho do Professor Policarpo. Estava meio inquieto. Atrás de nós estava Curvelo, um menino um ano mais velho que nós. Ele tinha 13 anos e eu não ia muito com a cara dele.

Curvelo estava nos observando como se fôssemos uma presa que está prestes a atacar, mas distraiu-se. Foi nesse momento que Raimundo virou para mim e me mostrou uma moeda, do tempo do rei, eu acho. Queria que eu o ajudasse com a lição. Em troca, eu ganharia a belíssima e brilhante moeda. Era uma oferta bem chamativa, podemos dizer! Mas, Curvelo voltou a nos observar, porém disfarçamos.

Discretamente, aceitei a oferta de Raimundo. Um tempo depois, o professor nos chamou. Ele havia descoberto ou alguém contou. Foi aí que vi o Curvelo com um sorriso no rosto. Foi ele!

Após doze bolos nas mãos (palmatória, meus caros), Policarpo pegou a moedinha e a jogou pela janela. Logo após, nos dispensou.

Curvelo correu e pegou a moeda. Fui atrás, na intenção de acertar as contas. Claro!

O segui até uma periferia. Ele entrou em uma casa de madeira, bem simples. Da janela, vi Curvelo entregando a moeda à mãe. Era tão pouco, mas a deixou feliz.

Então, parti para casa.

Conto de escola: a vingança

Cauã Gabriel de Sousa Barbosa



Depois de voltar da Praia da Gamboa, encontrei Curvelo e Raimundo aos arredores da escola. Resolvi espiá-los e me deparei com Raimundo entregando um saco com algo dentro para Curvelo.

Indignado, logo pensei que Raimundo havia planejado tudo aquilo para me afetar. Voltei para casa pensativo.

No dia seguinte, fui para a escola com o diabo no corpo. Iria fazer de tudo para fazê-los levar mais de 20 bolos do Sr. Policarpo.

Durante o dia inteiro, os observei só esperando um deslize para dedurá-los. Horas, minutos, segundos se passaram e nada de eu conseguir minha vingança contra os dois.

No outro dia, durante o intervalo, fui-me às pressas à cadeira do Sr. Policarpo e deixei várias tachinhas pontudas lá e na mochila de Raimundo e Curvelo.

Quando o mestre se sentou em sua cadeira, soltou um grito de dor. Foi a minha deixa. Disse ao mestre que seu filho e Curvelo haviam feito aquela travessura. Mostrei a mochila dos dois. Sem pensar, o professor Policarpo catou-lhes e deu-lhes 32 bolos em cada mão.

Sim, minha vingança havia funcionado.

Conto de lição

Emanuel Souza Galvão



Então eu fui para a escola e lá estava o mestre dando aula. Me sentei no meu lugar e do meu lado estava Raimundo, filho do mestre. Nós estávamos fazendo uma atividade que o professor havia passado, quando percebi alguém me chamando. Era Raimundo me pedindo ajuda, em troca de uma moeda. Como eu estava precisando, não resisti e sem o mestre saber, passei a resposta para ele.

Um tempo depois, ouvi o mestre me chamar. Do seu lado já estava seu filho. Ele havia descoberto tudo, por causa do Curvelo que nos havia dedurado. Com isso, o mestre nos advertiu dando uma palmatória em cada um de nós e, ainda, pegou minha moeda e jogou fora.

Quando a aula acabou, nós fomos embora. Lá do lado de fora, avistei Curvelo e decidi lhe dar uma lição, mas ele me viu antes e começou a correr. Eu também corri atrás dele. Passamos por um beco, onde eu o peguei. Então, logo começou a me pedir desculpas, mas eu nem queria dar-lhe ouvido, só queria descontar minha raiva. Assim foi. Bati muito nele.

No outro dia, eu estava indo para a escola e encontrei a moedinha que o mestre havia jogado pela janela. Fiquei muito feliz. Mas eu tinha que entrar na escola. Quando entrei, não avistei o Curvelo. Logo pensei que ele não tinha ido por medo. Mas não dei moral, assisti à aula e fui embora.

Chegando em casa, vi a mãe do Curvelo conversando com minha mãe. Elas estavam sérias, sem nenhum sorriso. Com medo, entrei para casa. Ouvi a porta bater e ouvi minha mãe me chamando. Ela estava muito brava e perguntou para mim por que eu havia batido em Curvelo. Como não sabia mentir, falei a verdade. Depois que terminei de contar, ela me disse que eu não podia ter feito aquilo, me deu o maior sermão e, no final, ainda me bateu.

No outro dia fiquei pensando no que eu havia feito naquele dia e percebi que eu tinha sido muito errado. Me arrependi muito.

Quando cheguei na escola, já fui correndo pedir perdão para o Curvelo. Ele me perdoou. Assim, voltei para casa e continuei minha vida normalmente.

Conto de escola: o troco

Guilherme Vieira Aires



Após serem liberados, Sr. Pilar chamou Raimundo para uma conversa. Os dois estavam com muita raiva de Curvelo. Raimundo, que era considerado um menino magrelo, sem força alguma, se juntou ao Sr. Pilar para darem um troco em Curvelo.

Assim fizeram. Começaram a seguir Curvelo na rua, esperando que ele entrasse em alguma rua deserta. Curvelo que não era nem bobo, percebeu que estava sendo seguido e começou a correr.

Sr. Pilar e Raimundo se separaram para cercar Curvelo. Para a infelicidade do colega, ele trombou de frente com o Sr. Pilar que lhe dera um golpe certeiro. Raimundo chegou em seguida e viu Curvelo caído no chão com os olhos arregalados, mas, consumido pelo calor da emoção, o chutou, mesmo ele já estando em desespero.

Para se livrar dos agressores, Curvelo gritou dizendo que havia achado a moeda que o professor jogara na rua e que a daria a eles se não lhe batessem mais. Sr. Pilar que era esperto, pegou a moeda da mão de Curvelo e a guardou, mas também pegou todo o dinheiro que ele guardava em seu outro bolso e entregou para Raimundo.

Os dois fizeram Curvelo prometer que não contaria para ninguém o que aconteceu ali e inventasse uma história de que teria sido assaltado.

Sr. Pilar e Raimundo saíram rindo da cara do miserável Curvelo, que ficou chorando, caído no chão.

A moeda do mal

Hyan Lucas Almeida Moreira

Logo após Curvelo ver que seus colegas haviam levado doze bolos na mão, um atrás do outro, o garoto ficou arrependido, sentindo muito culpa, porque não havia necessidade do professor fazer aquilo. O sinal bateu e Curvelo correu para tentar achar a moeda, porém a moeda não estava mais lá. Sem saber o que fazer, foi para casa, no entanto, queria recompensar seus colegas.

Durante o jantar na casa de Curvelo, seu pai comentou que teria que ir à cidade vizinha visitar sua mãe. Curvelo logo viu uma oportunidade de se redimir com Pilar, pois na cidade de sua avó havia uma loja de antiguidades que tinha de tudo. Após o jantar, pediu ao seu pai para levá-lo, pois queria ver sua avó. O pai concordou. E assim, logo pela manhã do outro dia, partiram.

Quando chegaram, Curvelo foi direto para a loja de antiguidades. A loja estava aberta. Curvelo entrou e perguntou ao vendedor se lá havia algumas moedas antigas. O vendedor disse que havia várias e levou o garoto até elas. Ele achou uma igual a que Raimundo dera ao Sr. Pilar. Então disse que iria levar a moeda branca, porém o vendedor disse que não venderia aquela moeda, pois o garoto não iria cuidar direito dela.

Assim que o vendedor saiu de perto, Curvelo, discretamente, pegou a moeda, saiu da loja e foi para a casa de sua avó. Ao chegar, seu pai disse que iriam dormir por lá e Curvelo disse que estava tudo bem. Dessa forma, o garoto dormiu no quarto antigo de seu pai.

Durante a noite, Curvelo acordou, pois estava ouvindo passos pesados na cozinha inteira. No primeiro momento, não deu muita atenção, pois pensava ser seu pai. Não demorou muito, os passos pesados pararam. Porém, Curvelo não conseguia dormir mais. Acendeu uma vela e pegou um livro para ler, mas os passos voltaram. Ele achou que fosse seu pai que teria ido apagar a vela. Só que não era seu pai. Era uma criatura horrenda que apareceu na frente da porta do seu quarto. O garoto percebeu que aquela criatura não tinha pernas humanas, eram cascos de bode.

Cheio de medo, o menino se escondeu debaixo das cobertas e ouviu a criatura se afastando do seu quarto. Assim, encheu-se de coragem e foi espiar na cozinha, pensando que a criatura havia sumido. Que nada! Aquele ser maligno estava no corredor, em frente ao quarto de sua avó. Com passos leves, Curvelo voltou para o seu quarto, fechou a porta e se cobriu, achando que estava tudo bem. Mas, de repente, olhou pela janela e viu dois pares de olhos vermelhos, brilhantes. O garoto tentou fugir daquela criatura que estava em frente ao seu quarto.

No outro dia, Curvelo não fora encontrado. Apenas a moeda branca.

A inveja de Curvelo

J. G. V. P.

Era mais um dia normal. Me arrumei e fui para a escola. Como sempre, eu via o Sr. Pilar indo para a escola também. Em alguns minutos de caminhada, chegamos à escola e como de costume, chegamos primeiro. Logo, o restante dos alunos chegou também.

A aula começou e o filho do professor Policarpo, Raimundo, entregou uma moeda para o Sr. Pilar em troca de ajuda com os deveres. Era uma moeda brilhante, branca como a neve e reluzente.

Eu os dedurei, pois senti inveja e queria aquela moeda para mim. Como castigo, o professor Policarpo jogou a moeda fora.

Quando o sinal bateu, eu saí correndo, pois vi o Sr. Pilar me encarando e tinha certeza que ele iria atrás de mim. Me escondi atrás de um beco, mas mesmo assim, ele me encontrou.

Nós dois acabamos discutindo:

– Porque nos dedurou para o Sr. Policarpo?

– Por quê?! Porque eu senti inveja! Aquela moeda brilhante e reluzente... A queria para mim!

– Se você não nos tivesse dedurado, eu te daria a moeda. Mas agora você me ferrou e ferrou o pobre Raimundo.

– Você está de brincadeira comigo! Nem levando mil bolos do Sr. Policarpo, você me daria essa moeda. E não estou nem aí para o Raimundo. É o que ele merece!

Ficamos discutindo ali por um bom tempo, até que o Sr. Pilar tomou uma decisão.

– Curvelo, vamos procurar a moeda juntos. Quando acharmos, você fica com ela.

Felizmente a moeda ainda estava lá e, como prometido, Sr. Pilar me deu a moeda. Logo após, tivemos uma conversa bem calma e fomos embora. Penso que fizemos as pazes.

A pratinha

Júlia Martins Barros



O dia estava lindo e eu me arrumei para ir à escola, como faria em qualquer outro. Mas logo no começo da aula, notei algo cintilante no bolso esquerdo de Raimundo e vi que ele tentava dizer algo para o Sr. Pilar.

Eu e Raimundo costumávamos ser muito amigos quando mais novos. Mas, no último ano, nos afastamos e ele se aproximou do Sr. Pilar. Antes, era eu quem o ajudava quando não entendia a matéria. Acho que acabei achando injusto ele oferecer a pratinha para o Sr. Pilar, em vez de oferecê-la para mim, seu amigo de infância, mesmo que não fossemos mais próximos.

Vi, então, uma oportunidade. Por isso, decidi denunciá-los ao professor Policarpo, com a esperança de que, pelo meu ato, ele me desse a pratinha como recompensa. No entanto, para o meu espanto, ele lhes deu um sermão, incluindo doze bolos de palmatória e jogou a pratinha janela afora!

Confesso que me arrependi de tê-los dedurado. Além de eu não ter ganhado nada com isso, prejudiquei os dois que não fizeram nada de ruim para mim. Pela expressão do Sr. Pilar, temi apanhar na saída e saí correndo ao sinal. Esperava também encontrar a pratinha na rua. E, finalmente, algo bom aconteceu! Lá estava ela, reluzente ao brilho do sol.

Fui correndo para casa, já pensando no que faria. No caminho, passei por diversas lojas de doces, de brinquedos, livrarias, de tudo. Mas nada parecia valer a pena para gastá-la.

Não voltei à escola na parte da tarde, pois estava com a cabeça cheia. Fiquei de consciência pesada por ter “roubado” a pratinha. Pensei muito e acabei decidindo guardá-la, afinal, o professor a havia jogado fora.

Tive medo de ir à escola no dia seguinte, mas fui mesmo assim. Chegando lá, vi que o Sr. Pilar havia faltado (o que honestamente foi um alívio), mas Raimundo estava lá. Claramente ele estava chateado e um pouco enfurecido, certamente, comigo. Tentei criar coragem para me desculpar, mas pensei que poderia piorar as coisas.

De repente, tive uma ideia de como me redimir! Discretamente, coloquei a pratinha no mesmo bolso que a tinha visto pela primeira vez. Após alguns minutos, ele percebeu um peso diferente em seu bolso. Ao tocá-la, olhou para trás e deu um leve sorriso.

Acho que vale a pena perder uma pratinha se for para reconquistar uma amizade.

O preço da dignidade

Kalebe Fernandes Silva

Um dia se passou e eu não estava conseguindo livrar-me das memórias do ocorrido, desde o sorriso maldoso de Curvelo, ao castigo, fruto da minha inocência.

Chegando à escola, todos os olhares se voltaram para mim. O professor Policarpo não conseguia esconder seu olhar de reprovação. Quis olhar para trás, afim de advertir Curvelo através de um breve, mas duro olhar. No primeiro momento, não tive coragem. A situação é mais assustadora quando é você que está sob os olhares. Porém, um sentimento de coragem me impulsionava a levantar a cabeça por qualquer motivo. Provavelmente, pela sensação de medo sentida no outro dia, não queria sentir aquilo nunca mais.

Finalmente, olhei para Raimundo, que estava com uma expressão ligeiramente amedrontada, mal disfarçada por um livro que ele colocava na altura do rosto – talvez estivesse tentando se esconder da minha fúria. No entanto não importava o quanto se esquivasse dos meus olhares, uma discussão era inevitável.

Ao final da tarde, terminei tudo rapidamente e com a despesa do professor, esperei no único corredor que levava à saída da escola. No momento que Raimundo passava, peguei-o pela camisa e o empurrei-o forte contra a parede, quase sussurrando para que ninguém percebesse a discussão:

– Desculpe-me, não era e não é minha intenção ter sido para você o causador de tanta hostilidade. Descul...

Interrompendo-o, disse-lhe:

– IMPRUDENTE! Você sabia o que estava fazendo, apenas não queria admitir para si mesmo, e mesmo agora não quer. Fica se escondendo por aí. Deixe de ser um covarde ou jamais sairá deste nível!

Depois de ter dito para ele tudo o que eu queria naquele dia, antes que todos fossem embora, precisava falar com o outro indivíduo envolvido naquela situação. Alguém que não seria tão compreensível: Curvelo.

Parado na saída da escola, ele acariciava carinhosamente uma moeda reluzente como a luz. Imediatamente reconheci o brilho metálico. Sei que ele não aceitaria conversar tranquilamente, entretanto àquela altura eu não me importava com o que o Curvelo acharia da minha conversa.

Meu furor cresceu. Ataqueei Curvelo com um gancho de direita tão forte para derrubá-lo e imobilizá-lo. Era o que bastava para fazê-lo me escutar:

– Pensei que Raimundo fosse covarde, mas você consegue ser muito pior. Se você tem problemas comigo, fale comigo. Quer ser o GRANDÃO? Faça seu trabalho como um homem. Assim, honrei minha dignidade.

Que moeda?

Kaue Martins de Bastos

Eu sempre tirei boas notas, sempre fui muito querido pelos professores, o que gerou uma certa repulsa por parte de meus colegas de classe. Nunca entendi bem o porquê.

Sempre gostei de fazer amizades, criar novos amigos. Isso gerou uma certa antipatia de meus companheiros de classe, e, por isso, um sentimento de raiva tomava-me conta por completo. Aquela repulsa por parte deles fazia-me mal, porque sempre fui espontâneo e como já disse, adoro fazer amizades.

Na classe, não converso com ninguém, só com o mestre, que, diferentemente dos meus companheiros, me dá atenção sempre que peço, seja para fazer perguntas, elogios, broncas ou até para lhe levar coisas de sua necessidade, como livros, etc.

Com o passar do tempo, o ódio de meus colegas e a repulsa por parte deles já não me incomodava tanto quanto antes. Mas, certo dia, algo me chamou a atenção. Dois dos meus colegas estavam sussurrando, mas dava para escutar. Eles conversavam sobre a atividade que o mestre acabara de escrever na lousa. O filho dele, o Raimundo, pedia ajuda ao Sr. Pilar e eu não entendi o porquê, pois o Sr. Pilar era um mau aluno. As minhas notas comparadas com as dele eram muito melhores. Então fazia mais sentido ele pedir ajuda para mim.

Enchi-me de raiva, mas fiquei quieto, pois sabia que seria impossível aquele plano dar certo. Quando olhei para o mestre tão distraído com o jornal, percebi que ele mal se dava conta do que estava se passando na sala de aula.

Eu iria deixar quieto, mesmo que muito contrariado. Mas quando vi a moeda... Ah, a moeda... Aquela moeda tão amarela que chega enchia os olhos. Não aguentei. Eu queria aquela moeda a todo custo. Esperei o momento certo para delatar os dois.

Dito e feito. O mestre bufava enquanto eu contava, porque sabia que seu filho estava entre os errados. Assim, levantou-se e gritou. Eu, segurando o riso, só observava. Quando eu o vi batendo com a palmatória neles, o riso estampado em meu rosto, se transformou em arrependimento.

Não fazia sentido eu os delatar só pelo meu desejo de possuir a moeda. A cada palmada que eles levavam, – e o barulho era estridente –, eu sabia que isso não iria ficar barato. O Sr. Pilar era menino de rua e certeza que ele iria querer se vingar.

Quando eu vi a moeda caindo pela janela, ali eu tive certeza que o Sr. Pilar iria querer se vingar. Comecei, portanto, a bolar um plano de fuga.

Sentei-me no fundo, perto da porta, porque quando o mestre liberasse, eu seria um dos primeiros a sair. Novamente, dito e feito. Saí primeiro e corri, mas eu ainda queria a maldita moeda. Tentei ignorar meu sentimento, mas não aguentei. Eu sabia que ele também estaria vindo. Então, mais ágil que um águia caçando, peguei a moeda e corri para a minha casa.

Não fui para a escola pelos dois dias seguintes por medo e também não vi o Sr. Pilar. Com uma bronca por parte da minha mãe, fui obrigado a ir ao colégio. Fui tremendo, com medo de ser pego de surpresa. Mas chegando lá, não vi o Sr. Pilar. Achei estranho, mas continuei meu caminho.

Quando cheguei na sala de aula, um susto me acordou. Lá estava ele sentado, me encarando. Calado estava, calado fiquei, mas sabia que meu fim estava próximo.

Na saída, o medo me consumia, mas sabia que era merecido. Dito e feito. Ele veio até mim. Eu imaginando que o soco viria da mão direita, mas nada disso aconteceu. Diferentemente, recebi um aperto de mão e poucas palavras:

– Estávamos te procurando. Por onde passou? Estava fugindo?

Não sabia o que responder. Com uma resposta vaga, tentei livrar-me da situação:

– Me procurando? Estava aqui há horas. Faltei dois dias, porque passei mal. Medo?

Eu iria mentir, mas já não aguentava mais aquela sensação:

– Oh, sim. Me desculpe pelo que eu fiz a vocês, mas eu queria muito a moeda. E também vocês nem conversam comigo – disse eu esperando uma broca que não veio.

– Primeiramente, a gente não fala com você, porque você próprio não deixa. Eu te chamei para me ajudar a fazer uma lição e você nem me deu atenção. Igualmente o Raimundo. Ele te chamou para ajudá-lo e você? Nem deu atenção para ele também. Então, se a gente não te dá atenção, é porque você não quer. E sim, eu pensei em me vingar, mas não quis, não valia a pena.

Essa resposta me quebrou. A partir daquele dia, mudei meu jeito de ser e hoje, Sr. Pilar e Raimundo passaram a ser meus melhores amigos. Passei até a dar respostas para eles quando precisam. Fui até chamado para brincar com eles na rua, um dos melhores dias da minha vida.

As palavras do Sr. Pilar me incomodaram muito. E pensar que vieram de um menino que eu pensei que iria me bater! Obrigada, Sr. Pilar!

Conto de escola: lembranças

Lucas de Paula dos Santos

A escola era na Rua do Costa e o ano era o de 1840. Eu, Pilar, sou um garoto muito sapeca, que não gostava muito de ir para a escola, assim como muitos meninos e meninas. Hoje em dia ainda não gosto, mas sou um garoto muito inteligente, que tira notas boas, respeita muito os outros, mas nem tudo é perfeito, porque realmente não gosto de ir à escola.

Certa vez, tive a chance de fugir da escola, escondido de todos. Foi no tempo que mencionei. Estava eu indo para a escola, quando vi um grupo de meninos jogando futebol na rua. Parei e fiquei muito pensativo: ir ou não ir para a escola? Mas, sem querer desobedecer meus pais, achei melhor ir.

Nesse dia, eu não estava me sentindo feliz. Estava achando que alguma coisa de errado iria acontecer e aconteceu. Acabei levando uns bolos do mestre, por causa do filho dele. Deveria ter seguido minha vontade, mas depois, tudo voltou ao normal.

Em casa, eu gostava muito de brincar com meus amigos. Meus pais sabiam que eu não gostava de ir para a escola, e isso os deixava muito tristes. Porém não parei, pois meu sonho de virar um detetive, dependia dos meus estudos.

A escola e o ódio

Maria Vitória Rubens Ferreira

Naquele dia, eu acordei com muita raiva de Curvelo. Estava decidido a ir atrás daquele garoto, até que no caminho, encontrei um batalhão de fuzileiros. Achei tão interessante e animado vê-los tocar. Eles vinham batendo os pés rápido. Direita, esquerda, acompanhando o som.

Quando comecei a segui-los, admirando tudo aquilo, minha cabeça, aos poucos, esfriou. Já não estava mais com aquele ódio que dava para ver no fundo dos meus olhos. Assim, respirei fundo, me acalmei e fui para a escola me sentindo muito mais leve por dentro.

Eu havia perdoado o Curvelo. Entrei e sentei na minha carteira. Estava decidido que aquilo não iria me abalar, até os outros alunos chegarem. Alguns me olhavam com cara de pena e outros com cara de satisfação. Até aí, tudo bem.

Quando foi no meio da aula, Curvelo, novamente, tentou me sabotar no momento em que eu deixei o lápis cair perto da carteira de Raimundo. Quando me levantei para pegar, Curvelo, por algum motivo, gritou para a sala toda que eu estava colando de Raimundo. Mas dessa vez, eu não estava errado. Mesmo assim, o mestre Policarpo me puniu novamente.

Naquele momento, todo aquele ódio que havia passado algumas horas atrás foi voltando para o meu corpo, me consumindo. Só que agora sim, eu estava decidido a me vingar.

No dia seguinte, assim que amanheceu, fui até a escola. Se no dia anterior estava com raiva, nem queria imaginar depois. Chegando lá, até mudei a expressão do meu rosto. Fingi estar muito bem. Estava sorridente. Curvelo mal sabia o que o esperava.

Com uma cara de deboche, como se estivesse esperando por aquele momento, ele estava se achando o centro das atenções, enquanto eu estava disfarçando minha vontade e desejo de vingança.

Passei o dia a observá-lo. Então, na hora de ir embora, percebi Curvelo conversando com o seu pai na porta da escola. O homem tinha uma cara assustadora, brava, um semblante estressado. Durante a conversa, Curvelo estava com uma expressão de medo de seu pai. Mas Curvelo não temia nenhuma outra pessoa, apenas ao pai.

Fui embora. Chegando em casa, eu já estava melhor, porque havia descoberto algo perfeito para a minha vingança.

Curvelo disfarçava muito bem. Ele era um menino cruel, no entanto, até aquele momento, ninguém sabia da realidade dele com seu pai. Ele dizia que o pai era bom para ele. Por conta daquela atitude, passei a investigar mais.

Descobri que Curvelo morava só com o pai, pois a mãe morava na cidade vizinha. O homem bebia muito e cobrava todas as obrigações de casa do filho, enquanto que, quando estava em casa, passava o dia todo deitado no sofá.

Outro dia que passei por lá, o vi muito bêbado, batendo muito no seu filho. E batia por qualquer coisa. Ele batia nele com uma corrente de ferro. Pensei que eu poderia usar o fato para me vingar, mas ao passar do tempo fui ficando pensativo: “será que vale a pena mesmo eu me vingar?” Eu já não estava mais com tanta raiva de Curvelo, e sim com dó. Talvez ele tenha motivo para ser assim, dessa forma. Nunca foi educado ou criado com amor. Foi rejeitado desde o útero de sua mãe.

Um dia criei coragem e falei para Curvelo que eu sabia de tudo. O garoto mudou de expressão na hora. Ele ficou surpreso e assustado. Então, eu lhe disse:

– Ninguém merece sofrer assim.

Por isso, Curvelo começou a desabafar comigo e a chorar.

– Como você descobriu? Você queria se vingar, né?

Foi quando eu expliquei que sim.

– Você iria acabar de destruir o que já está destruído.

Meu plano era sabotar Curvelo e fazer as pessoas descobrirem quem realmente ele era.

– Sinto muito você passar por tudo isso.

– Não precisa ter pena de mim, afinal, eu nunca tive pena de você.

O ódio que eu tinha dele não estava mais em mim. Estava me sentindo leve e normal.

Então eu o aconselhei:

– Por que você não vai morar com sua mãe na cidade vizinha? Não dá para viver assim, ainda mais quando é o próprio pai.

– Eu amo esse lugar. Mas como você sabe, eu sou fraco.

Curvelo não era fraco, e sim forte. O único defeito dele era disfarçar sua dor usando o ódio em outras pessoas.

Fiquei um bom tempo conversando com ele e confesso que nunca imaginaria eu e Curvelo tendo uma conversa. Então, ele me pediu desculpas pelo que fez. Achava que eu o odiava como todo mundo. Por fim, aceitei suas desculpas e ele me disse:

– Você é realmente uma pessoa incrível. Nunca pensei que o conselho de alguém me faria pensar melhor.

Desse modo, Curvelo acabou se mudando para a casa de sua mãe, na cidade vizinha. Seu pai foi preso por atos de violência e roubo. E a lição que fica é que não se cura a dor com o ódio.

Em algum lugar do universo

Marielly Rodrigues Gama da Silva

Em algum lugar do universo deve existir alguém compatível comigo. Mas, quem será?

Bom, deixe-me me apresentar! O meu nome é Pilar, conhecido como Sr. Pilar. Tenho 9 anos e faço aniversário dia 30 de março. Faltam apenas 9 dias. Agora vou contar um pouco da minha vida para vocês.

Moro como meu pai, desde os meus 6 anos, pois minha mãe nos deixou. Ela sofreu um acidente grave e não resistiu. A partir do ocorrido com minha mãe, meu pai esfriou completamente. Para falar a verdade, nem lembro da última vez que vi um sorriso em seu rosto.

Ele é um homem bom, um bom pai, mas ele me sufoca tanto em relação à escola que às vezes me esqueço que sou uma criança e que tenho que aproveitar esta fase.

O que eu mais gosto é de brincar no morro e no campo com meus amigos, ver aqueles papagaios voando me deixa alegre e, sinceramente, não consigo expressar em palavras a sensação de alívio e paz que isso me traz.

Mas tenho que acordar para a realidade, porque a vida não é fácil assim. Até confesso que não é tão ruim ir para a escola igual antes. Depois que o novato chegou, tudo ficou diferente. Tive umas sensações estranhas. Senti meu coração bater mais rápido que o normal. Nunca havia sentido algo assim. Só conseguia reparar na cor dos seus olhos, azuis da cor do mar. Espero que possamos ser amigos.

Mas, naquele mesmo dia em que estava me sentindo feliz na escola, um colega de classe, o Raimundo, me pediu ajuda para completar o exercício, como fazia por diversas vezes. Só que desta vez, como forma de recompensa (eu acho), me ofereceu uma pratinha. Isso mesmo, uma pratinha de verdade!

Sem mais delongas, peguei a pratinha e o ajudei com a atividade. O que a gente não esperava é que o Curvelo, outro garoto da nossa sala, estava observando tudo. Ele estava prestes a nos dedurar para o mestre, o mais temido de todos. Ele estava quase se levantando quando o novato o impediu, ameaçando que, se contasse, iria dizer que o vira no recreio fazendo coisas erradas. Assim, ele se sentou e desistiu.

Passados alguns minutos, o sinal tocou. Quando o novato estava prestes a ir embora, o convidei para ir ao parque. Assim, aquele dia se tornou o melhor dia da minha vida, com a pratinha que eu queria e a companhia do menino dos olhos mais lindos que eu já vi.

Devemos ser melhores

Pedro Lucas Tavares Ramos de Souza

Naquele dia, voltei meio triste para casa, porque além de perder a minha pratinha, voltei com a mão inchada.

Decidi dar um tempo da escola, para pensar e repensar nas coisas que eu fiz e poderia fazer melhor.

“Às vezes, não é em tudo que eu tenho que ser bonzinho. Também não posso ser mau, mas tenho que aprender a dizer não. É sempre bom dizer não para as coisas que nos prejudicam.

Posso até ter ficado bravo no primeiro momento, mas eu não sei a situação dele, vai que ele precisava da moeda.

É sempre bom pensar como o outro está se sentindo, não ser egoísta.

Preciso desse tempo para pensar melhor nas coisas. É a vida. Não tem nada que eu possa fazer. Que o destino e Deus o julguem, não eu”.

Essa confusão de pensamentos me acompanhava...

O mistério do Sr. Policarpo

Priscila Santos da Costa

Em uma noite chuvosa e sombria, andava pela rua um professor que a cidade temia. Com um andar manso e sorrateiro, estava em busca de novas vítimas na sua escola. Mas havia um jovem corajoso e ousado que não temia o Sr. Policarpo. Esse jovem tinha uma estatura alta e forte. Era o único que tinha coragem de se dirigir a ele.

Entrando em sua sala de aula, Sr. Policarpo chegou para fazer a chamada, quando percebeu que o garoto chamado Sr. Pilar não estava presente naquele momento. Assim, o professor, repleto de raiva, foi com um andar apressado em busca do jovem Pilar que, por azar, estava nos corredores em vez de estar na sala de aula.

Então, com muita fúria, andou a escola inteira atrás do aluno, quando, de repente, o encontrou. Não houve conversa nenhuma. Só gritos de desespero e angústia por parte do jovem Pilar.

Nesse momento, passava uma zeladora. Como ela presenciou a violência com que o professor tratava o aluno, ele a ameaçou. Que ficasse calada e não contasse a ninguém o ocorrido. Assim, o Sr. Policarpo jogou o Pilar em uma espécie de lixeira, o asfixiando e o torturando.

Logo em seguida, o levou para seu esconderijo secreto, onde estava aprisionando outros jovens que o ousaram enfrentar.

Quando acordou, Pilar estava amarrado, cheio de ferimentos pelo corpo, acorrentado e enjaulado. Ele estava tão machucado, que não conseguia falar ou se mexer. Os outros jovens que ali estavam na mesma condição, gritaram bem alto pedindo socorro. Porém, o Sr. Policarpo, rindo sarcasticamente, disse:

– Estão loucos? Ninguém poderá ouvi-los e socorrê-los.

Os jovens estavam cada vez mais desesperados. Pilar estava desmaiado. Foi quando ouviram uma grande explosão.

Sr. Policarpo, espantado, correu para verificar se nenhum de seus prisioneiros havia escapado, mas já era tarde. O Sr. Pilar não estava mais lá. Sua estratégia de entrar e salvar a todos deu certo. Fingindo estar desmaiado, recuperou suas forças, jogou uma granada que escondia e depois conseguiu abrir todos os cadeados.

Os jovens aprisionados, foram todos para cima do Sr. Policarpo. Conseguiram derrotá-lo e aprisioná-lo para que ficasse apodrecendo para todo o sempre.

Motivos de Curvelo

Rayssa Sofia Montalvão de Abreu⁹

Injusto, muito injusto. Por quê?

Pode não parecer, mas tenho minha inteligência. Raimundo não deveria ter oferecido aquela tão linda pratinha para o Pilar. Creio que ele nem precise. Por isso, fiz o que fiz e não me arrependo, mas também não nego que minhas ações não foram muito justas. No entanto, minhas necessidades falaram mais alto.

Contei sim ao professor Policarpo sobre a moeda que seu filho dera a Pilar e, ao sair, peguei-a rapidamente, pois precisarei dela.

O senhor que me pusera no mundo, fugiu de casa após descobrir a doença de meu irmão e nos deixou sozinhos: eu, minha mãe e meu pequeno irmão.

Pelo menos agora, poderei ajudar um pouco no tratamento da doença do pequenino, ou até mesmo na parte da alimentação, já que o que restava, não tem mais.

Agora tenho que despistar Pilar, que provavelmente está a minha procura e não quero dar mais problemas à mamãe.



⁹ Texto mantido no formato desenhado pela aluna-autora.

4.3 *Fanfics* de 'Umás férias', Machado de Assis

Neste link você poderá encontrar o conto na íntegra:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000250.pdf>



Ilustração: A passos largos para casa. Ana Vitória dos Santos.

O dia que mudou minha vida

Ana Beatriz Soares Silva

Estava na escola, quando alguém bateu na porta da sala de aula e por isso, logo reconheci, era tio Zeca. Fiquei animado, pois sabia que havia ido me buscar! E sempre que tio Zeca aparecia era algo bom, festas grandes.

– Sr. José Martins, pode sair – disse o professor.

Corri para buscar meu chapéu, meti meu livro de leitura no bolso e desci as escadas da escola, um sobradinho na Rua do Senado.

Na rua, fui andando ao pé dele. Ele não me dizia nada e eu não me atrevia a nenhuma pergunta. Logo depois, chegamos ao colégio da minha irmã Felícia e fomos caminhando, os três, para casa.

A minha alegria era cada vez maior. Certamente haveria festa em casa, pois íamos na frente, trocando as nossas dúvidas e conjecturas. Uma ou outra vez, parávamos. Ela para admirar as bonecas e eu para ver alguns papagaios. Tio Zeca é que nos tirava do espetáculo industrial ou natural.

– Andem logo!

Entretanto, o assunto principal era a festa que nos esperava em casa.

– Não creio que sejam anos de tio Zeca.

– Por quê?

– Parece meio triste.

Na verdade, triste não, parecia carrancudo.

– Quem faz anos tem cara de alegre.

– Então serão anos de meu padrinho ou de minha madrinha.

E assim continuamos nossas especulações.

Passamos por um senhor e logo depois por um casal, e os vimos marcarem algo com tio Zeca às nove horas.

Enfim, chegamos em casa. Mas não havia nem sinal de festa. Pelo contrário, estava tudo calmo e silencioso demais.

Dentro, ao pé da cama, estava minha mãe. Sabendo da nossa chegada, veio abraçar-nos entre lágrimas.

– Meus filhos, vosso pai morreu.

Naquele momento, eu e Felícia ficamos sem chão, pois éramos muito apegados ao papai. Lágrimas tomaram conta de mim. Tentei me conter, ser forte, o homem da casa, como

prometi ao papai que seria quando ele se fosse. Mas falhei. Nas primeiras duas semanas, não conseguia acreditar que isto estava realmente acontecendo.

[...]

Quatro anos depois...

Hoje, exatamente hoje, faz quatro anos que papai se foi e ainda não sei como exatamente ele faleceu. Mas acho que ele ficaria orgulhoso do homem que estou me tornando. Estou quase me formando e vou fazer uma viagem amanhã.

Tio Zeca acabou ficando conosco depois da morte de papai. Ele e mamãe estão bem próximos. É de se estranhar, mas prefiro pensar que é porque ambos perderam alguém que amavam muito e se entendiam, assim como eu e Felícia.

[...]

No dia seguinte...

É hoje. Estou tão entusiasmado! Eu e minha turma da escola vamos viajar. É tipo uma viagem de despedida.

Chegamos na cidade e já exploramos bastante, inclusive, vi um senhor que mexeu muito comigo. O achei muito parecido com papai. Mas, deixei para lá. Até que escutei alguém me chamando e estranhei, porque ali ninguém me conhecia e meu grupo todo estava comigo.

Quando me virei, era... Não podia ser. Olhei mais de perto e me assustei. Fiquei em choque, sem me mover um centímetro. Tentei falar algo, mas não saía uma palavra da minha boca.

Era ele, papai, bem na minha frente.

Umás férias 2

Ana Vitória dos Santos

Um homem de cabelos compridos e roupas amarrotadas foi até a escola conversar com o professor. Depois de um tempo, o mestre chamou o Sr. José Martins e o mandou sair. O homem era o tio José, que era chamado pelo nome de tio Zeca. Além de José, o tio também pegou Felícia, a irmã de 11 anos do garoto.



Os meninos estranharam, mas não perguntaram nada ao tio. No caminho para casa, os dois caminharam curiosos, pensando no que poderia acontecer. Pensavam que seria uma festa na família.

José Martins estava encantado com o que via na rua, mas tio Zeca acabava com sua alegria, ao tirá-lo das vitrines das lojas. Tio Zeca estava com a feição de que tinha feito algo, mas ao mesmo tempo tranquilo e feliz, conversava com todos os conhecidos pelo trajeto. No momento em que terminava de conversar, José via as pessoas sorrindo, como se tudo estivesse normal por ali.

Não conseguia ouvir muito bem o que os adultos falavam, talvez fosse uma festa surpresa. Se lembrou naquele instante, que o aniversário de seu pai seria no dia seguinte, mas como ele teria que fazer uma viagem, o menino pensou que fariam a festa naquele dia.

A felicidade era imensa, principalmente para José, que além de imaginar o festão, tinha saído mais cedo da escola. Ele não gostava de estudar. A alegria dele se tornou espanto quando chegou em casa e se deparou com sua mãe, segurando um saco de veneno nas mãos e sorridente.

Com a aparência feliz, a casa tinha um armarinho na frente. Os garotos entraram, foram até a sala de jantar e depois seguiram para o quarto. Ao lado, ao pé da cama, estava a tia Lucinda, que abraçou-lhes chorando e disse que o pai deles havia morrido.

Na mesma hora, José começou a chorar. Todos, a sua volta, começaram a rir. Até mesmo tia Lucinda que a pouco estava chorando. Estavam todos felizes como se nada tivesse acontecido.

José ficou surpreso ao descobrir toda a verdade: sua mãe e tio Zeca tinham um caso. Eles haviam planejado isso a tempo, tudo por causa da herança.

Foi a semana mais triste da vida de José Martins. Ele não via a hora de voltar à escola.

Na segunda-feira, voltou ao colégio. Foi também a volta da alegria. José queria esquecer essas férias por tudo, mas não conseguia.

Umás férias tristes

Arthur Henrique Alves Carvalho

Certo dia, as tão esperadas férias chegaram. Como tio Zeca não é besta, tratou logo de curtir suas férias e chamou a família de seus sobrinhos, José Martins e Felícia, que são crianças muito lindas. Um tem 10 e a outra tem 11 anos de idade. Assim, todos foram para o sítio.

Enquanto Felícia e José brincavam naquele sítio imenso de grande, o tio e os pais conversavam coisas de adulto.

Em uma noite, ao anoitecer, a mãe gritou para que seus filhos fossem se preparar para o jantar, senão, se demorassem, a janta esfriaria. E enquanto as crianças se aprontavam, a senhora e o tio Zeca foram arrumar a mesa. O pai das crianças não gostou nada daquela cena, de ver os dois juntos de “papinho”, mas deixou quieto.

Após o jantar, todos foram dormir, menos os pais das crianças, que começaram uma grande discussão. Inesperadamente, José Martins ouviu toda a confusão e essa não foi a única. Todos os dias eles brigavam.

Mesmo tendo só 10 anos de idade, o menino tinha muita maturidade e não gostou nadinha do que presenciou.

As férias, de felizes passaram a muito tristes. Ele preferia voltar para a escola.

Férias adiantadas

David Lima Silva Mendes

Eu estava na escola, quando meu tio chegou e começou a falar com meu professor. Eles estavam falando baixo e eu não conseguia ouvi-los, mas o professor balançava a cabeça, confirmando algo.

– Sr. José Martins, pode sair – ordenou o mestre.

Eu fiquei feliz por achar que estava de férias. Férias adiantadas!

Eu e tio Zeca fomos também à escola em que minha irmã estudava. Ela ficou feliz, mas o tio Zeca estava estranho. Ele dizia pouca coisa e sempre “andem” ou “mais rápido”.

Eu comecei a ficar bem confuso, mas continuei andando. Àquele ponto, eu já estava preocupado.

Assim que chegamos em casa, me deparei com muitas pessoas chorando. Foi quando me falaram para eu ir até o quarto dos meus pais. Lá estava ele deitado. Achei que meu pai estivesse dormindo. Eu tentei acordá-lo. Depois percebi que havia falecido. Fiquei em choque.

Comecei a chorar e fui para a sala. Foi quando eu vi o tio Zeca com um homem vestido todo de preto. Meu tio deu-lhe uma quantia em dinheiro, o homem se despediu, mas, ao sair, deixou cair um frasco no chão. Eles não perceberam.

Esperei que saíssem da sala e quando peguei o frasco, estava escrito VENENO. O frasco estava vazio.

Tempos difíceis

Gabriel Pinheiro do Nascimento

Nossa família começou a passar por tempos difíceis após o falecimento do meu pai. As contas começaram a se acumular e minha mãe sem conseguir pagar as dívidas, estava ficando desesperada. Então eu tentei arrumar um emprego para ajudar a pagar as contas.

A primeira ideia que tive foi como engraxate. Então, comecei a anunciar meus serviços e a gritar “engraxate, engraxate”. De repente, veio um homem de terno e cartola preta. Ele me disse para eu fazer o meu melhor e eu confirmei que o faria.

Assim, comecei o serviço. Tudo estava indo muito bem, até que no momento em que eu estava quase terminando, passou uma carriola de algodão doce. Me distraí e acabei passando graxa na calça do freguês.

Como logo percebeu, segurou meu braço e ordenou que eu devolvesse o dinheiro. Fiquei com tanto medo, que consegui me soltar do homem e comecei a correr. O homem gritava “pega o ladrãozinho”.

Eu corri o mais rápido possível e me escondi em um beco com o dinheiro. Esperei um tempo para sair do beco e voltei para casa. Lá chegando, minha mãe quis logo saber onde eu estava e eu respondi que estava no parque com um amigo. Ela desconfiou, mas deixou passar.

No dia seguinte, acordei cedo, me arrumei e cheguei na escola. Me sentei e fiquei esperando o mestre chegar para começar a aula, mas estava demorando demais. Então, veio o diretor da escola e disse que o professor havia torcido o pé e não poderia ir naquele dia.

Para meu maior espanto, vi na porta da sala o homem de terno preto e cartola. Era o mesmo homem de quem que havia pegado o dinheiro no dia anterior. Rapidamente, peguei um livro, abri e fingi que estava lendo para esconder a minha cara.

Aquele homem seria o professor substituto.

Umás férias: o plano

Giully Anne Rosa Fernandes

Vieram dizer ao diretor da escola que alguém queria falar com ele. Era o tio Zeca, tio de José Martins, que teve autorização para, sua felicidade, sair mais cedo da aula. O tio andava perto dele, mas não lhe dissera nada, só pegaram Felícia na escola e continuaram caminhando.

Certamente haveria festa em casa, pensavam as crianças. Felícia olhava as bonecas. José Martins, os papagaios. Mas o principal seria a festa que os esperava em casa. O garoto já imaginava mil coisas: bandas de música, palmas, muita risada! Um teatro de bailarinas, depois gritos do público e muitas palmas! Como ele imaginava coisas!

Até aí tudo bem. Mas no meio do caminho, o tio Zeca recebera uma notícia. Foram correndo até em casa. Então, a mãe das crianças confirmou que o pai delas havia morrido.

Os dois ficaram muito tristes, mas o garoto mais ainda. Porém, havia um segredo na família que ninguém poderia saber. O pai não estava morto, estava era fingindo sua morte, porque não aguentava mais viver naquela casa.

A única pessoa que sabia daquele segredo era Felícia. Ela até ajudou o pai com o disfarce e depois com a fuga. A menina armou o plano direitinho com o pai, que foi para a estação, pegou um trem e sumiu no mundo.

Muito tempo depois, o filho mais novo resolveu viajar, sair do país. E não é que o destino os uniu? Ele acabou encontrando o seu pai e descobriu que tudo foi um plano. No final das contas, o filho ficou muito feliz porque o pai não havia morrido.



Nada é o que parece

Isabella Coelho de Oliveira

Era um dia comum para o Sr. José Martins e sua irmã Felícia. Tudo ocorria bem na escola de cada um, até que sua tia Maria chegou na escola de ambos para buscá-los e levá-los para a casa deles.

Nenhum dos dois irmãos fazia ideia do que realmente estava acontecendo, já que a tia não dizia uma única palavra durante todo o caminho. Eles começaram a se perguntar o que poderia ser. José palpitou dizendo que seria uma festa. Felícia achava que seria um casamento. Mas, mal sabiam eles o que realmente os esperava.

Chegando na rua de casa, os vizinhos começaram a olhar para os irmãos com um olhar de pena. Os dois, acanhados, continuaram caminhando sem entender nada. Até que, chegando em casa, entenderam tudo.

O pai deles tinha acabado de falecer. Seu corpo estava estirado no chão da sala. Todos à sua volta choravam e lamentavam, principalmente a mãe das crianças, a mulher do falecido. Mas os irmãos notaram uma coisa. A única pessoa que parecia bem tranquila era tia Maria, irmã da recente viúva. Ela sempre fora muito próxima do cunhado, por que agora ela parecia tão tranquila assim? Os dois ficaram se perguntando e então decidiram investigar o que havia acontecido.

No outro dia bem cedo, os dois irmãos foram à casa da tia Maria. Ela estava bem tranquila, tomando um café. Não parecia estar sozinha. Ela conversava com alguém, mas não sabiam quem era, pois estavam observando pela grade da janela.

Resolveram, então, se aproximar mais e aí viram quem era. Era o pai deles! Eles estavam falando o quanto poderiam ser felizes agora em um lugar bem longe e dizendo que finalmente havia chegado o dia dos dois fugirem juntos.

Os irmãos, chocados com o que viram, não conseguiram mover um dedo sequer. Ninguém sabia desse caso dos dois. Ninguém imaginava. Por isso, resolveram forjar a morte dele para que pudessem ficar juntos sem julgamentos.

José e Felícia decidiram não contar nada a ninguém, para evitar mais sofrimento. Afinal, ele iria abandoná-los de qualquer forma.

Triste fim

Letícia Santana Teles

Eu sou o Sr. José Martins e vou lhes contar um pouco das minhas férias.

Cheguei da escola e recebi a notícia de que meu pai havia morrido. Fiquei muito triste, chorei muito, mas percebi que o tio Zeca não estava triste ou chorando como os demais. Fiquei desconfiado, afinal, ele era irmão do meu pai.

No dia seguinte, uma manhã triste, fomos enterrar papai. Me surpreendi ao ver tio Zeca falando com alguém que estava todo de preto, mas com o rosto coberto. Fui falar com mamãe e também fiquei surpreso, porque ela não estava triste. Enfim, o enterro acabou.

Quando saímos do cemitério, passamos por uma rua diferente. Felícia também estava achando aquilo tudo muito estranho. Foi quando parou uma carruagem atrás de uma grande pedra. Minha mãe pegou a mim e Felícia pelo braço e entrou na carruagem.

Não acreditei no que eu vi. Meu pai estava lá! Ele tinha fingido sua morte, porque estava devendo muito dinheiro para o banco.

Fugimos para outra cidade.

Meses escondidos. Que férias! Só que essa felicidade não durou por muito tempo. Descobriram que ele havia fingido a morte e logo foram prendê-lo por ter fugido da cidade com outro nome.

Fiquei muito triste, porque meu pai foi preso e as férias acabaram.



Umás férias: a descoberta

Letícia Xermenes de Sousa

Naquela tarde, eu estava na escola. De repente, meu tio veio e me levou embora. Muito curioso, fiquei o caminho todo pensando no que poderia ser: uma festa ou umas férias adiantadas. Não podia imaginar o que era. Por incrível que pareça, no caminho encontramos várias pessoas que pararam para conversar como nosso tio.

Quando chegamos em casa, mamãe estava chorando muito. Por isso, no momento, fiquei preocupado e perguntei porque ela estava chorando. Foi quando ela disse que nosso pai havia falecido.

Fiquei muito triste e sem ir à escola, o que não era tão ruim assim.

Minha mãe estava passando por dificuldades financeiras, mas eu não sabia como ajudar.

Certo dia, fui brincar de enterrar coisas no jardim e de repente bati a pá em algo muito duro. Quando eu vi com meus próprios olhos, mal pude acreditar: achei um baú com muitas moedas de ouro. Fui correndo dizer à mamãe.

Ela relatou que sabia da existência daquelas moedas, mas que já havia procurado por todos os lugares possíveis, mas não encontrara.

Depois disso, minha mãe conseguiu pagar as dívidas e ainda sobrou. Ela me deu um pouquinho!

Eu fiquei muito feliz por ter achado. Encontrar o baú do papai me trouxe um pouco de lembrança de quanto eu o amava.

Uma história invertida a choros

Lucas Rafael Rios

Era um dia qualquer. Ainda estava naquela escola que mais parecia uma prisão. Mas, apesar de parecer ser muito ruim, às vezes era bem legal, por causa dos colegas e amigos que faziam bagunça quando não podia.

Só que naquele dia teve algo totalmente fora do comum. Meu tio apareceu na porta da sala de aula. Saí andando em direção ao meu professor. Eu, como não era um dos melhores alunos, comecei a suar frio. Achei que fosse algum problema.

Meu tio e o professor estavam cochichando no canto da sala. Por um breve momento, meu tio abaixou a cabeça e meu professor colocou sua mão nas costas dele. Após isso, o mestre olhou para mim e disse:

– Senhor José Martins, por hoje está liberado.

Assim que eu ouvi essa frase, me enchi de alegria, pois teria o resto do dia livre para mim. Ao sair, passamos na porta do colégio de minha irmã, pois iríamos buscá-la também. Meu coração se encheu de alegria de novo, porque eu não sabia o que estava por vir.

Depois de caminhar bastante, meu tio nos deu dinheiro para que pudéssemos comprar algodão doce e brincar nos brinquedos, enquanto ele iria numa igreja ali perto da pracinha.

Passou um tempo, meu tio veio nos buscar para irmos embora. Sem dúvidas, eu estava feliz pelo belo dia que eu tive.

Mas quando cheguei em casa, minha mãe estava na porta nos esperando. No momento em que fui abraçá-la, ela me interrompeu chorando e disse para eu me arrumar e me preparar para nos encontrarmos todos na sala.

Assim eu fiz.

Ao chegar na sala, vi uma caixa grande, com meu pai dentro. Corri para abraçá-lo, gritando:

– Pai! Pai! Pai! Hoje o dia foi tão legal!

Como esperado, ele não respondeu nada. Minha mãe veio me abraçar e disse:

– Querido, ele não está mais aqui.

Logo entendi a situação. Desabei a chorar, pois eu podia até não ter uma relação boa com ele, mas ele era o meu pai.

Depois daquele dia, há 30 anos, resolvi melhorar em tudo que ele queria para mim.

Hoje estou aqui, com dois filhos, vivendo cada momento como o último.

No final, ficamos só nós dois

Rafael Dourado dos Santos

Oi! Me chamo Sr. José Martins.

Em um dia bem ensolarado, fui à escola, fiquei algumas horas na sala de aula, até que, em certo momento, falaram que um familiar havia ido me buscar. Era o tio Zeca, irmão do meu pai.

Fomos buscar minha irmã Felícia na escola dela também. No caminho, meu tio não falou sequer uma palavra. Pegamos Felícia e fomos para casa.

Chegando em casa, notei que mamãe estava chorando. Perguntei o que era e veio à tona a notícia de que meu pai havia falecido.

Fui para o meu quarto e lá fiquei o resto do dia. Chorei a noite toda, pensando nos momentos bons que vivenciamos.

Logo ao amanhecer, naquela manhã triste, com um tempo chuvoso, fomos enterrar nosso pai.

Chegamos ao cemitério e ficamos de cerimônia, em respeito ao nosso pai. Assim, percebi que mamãe e tio Zeca estavam próximos um do outro. Novamente olhei para ele. Continuava com o semblante sério, mas não parecia nada triste em perder o irmão.

Olhei novamente para mamãe e tio Zeca, mas os dois já não estavam mais lá. Olhei ao redor e não os encontrei. Fui para fora do cemitério procurá-los. Avistei os dois correndo em direção a uma carruagem.

Os dois fugiram com a herança de meu pai...

Um papel premiado

Richard Gabriel Rodrigues da Silva

A total alegria foi na segunda-feira, na escola. Estava cheio de curiosidade para saber dos meus condiscípulos na bagunça, o que acontecera de bom, enquanto tirei aquelas férias. Pela primeira vez na vida, fiquei feliz em voltar à escola e ainda cheio de novidades.

Reuni a turma para contar-lhes o ocorrido.

Passaram-se longos dias e a falta do meu pai aumentava. Lembrava dos momentos que passamos juntos. Mas as lembranças se uniam às dificuldades, as economias diminuindo...

Até que em um certo dia, eu e minha irmã Felícia estávamos andando pela rua, passeando e achamos um bilhete de loteria no chão, um papel molhado e quase caindo no bueiro. Eu o apontei para Felícia. Ela o pegou depressa e levamos para casa.

No outro dia, fomos à casa de apostas conferir os números. Tal foi nossa surpresa quando faltava só um número e... Ganhamos! Ficamos tão felizes que corremos, pulamos, gritamos e voltamos para nossa casa, para contar para nossa mãe.

Ela ficou tão contente. Retornamos lá com ela para pegar o nosso dinheiro.

O prêmio nos ajudou muito. Ajudou a nossa família a se reerguer e assim fomos nos conformando com o falecimento do nosso pai.

Meus condiscípulos foram à loucura, com tanta aventura!

O menino sem pai

Roni Cleito Aquino Soares

O menino sem pai era eu. Mas tudo aconteceu assim:

Um dia, fui para a escola com a alegria de que no dia seguinte começariam as férias do meio do ano. Como eu aproveitava as férias!

Daquela vez, não viajei. Resolvi passar as férias com os amigos mesmo. Eles me levaram em uma festa, disseram que seria boa. Fomos eu e minha irmã. Mas quando chegamos lá e vimos, parecia uma festa da terceira idade.

Na minha mente, veio uma imaginação de que a festa teria brinquedos, bailarinas, palhaço, bolo, mas não tinha nada disso. Achei até que eles estavam pregando uma peça na gente.

Quando a festa acabou, meu tio Zeca estava lá na porta nos esperando, montado à cavalo e vestido de preto. Fomos depressa para casa.

Chegando lá, sem saber o que tinha acontecido, vimos nossa mãe chorando e ela nos contou sobre a morte do nosso pai.

Só fiquei triste naquela hora que ela falou. Fiquei preocupado mesmo era que minhas férias divertidas iriam acabar...

No entanto, ainda estávamos sem saber por qual motivo ele havia morrido, até que descobrimos que um empregado da fazenda o havia envenenado.

Todos queriam vingança, mas minha preocupação era que fiquei sem pai e sem férias. Mamãe não me deixava sair.

O mistério

Sérgio Henrique Soares Araújo



Não é de ver que descobriram que meu pai tinha uma pequena fortuna escondida em um cofre subterrâneo e decidiram matá-lo para roubá-lo?

O mais surpreendente da história é que os assassinos eram quem menos se imaginava... Eles estavam sempre em nossa casa, brincavam comigo e minha irmã. Quando descobri, fiquei muito assustado.

Decidi fugir para bem longe com minha pequena irmãzinha. Fomos para bem longe de casa em uma tremenda corrida. No meio do caminho, encontrei tio Zeca, que perguntou o que estava acontecendo.

A minha irmã estava horrorizada com tudo que estava acontecendo, estávamos sem palavras para dizer a ele o que tinha acontecido lá dentro do enorme caseirão.

Nós falamos que nunca tínhamos imaginado que nossa mãe e meu padrinho iriam fazer isso com o nosso pai.

Verdade oculta

Y. C. dos S. A.

Se passaram cinco anos desde que meu pai faleceu. Agora, estou com 15 anos de idade e minha irmã, Felícia, com 16. Mamãe está muito diferente depois de tudo. Ela está mais triste, mais desanimada, mais apagada. Ela até fechou a lojinha de tecidos. Nosso padrinho é quem nos sustenta, praticamente. É ele quem nos traz comida quando acaba, compra roupas novas, essas coisas.

Continuo indo normalmente para a escola. Minhas notas caíram um pouco, mas nada para ficar preocupado. Felícia continua do mesmo jeito. Notas excelentes.

Na escola, fico quieto, na minha, não converso muito. Meus amigos até tentam me animar, mas são tentativas falhas.

Meu padrinho também continua o mesmo: discreto, reservado, calado. Mas esses dias ele anda muito dentro de nossa casa, principalmente no antigo escritório do papai.

Como acabamos de chegar em casa, Felícia avisou:

– Mamãe, chegamos!

Mas não escutamos nenhuma resposta. Felícia não ligou e subiu para o seu quarto. Já eu, fui até a cozinha, quando escutei a porta batendo, vindo do escritório do papai. Fui correndo e vi o padrinho saindo de lá tentando não fazer barulho.

– O que o senhor está fazendo?

– Ham... É... Eu... Hum...

– O quê? – Disse eu tentando entender o que ele estava dizendo.

– Nada – retrucou ele e depois foi embora.

Eu, curioso, fui ver porque o padrinho ficava tanto lá. Assim que dei um passo, ouvi Felícia me chamando. Saí do escritório correndo e fechei a porta.

– O que foi? – Me perguntou após ver a minha expressão de susto.

– É... nada.

– Sei. Estou de olho em você, José – disse minha irmã.

Subi para o meu quarto e fui tomar um banho gelado. Passaram-se algumas horas, desci e vi minha irmã comendo.

– Mamãe ainda não chegou? – Falei olhando ao redor.

– Não. Você sabe onde ela foi?

– Não. Isto está estranho, né? Ela sair sem avisar, ficar fora o dia todo...

– Sim – disse Felícia colocando o último pedaço de bolo na boca.

Mamãe e padrinho estariam escondendo alguma coisa? É isso que preciso descobrir.

No outro dia, mamãe chegou tarde em casa. Eu e Felícia já estávamos dormindo, mas eu acordei, me escondi atrás de uma carretinha velha e fiquei ouvindo a conversa.

– Não acredito que você fez isso com seu próprio irmão, pai dos seus sobrinhos – mamãe disse chorando.

– Eu não fiz nada. Ele que fez consigo mesmo. Ele tinha várias dívidas comigo, eu só o fiz pagá-las – disse meu padrinho sem nenhuma expressão no rosto.

Jesus! Mas o quê? Padrinho matou o papai por dívidas? Eu não estava conseguindo acreditar.

– Não! Não! Não! – Disse mamãe batendo nele e logo caiu chorando.

Voltei para casa. Entrei pelo fundo e fui para o meu quarto correndo. Chorei muito. Mas, levantei, limpei minhas lágrimas, fui até o escritório do papai e comecei a ler os papéis.

Entre em choque com o que vi e pelo que vi lá fora, mamãe descobriu há pouco tempo.

Meu padrinho mandou matar papai. A história de que ele havia morrido de apoplexia era mentira. Ele morreu envenenado por causa dessa tal dívida. Não achei nada sobre essa dívida, mas para ele ter pagado com a vida, deveria ser muito grande.

Não sei o que vou fazer agora. Não sei se conto para Felícia. Agora vai ser difícil olhar para o padrinho. Estou com raiva e magoado ao mesmo tempo. O jeito agora é esquecer. Papai já está no céu mesmo. Infelizmente.

4.4 *Fanfics* de ‘O espelho’, Machado de Assis

Neste link você poderá encontrar o conto na íntegra:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000240.pdf>

Através do espelho

Ana Carolina Barbosa da Silva

“O espelho pode ser muito cruel para quem busca ver nele
 somente o que os outros esperam”.
 Alessandro Teodoro

“Existe um mundo por trás do espelho?” – Perguntei olhando para o majestoso objeto refletor.

Naquele tempo, eu tinha vinte e cinco anos. Era pobre e acabara de ser nomeado alferes na Guarda Nacional.

Minha mãe ficou tão orgulhosa, tão contente! Minha tia quando ficou sabendo pediu para me ver e me disse que era para eu ficar no sítio dela por um mês, pelo menos. Lá fui tratado “bem”, digamos.

No meu quarto tinha um espelho grande. Estava todo sujo de poeira. O limpei e me deitei na minha cama, quando, do nada, cochilei e acordei em outro lugar.

Assim que eu me levantei, procurei por alguém, mas não tinha ninguém. Que estranho! Eu ainda estava na casa da minha tia, no sítio, mas já não tinha mais ninguém, só eu, dois burros e na casa, o espelho.

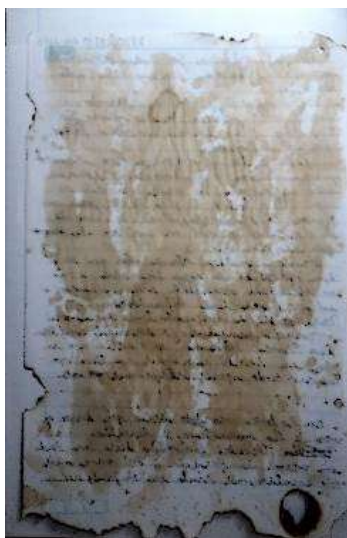
Quando eu olhei para o espelho novamente, me vi deitado, dormindo do outro lado e fiquei sem entender, mas saí caminhando pelo sítio.

No momento em que voltei para o quarto, fiquei ali de frente para o espelho e comecei a escutar passos e bum! Voltei para o meu mundo.

Terá sido um sonho? Eu, hein. Aqui é que não fico mais.

O reflexo¹⁰

M. F. de S.



Quando retornei para casa, deparei-me com algo estranho. Havia uma carta no chão. Eu a peguei e a abri, quando li a notícia de que minha tia e minha prima haviam falecido e haviam perdido a fazenda.

Depois de ter me arrumado para o funeral que aconteceria de madrugada, percebi que uns olhos me espiavam. No exato momento em que meus olhos tocam o espelho, me deparo com alguma coisa horrenda atrás de mim. Não sei descrever o que era, mas era algo negro e de olhos vermelhos.

Quando a criatura estranha notou que eu já havia percebido, meu corpo ficou pesado e não conseguia correr. Eu tive forças apenas para mover a cabeça, mas, ainda assim, com dificuldade. Assim, depois de um certo tempo, eu comecei a perder a consciência e desmaiei.

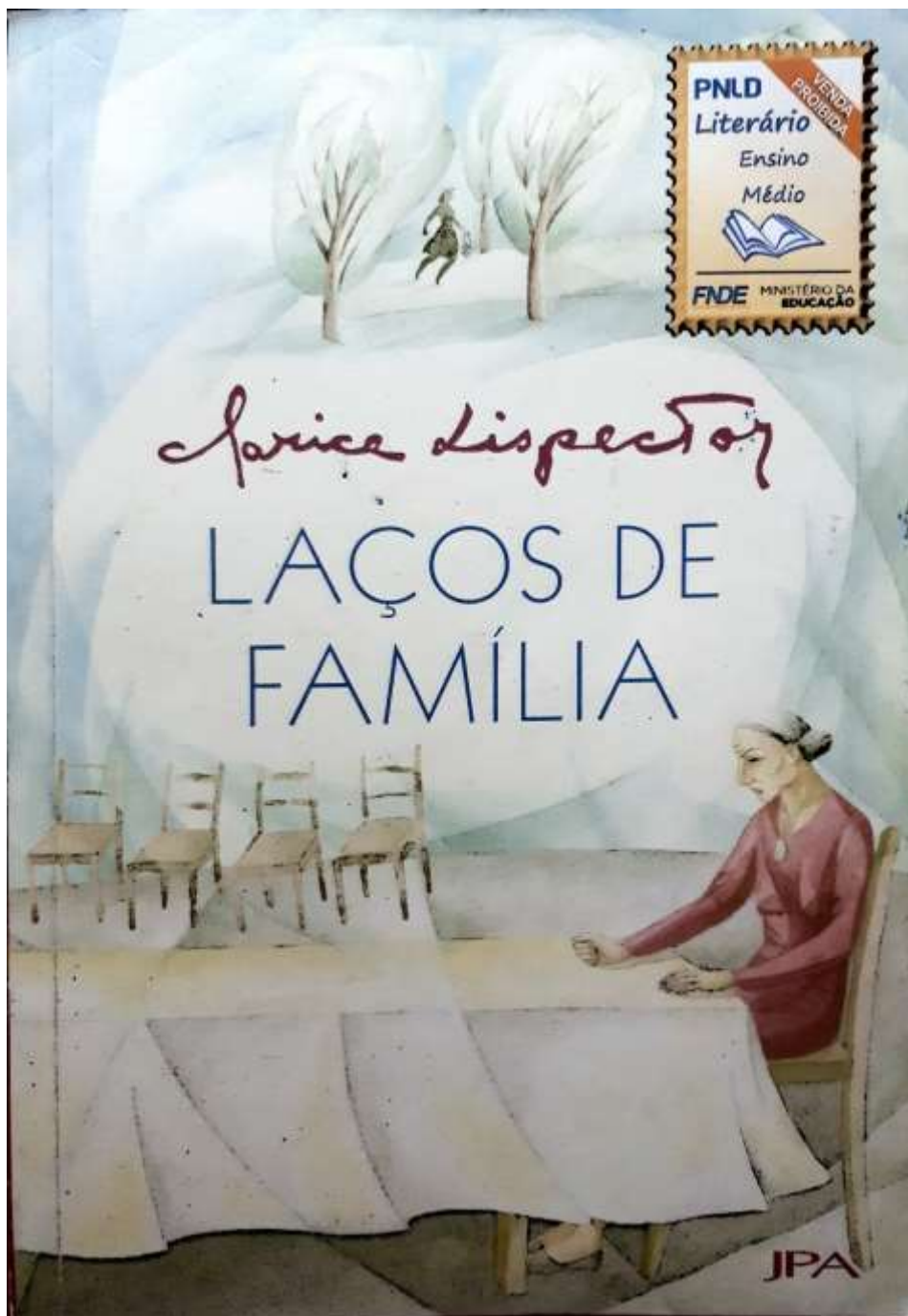
Com isso, tive sonhos “estranhos”, se é assim que se diz. Eu sonhei com aquela criatura me observando, apenas isso e mais nada...

Eu só acordei quando ouvi a voz da minha tia Marcolina e levantei assustado. Só aí que percebi que nada do que acontecera era real, tinha sido apenas um pesadelo!!!

Eu nunca mais vi aquela criatura, mas sinto que ela ainda me vê...

¹⁰ O aluno escreveu o texto em um papel envelhecido por ele, como se fosse um manuscrito antigo contendo o relato.

5 ENTRE LAÇOS E ABRAÇOS: redesenhos de Clarice



Referência: LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: JPA, 2008.

Este livro não está disponível de forma gratuita e digital. Assim, fica a dica: procure-o na biblioteca mais próxima ou em qualquer outro meio. Não será difícil encontrar!

5.1 *Fanfics* do conto ‘Os laços de família’, de Clarice Lispector

Eu te amo

Ana Clara Barbosa da Silva

Querido diário,

Hoje foi um dia de despedida. Minha mãe foi embora e como sempre, achei que ela iria sem se despedir de mim, mas desta vez, fui junto com ela.

Ainda no táxi, chegando na estação, ela continuava a repetir as mesmas coisas “será que não esqueci nada?” Na verdade, nenhuma de nós duas tinha atitude para ter uma conversa de mãe e filha. Somos assim desde sempre. Cresci, fiquei mais velha, me casei, tive um filho e nada mudou entre nós.

“Não esqueci de nada?” Novamente essa pergunta vazia.

Tocou o alerta para os passageiros se organizarem e entrarem no trem.

“Dê lembranças à titia”, falei, quebrando aquele silêncio mortal. O alerta tocou outra vez e minha mãe seguiu para entrar no trem.

Chegando lá, no seu vagão, olhei para ela com uma imensa vontade de abraçá-la. Ela me olhava, parecendo que estava se esquecendo de algo.

“Tchau, Catarina”, ela disse quase entrando no trem. Mas eu criei coragem e disse “mamãe”. Ela olhou para trás. Corri e a abracei, já com lágrimas escorrendo dos meus olhos. “Eu te amo”. Chorando também, ela me abraçou de volta. “Eu te amo, minha filha”.

Foram várias emoções com apenas um abraço e um simples eu te amo que nos fez chorar.

Ela se foi. Vi seu rosto sumindo diante dos meus olhos, enquanto o trem partia.

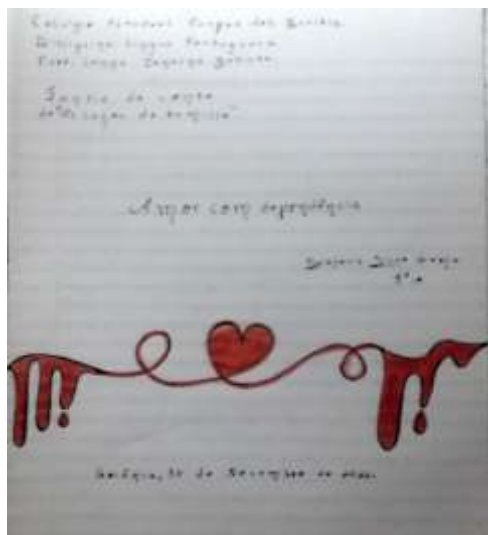
No caminho de volta para casa, chorei. É claro que nós estávamos nos esquecendo de algo, do amor de mãe e filha.

Querido diário, não quero nunca mais me esquecer daquele abraço.

Catarina

Amor com dependência

Damaris Silva Gama



Catarina é a minha mãe: doce, bonita e com apenas 32 anos, naquela época.

Se pudesse, minha mãe moraria só comigo. Porém, tem meu pai, Antônio. Ele exerce um controle muito grande sobre ela, que tem por ele uma espécie de dependência emocional.

Por não ter muito contato com a minha avó, ela nunca quis ir passar um tempo com ela. Acha que seria uma estranha junto à sua mãe. Por isso, continuava naquela casa, junto ao meu pai, um homem

um tanto manipulador.

Eu penso que minha mãe não queria isso para sua vida, porém não dava para mudar muita coisa. Além da dependência emocional, tinha a dependência financeira.

Certa vez, a vovó veio passar um tempo aqui em casa, e, como esperado, foi um desastre! Eu, apenas uma criança franzina, via três adultos que não sabiam lidar uns com os outros.

Papai e vovó nunca se deram bem. Mamãe e sua mãe também tinham uma relação distante.

Minha mãe me contou que, no dia que vovó fora embora e ela a acompanhara até a estação de trem, teve vontade de dizer que gostava da mãe. Ela também percebeu que minha avó parecia querer dizer algo, mas não conseguiu.

Era triste saber que as duas poderiam ser mais próximas, caso alguém tomasse a iniciativa de conversar abertamente.

Hoje, seguimos assim com as nossas vidas, tentando manter o ambiente calmo, às vezes com leves insultos e a relação entre os três continua a mesma.

No final, alguém precisará dar o primeiro passo para sair desse amor com dependência que permeia nossa relação.

Mãe e filha

Evellyn Praciano Costa



– Me despedi da minha mãe, mas é como se não existíssemos como mãe e filha. Foi distante e rápido. Por mais que eu procurasse formas de fazer isto, fui incapaz de me despedir e de dizer a frase “eu te amo” – pensava Catarina no caminho de casa, depois de ter levado sua mãe à estação. Apesar de nunca ter se importado com tal relação, a partir daquele momento ela se tornou mais pensativa.

Em casa, Catarina viu o filho. Naquele momento não conseguia dizer nada, é como se estivesse entrando em transe. Sentia, aos poucos, uma depressão tomando conta dela. Ninguém poderia imaginar o que se passava na sua cabeça. O filho falava com ela, mas ela não o ouvia. O marido queria sair, mas ela nem ligava.

Pensando bem, ela não ficou assim do nada, de uma hora para outra. Em que momento ela ficara assim? Havia sido após a despedida de sua mãe que ela começou a pensar demais, pensar mais do que sua cabeça suportava.

– Eu tenho medo de me tornar a minha mãe, egoísta e bloqueada de sentimentos. Não queria ser isto para o meu filho – pensava Catarina no seu mais profundo íntimo. Porém não era só isto. Ela começou a lembrar de quanto tempo perderam.

Nunca havia se importado para o fato, como começara a se importar a partir daquela visita da mãe. Recordava que não dava a mínima para aquela relação desviada, mas chegou o sentimento de culpa e falta. Por isso, resolveu correr atrás do tempo perdido e fazer o que achava mais difícil: expressar o que sentia.

Então, ligou para a mãe.

– Oi, mãe.

– Oi, filha.

O silêncio durou sete segundos.

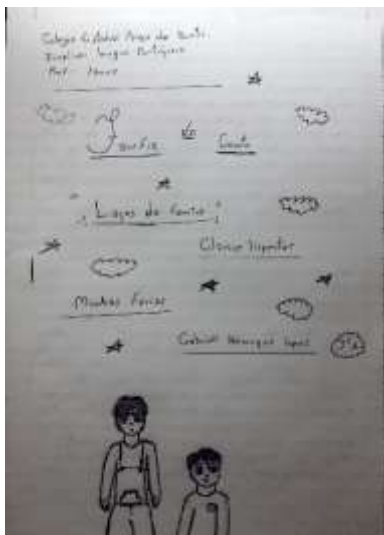
– Eu te amo – disse Catarina e outro silêncio veio.

– Eu... eu também te amo, Catarina.

O amor entre mãe e filha não era fácil e nunca vai ser, mas Catarina mudou seu jeito de pensar e sentiu que a partir daquele dia precisava dizer a mãe que a amava, afinal, também era mãe e não queria passar pela mesma situação com o seu filho.

Minhas férias

Gabriell Henrique Lopes



Eu sou Henrique e eu vou contar um pouco das minhas férias com minha família.

Eu e meus pais não nos damos muito bem. Na verdade, eu sou muito próximo da minha mãe Catarina e muito distante do meu pai Antônio, pois eles se separaram e essa separação me machucou muito.

Este ano, eu passei as férias na casa do meu pai, apesar de não nos darmos muito bem. Eu tinha muita mágoa dele por ele ter se separado da minha mãe, mas ele sempre tentava me agradar. No entanto, o que eu mais queria é que ele voltasse

com minha mãe e me contasse o real motivo da separação.

Como aqueles dias não estavam sendo fáceis para nós, ele resolveu me contar que não sentia mais nada pela minha mãe e que, vivendo juntos, ele só iria magoá-la. Ele me confessou que era muito egoísta e que preferia viver a vida dele sozinho, pois seria melhor, já que não se dava bem com relacionamentos.

Foi assim que eu entendi o real motivo da separação e o perdoei por não ter me falado antes. Agora, eu aceitei, pois vi que era o melhor para o meu pai e para todos nós. Minha mãe não merecia ser tratada com indiferença.

Depois que compreendi toda a situação, fiquei mais próximo dele e o resto das minhas férias foi tranquilo, legal, divertido e percebi que, para mim, meu pai era uma boa pessoa.

Estou partindo

Gabrielly José Valadares

Caro Antônio,

Eu deveria me sentir feliz e realizada por estar casada e ter uma família, mas, de alguma forma, eu não me sinto completa como eu gostaria de estar. Eu acho que ainda me falta algo.

Você é o homem com quem decidi me casar esperando que fosse me fazer feliz, mas só me traz tristezas.

Houve uma época que você costumava ser mais presente como pai e marido. De um tempo para cá, você só se distanciou de nós. Está sempre em todo lugar, menos aqui.

Quando nos casamos, eu esperava que teria um companheiro. Em vez disso, é como se eu estivesse sempre sozinha.

Eu me cansei, Antônio. Estou partindo. Junto estou levando nosso filho, já que você não se importa com ele também.

Espero nunca mais vê-lo.

Adeus,

Catarina.

Em busca de um final feliz

Guilherme Fernando de Sousa Silva

Querido diário,

Descobri que meu amor não é verdadeiro. Meu marido não me ama de verdade, tampouco gosta de Severina, minha mãe. Nós vivemos de aparência.

Hoje, quando minha mãe ia embora, pensei que iríamos morrer. O motorista precisou dar uma freada muito brusca e teria sido uma tragédia se o carro não tivesse parado a tempo. Eu e minha mãe nos abraçamos inesperadamente, pois nossa relação sempre foi muito fria.

Quando eu contei do acontecido ao meu marido, ele lamentou o motorista ter evitado o acidente. Foi aí que eu vi que não dava mais para ficar naquela casa.

Peguei meu filho e fomos para a casa do meu pai, que eu amo muito. Ele parece estar gostando daqui, pois passa a maior parte do tempo sorrindo e brincando, diferente de antes.

Vou tentar me reaproximar da minha mãe e buscar reescrever minha história para que ela tenha um final feliz.

Catarina

Intriga de família

Isabella Coelho de Oliveira

Mãe e filha não tinham uma boa relação. As duas não eram de se falar muito. Até que um dia, a mãe, cansada daquela briga toda, decidiu, com seu marido, ir para a casa da filha, onde ela morava com o marido e o filho.

Chegando lá, o clima não foi tão agradável, mas logo conseguiram ter uma conversa legal. Tomaram um café tranquilamente, até que a avó começou a reparar no neto:

– O que vocês estão dando para este menino? Ele está engordando muito.

O pai dele não gostou nadinha, mas se segurou.

O menino, então, quis tramar contra a avó, para que ela fosse embora logo. Ele faz várias armadilhas, mas nenhuma estava dando certo. Porém, a senhora percebeu toda aquela intriga que estava causando e resolveu ir embora.

Prometeu que nunca mais voltaria lá.

Novos laços de família

Kayck Silva Batista

Mãe e filha partiram para a estação de trem. Quase chegando lá, Severina se lembrou de uma cena muito cômica entre ela e o marido, o Sr. João, pai de Catarina, coisa rara de acontecer. Seu semblante mudou e Catarina, vendo isto, perguntou à mãe:

– O que foi mãe? Está tudo bem com a senhora?

Severina disse que sim, disfarçadamente enxugando uma lágrima.

Severina e o Sr. João não viviam muito bem. Ele era muito estressado e ignorante. Raramente ela podia sair de casa e ir visitar a própria filha, com quem tinha uma relação distante. Ela já havia tentado a separação, mas com o tempo, os dois se perdoaram e voltaram novamente, jurando que iriam viver bem. Porém, não foi isso que aconteceu.

Mas, ela resolveu contar tudo para Catarina, naquele instante. Assim, a filha decidiu que iria levar os dois para um passeio na praia, que é um lugar calmo e no fim acabou dando bastante certo!

Na última luz da tarde, todos ficaram parados, contemplando o mar e passando os pés pela areia seca. Sentaram-se um ao lado do outro, em um círculo e cada um disse para o outro o que gostaria de dizer. Houve lágrimas, mas também risadas e muita felicidade.

Todos se perdoaram. Assim, criaram laços de família novamente.

Tudo terminou como deveria ser, felizes para sempre até a morte dos pais de Catarina um ano depois.

Falsos laços de família

Letícia Gabriele Pestana Maciel



Filha e mãe não sabiam o que conversar no táxi que as levaria até a estação. As duas não tinham ideia do que falar uma para a outra para parecerem mais próximas, como mãe e filha.

Mas aquilo não era recente. Catarina e sua mãe nunca souberam demonstrar amor ou carinho quando estavam próximas. Permaneciam sempre caladas, sem muita conversa ou interação.

Catarina já era casada, mas sua mãe não gostava muito do genro. Os sentimentos forçados entre genro e sogra eram recíprocos na frente de Catarina. No entanto, Antônio não disfarçou sua felicidade quando Severina resolveu ir embora. Ele pegou suas malas, colocou no táxi com um sorriso no rosto. De sua boca, só saíam meias verdades e mentiras. Ele estava contando as horas para que sua casa voltasse a ser frequentada só por ele, seu filho e Catarina.

Catarina também não via a hora da mãe ir embora, mas quando se tratou da despedida, seu coração amoleceu. Ela sempre havia escondido seu amor pela mãe. Ambas não sabiam demonstrar o amor que sentiam. A relação delas sempre foi fria e curta quando o assunto era amor, carinho ou qualquer outro tipo de afeto.

O trem estava para partir enquanto elas permaneciam em um silêncio constrangedor. Porém, logo que Catarina viu a mãe entrando no trem, a puxou pelo braço e lhe falou, olhando profundamente em seus olhos, que ela fazia muita falta. Apenas isso. O trem partiu.

Catarina não teve coragem de dizer que a amava e todos os outros sentimentos entalados todos esses anos.

Chegando em sua casa, Catarina sentiu um clima leve, de paz.

Continuou ali, sua vida como mãe e dona de casa. Antônio voltou à rotina na área da engenharia e sua mãe vivendo bem longe.

O silêncio era meu melhor amigo

Letícia Santana Teles



Eu, Catarina, vou contar-lhes um pouco da minha história.

Casei-me aos 18 anos com Antônio, bem mais velho que eu. Ao passar do tempo, percebi que eu estava muito dependente emocionalmente. Mas ele me fazia sentir assim também. A cada ameaça de separação, falava que eu não ia arrumar mais ninguém, ainda mais depois que tive nosso filho.

Minha mãe sempre disse que ele não era para mim, mas eu não queria saber, não queria ouvi-la, e por isso, nos afastamos.

Eu já dava traços de que não poderia viver sem ele, apesar daquele casamento sem amor, desgastado. Eu achava que não poderia ser feliz distante dele. Assim, fui me afastando de todos os amigos, da família.

Mas ele não se importava comigo. Saía e me deixava sozinha. Falava que eu estava feia, gorda... Isso me destruía psicologicamente, mas eu estava ali com ele, por ele. Até que me deixou para ficar com outra.

Fiquei arrasada, entrei em depressão tão profunda que não consegui nem lutar pela guarda do meu filho.

Eu sei que tenho que sair dessa, mas no momento, não consigo. Tenho que sair deste profundo poço de lágrimas de tristeza.

Por enquanto, estou sozinha nesse apartamento, só ouvindo o zumbido daquele elevador...

Não quero ver ou ouvir ninguém, só você, Antônio...

Hoje, o silêncio é o meu melhor amigo dentro desta escuridão.

O segredo

Lukas de Magalhães Araújo

Catarina pegou seu filho pela mão, saiu pelo elevador afora e o levou para dar um passeio no parque, mas ficou pensando se seu marido havia escutado a sua saída.

Chegando a parque, sentou-se em um banco e ficou olhando seu filho a brincar. Estava a pensar no que tinha esquecido de dizer à sua mãe antes dela partir. Atordoada, estava se lembrando daquele incidente dentro do táxi e imaginava como seria se entre ambas houvesse uma relação mais forte a não ser compartilhar o mesmo sangue.

Chegou o momento de voltar. Segurou firme a mão de seu filho e retornaram ao apartamento.

O lugar estava escuro. Chamou pelo seu marido, mas ninguém respondeu. Preocupada, pensou: “Aonde ele foi? Será que foi atrás de mim?”. Resolveu esperar.

Enquanto isso, entrou no banheiro para tomar banho. Na hora do enxágue, sentiu que alguém a observava. Assustada, perguntou quem era, mas ninguém respondia. Ao terminar o banho, quando foi pegar a toalha, deu de cara com o marido.

– Onde você estava? Você sabe que eu odeio que me olhe tomando banho” – falou ela. Silêncio profundo.

Retornaram os dois para o quarto. Ele a encarava com um olhar sombrio, de raiva. Então, decidiu perguntar:

– Eu que te pergunto. Onde você foi aquela hora, com tanta pressa?
– Levei nosso filho ao parque. Precisava ficar sozinha por um tempo.

Ele não acreditou em sua história. A observou a noite toda, pensando no que ela escondia. Pensamentos de insegurança o atormentavam. Um sentimento de injustiça estava impregnado em sua mente. Até que, com pressa, saiu no meio da noite.

Na manhã seguinte, seu marido não se encontrava ao seu lado. Ela o procurou por todo o apartamento, mas não o achou. Pela vizinhança também não estava. Porém, na geladeira havia um bilhete: “a verdade será revelada”.

Férias em família

Maisa dos Santos Lima

Eu sou o Mário. Vou contar a vocês as minhas férias em família, com meus pais e minha avó materna.

Nós viajamos para a Bahia. Fomos de carro. A viagem foi muito longa e chata, no início. Mamãe e vovó estavam no maior “climão”. Elas não se davam muito bem.

As duas eram muito diferentes. Mamãe Catarina era muito brava, gostava de tudo certinho, do jeitinho dela. Já vovó Severina era doce, meiga, meio doida e fazia tudo de crochê.

Papai Antônio só observava. Não falava nada, com medo das duas se estranharem. Até certo ponto estava dando tudo certo, mas à noite, na hora de decidir o que iríamos comer, a briga começou.

Mamãe me mandou escolher algo para comer, mas tinha que ser salgado, pois doce fazia mal. Vovó entrou na conversa e disse que doce não fazia mal coisa nenhuma, só se comesse demais. Aí a discussão pegou fogo.

Mamãe jogou na cara dela que ela não sabia de nada, que ela nunca havia cuidado dela e de sua irmã, tia Luísa. Falou que as duas sempre se viraram sozinhas.

A mágoa de mamãe era porque ela sentia falta da vovó na infância. Por algum motivo, vovó deixava muito as filhas sozinhas. Vovó também sentia falta dela, mas tinha medo de falar. Contudo, naquela noite, ela falou.

Vovó disse a mamãe que a amava e que amava titia também, e pediu perdão por tê-las magoado. Naquele momento, ela só queria se redimir e fazer aquela viagem tranquila, em família, mesmo que titia não estivesse com a gente.

Mamãe ficou emocionada, pois nunca tinha ouvido essa frase da vovó. Elas se abraçaram e choraram muito.

Assim, seguimos a viagem tranquilamente.

Eu e papai conversamos a viagem toda e eu fiquei muito feliz, pois minha família estava unida de novo.

A minha vida

Marielly Rodrigues Gama da Silva

Olá! Eu sou Catarina. Hoje irei contar um pouco da minha história para vocês.

Eu nasci em Portugal e meu irmão João também, um ano mais novo que eu. A partir dos meus 15 anos, fomos para o Brasil e fomos criados pela nossa avó Severina, pois nossa mãe descobriu um câncer no cérebro. Depois que ela morreu, meu pai entrou em depressão profunda, o que resultou em seu suicídio.

Enfim, depois de tudo isso que passei, foquei em meus estudos. Assim que terminei, fui procurar trabalho e encontrei em uma padaria próxima à casa da minha avó.

Estava indo tudo bem nos primeiros dias, até que um cliente que ia lá sempre, pediu meu telefone. Eu dei. Dias se passaram e nos aproximávamos cada vez mais. Foi ali que eu percebi que estava apaixonada por ele e ele por mim.

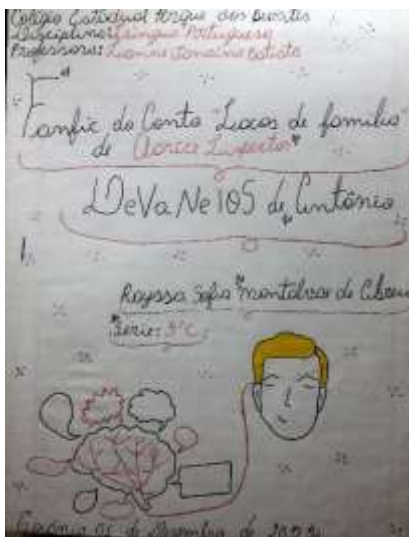
Passado algum tempo, nos casamos. Eu tinha 20 e ele 27 anos.

No início, ele era um fofo, gentil, cavalheiro... Eu achava que ele era o amor da minha vida. Mas, me enganei. Os tempos foram passando e ele ficava cada vez mais arrogante e mais machista. Então, percebi que já era tarde demais para voltar atrás, pois já tínhamos nossa filha de 10 anos e eu estava grávida do nosso segundo filho.

A minha vida não ia ser com aquele marido perfeito que eu imaginava. Meu destino era ser mãe, dona de casa, infeliz e sufocada.

Devaneios de Antônio

Rayssa Sofia Montalvão de Abreu



Indignado ao ver sua mulher e seu filho saírem e irem “viver a felicidade deles” sozinhos, Antônio se sentou no sofá e esperou eles chegarem, o que não demorou muito.

Entrando no local, sorridentes e alegres – até um pouco estranho, porque não tinham muito o costume de ficarem sorridentes – decidiu que os levaria ao cinema, posto que não poderia deixar que o controle de sua família fugisse de si.

Após aquele dia, tudo voltou ao normal. Bom, quase tudo. Sua mulher e seu filho faziam tudo o que ele queria. Seu filho havia falado suas primeiras palavras, engordado um pouco e seu nervosismo havia sumido, o que deixava Antônio muito tranquilo, pois sua sogra não o irritaria com tanta frequência como antes.

Um certo dia, entediado, o homem, por diversão, resolveu ofender sua esposa entrando no quarto em que dormiam e a observando enquanto trocava de roupa. Mas o que ele queria que acontecesse, não aconteceu. Ao olhá-la, ela não apresentou vergonha ou raiva, como antes, e sim serenidade e tranquilidade, como se seus olhares de julgamento não a afetassem mais.

Aquela reação não o agradou e, então, Antônio tentou uma... duas... três vezes mais, instigando-a a ter uma reação. Porém não veio nenhuma sequer, o que o deixou irritado, descontando sobre a mesa seu ódio e raiva, estapeando-a em seu rosto e quebrando tudo pela frente.

No dia seguinte, enquanto conversava com Catarina e seu filho brincava no chão, ouviu a campainha tocar. Levantou-se e foi até a porta, abrindo-a e se deparando com dois policiais.

- Houve denúncia de gritos aqui ontem à noite. Podemos entrar?
- Foi uma discussão entre casal, não se preocupem.
- Onde está sua esposa?
- Logo ali, sentada no sofá.

Os policiais olharam para o sofá, confusos e concordaram um com o outro, pedindo desculpas e indo embora.

Pouco tempo depois, a campainha tocava novamente. Já irritado, Antônio atendeu a porta raivosamente. Assim, viu uma mulher de roupa branca e mais dois homens nos mesmos trajes.

– Sim.

– Senhor...

– Antônio. O que deseja?

– Senhor Antônio, podemos conversar com o senhor?

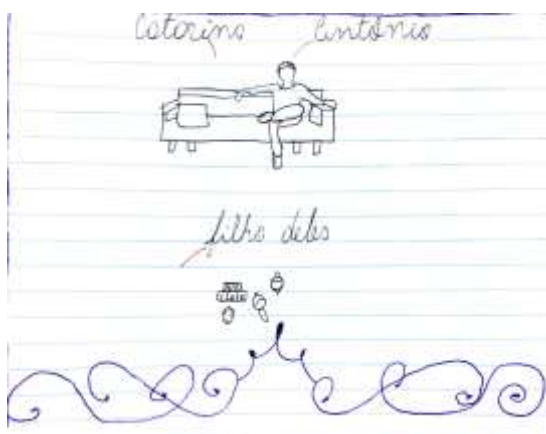
– Não acho que seria um bom momento, senhorita, mas, o que seria?

– Só uma conversa, prometo ser rápida.

Entraram olhando ao redor do lugar. Tudo se encontrava bagunçado e quebrado. Sentaram-se no sofá e logo a mulher começou a fazer várias perguntas, algumas sem nenhuma conexão. Antônio não sabia onde aquilo os levaria, mas queria que acabasse logo.

– E o senhor, tem algum parente? Esposa, filhos?

– Minha esposa está sentada ao seu lado e meu filho logo ali. Não os viu?



A mulher olhou assustada para os dois homens.

– Sim, os vi. Mas o senhor poderia nos acompanhar

– Não. Por que eu iria?

– Por favor, senhor. Prometo não tomar muito o seu tempo. Só nos acompanhe.

– Não irei, já disse. Para que toda esta insistência? E por que minha mulher e meu filho não poderão ir junto?

Antônio teve mais um surto de raiva, começando a gritar e a ameaçar querer bater na mulher, que fez sinal para que os homens o segurassem, aplicando-lhe uma injeção no braço, a qual o fez desmaiar. Ele foi levado para o carro que os transportou até um local e ele acordou em uma sala branca.

Mais uma vez, os devaneios de Antônio chegavam ao fim.

Nada era real. Catarina, seu filho e até mesmo sua sogra eram frutos da sua mente. Ele nunca nem mesmo havia saído do manicômio em que se encontrava. Sentiu-se traído por si próprio e, pela primeira vez, teve um sentimento de solidão, pois agora, nem mesmo a sua mente estava consigo, já que se encontrava calada e vazia.

5.2 *Fanfics* do conto ‘O crime do professor de matemática’, de Clarice Lispector

A esperança

Cauã Gabriel de Souza Barbosa

Sentado na chapada, o homem olhou para o falso cão, tirou os óculos, respirou fundo, botou-os novamente pensando em como conseguir o perdão do cão abandonado.

Com sua cabeça matemática, resolveu ir atrás do cão. Abaixou-se calmamente com um olhar de esperança, pegou a pá, terminou de enterrar o falso cão. Ao mesmo tempo jurava que encontraria José, seu verdadeiro cão. Com um suspiro profundo, desceu a chapada.

Chegando em casa, montou em sua bicicleta em busca de encontrar seu cão. Pedalou por horas. Cansado, chegou em sua antiga cidade, mas continuou determinado.

Em ruas onde fazia tempo que não andava, avistou uma igreja e perto dela o seu cão sendo cuidado pelas irmãs da igreja. Assim, correu até o seu José, mas percebeu que seu amigo não o reconhecia, seu cheiro parecia ser outro. Talvez o cheiro do outro cão atrapalhasse. Até que o homem gritou seu nome. O cachorro levantou-se com os olhos cristalinos e correu até o seu antigo dono.

José o havia perdoado e os dois voltaram para casa.

O homem havia cumprido, enfim, a sua promessa.

Espírito

Y. C. dos S. A.

Meses se passaram e o professor começou a ter uns sonhos com o cachorro desconhecido. O sonho era como se o cachorro o chamasse. Quando ele chegava perto, o cão ia para mais longe. O homem não entendia muito. Era muito racional. Mas, também, não deixava aquele incômodo de lado.

Certo dia, o professor decidiu voltar ao local onde ele havia enterrado o cachorro. Então, subiu a colina e viu a mesma vista de meses atrás: os tetos irregulares das casas, o sino da igreja que badalava na cidade lá embaixo. Mas, ao desviar o olhar viu o lugar do sepultamento do cão.

Não aguentando, o professor começou a chorar. Toda culpa que ele carregava por ter deixado seu cachorro para trás e atropelado aquele outro veio à tona.

Chorou como se não fosse um homem racional. Até que começou a ouvir um barulho, como se fossem passos. Olhou rapidamente para trás, mas não viu nada. Pensou ter sido um animal qualquer, então nem ligou.

Ele ficou ali por muito tempo. Mas, já era tarde. O relógio dizia ser 23h quando ele decidiu ir embora. Assim, o professor se despediu do cachorro morto. Porém, ao observar melhor, com a luz de uma lanterna, ele viu que havia uma pegada em cima do “túmulo”. Era uma pegada de animal.

O professor resolveu seguir essas pegadas. Elas iam até atrás de uma árvore e depois desapareciam. Ele achou estranho. Olhou ao redor, mas como não havia nada, começou a rir e a pensar que estaria imaginando coisas.

Quando ia retornar, escutou um latido. Olhou para trás e viu a silhueta de um cachorro. Como estava escuro, não enxergou muito bem. Fechou os olhos, apertando-os, para ver se estava tendo alucinações. Mas quando os abriu novamente, não tinha nada. No entanto, escutou os latidos novamente, que, agora, vinham de todos os lados.

Ele saiu correndo em direção ao carro. Ao tentar abri-lo, as chaves caíram. Quando finalmente conseguiu pegá-las embaixo do carro, viu as patas. “Uma onça talvez”, pensou o homem. O animal deu a volta no carro. De medo, fechou os olhos, mas quando os abriu viu que era o cachorro que ele havia atropelado. Mas como? Ele estava morto! Ah não ser que fosse um...

– Espírito, assim como eu – disse uma voz.

Assustado, o professor olhou para trás e viu um garoto pálido, com manchas de sangue na roupa.

– Oi, eu sou o Lian, Lian Smitt. Morri no mesmo lugar em que você enterrou o Bob. Espero que não se incomode por eu ter colocado um nome no seu cachorro. É que não tinha nenhum nome na coleira, então escolhi esse – disse o espírito.

– Não, tudo bem. Ele não era meu cachorro – disse o professor devagar.

Um espírito! Como seria possível?

– Certo. Bom, nós já vamos indo, é melhor o senhor ir também. Vem, Bob! – Disse o espírito do garoto desaparecendo junto ao espírito do cachorro.

Assustado, ele pegou as chaves do carro, entrou, respirou fundo e foi embora em direção à sua casa. Aquilo tudo havia sido muito estranho para aquele professor de matemática, sempre tão racional.

5.3 *Fanfic* do conto ‘Amor’, de Clarice Lispector

Paixão?

Rebeka Alves Martins



No ponto estava João, marido de Ana, que a amava muito. Esperando o bonde para ir para a casa, pensava em sua esposa, pensava que quando ele chegasse a encontraria exausta, cansada e já com o jantar pronto.

Odiava vê-la desse jeito. Pensava como ela fazia tudo e não pedia ajuda. Ele queria ajudar, mesmo não sabendo, só para ficar com ela, pensava ele.

O bonde passou pelo Jardim Botânico. Lembrou de sua família linda e completa, do jeito que sonhara. Não era muito maduro para sua idade, mas gostava de brincar com as crianças e era responsável com o trabalho, com a casa e com a família.

Olhava aquelas árvores e pensava na delicadeza e brutalidade desse jardim. Como um jardim pode ter flores tão delicadas e árvores tão brutas? Normalmente não pensava nessas coisas, mas quando viu aquela linda paisagem, ficara encantado. Mesmo por um segundo, achava tudo lindo.

Enquanto pensava, o bonde parou. Todos ficaram revoltados com o motorista, que esquecera de consertar o motor. Por outro lado, ele ficara quieto, diferente de sua personalidade brigona.

Quando o bonde voltou a funcionar, ele lembrou:

– Meu Deus, eu tenho que ir para casa!

Ao chegar em casa, deu um beijo em sua mulher e foi se trocar, porque receberiam visitas naquela noite.

Antes da visita chegar, foi conversar com o filho. Ele contou que sua mãe estava meio estranha. Ficou assustado, mas deixou.

Depois que a visita foi embora, foi falar com ela. Realmente notou algo estranho. Ela estava muito alegre naquela noite. Era muito contato físico com as crianças. Ela não era assim. Ou seria só imaginação?

Algum tempo depois as crianças foram dormir. Ele também foi dormir sem saber de nada do que acontecera com sua esposa que amava tanto.

5.4 Fanfic do conto ‘Uma galinha’, de Clarice Lispector

Uma galinha de domingo

Lara Monique P. Mendanha



Por aqui, até as 9h da manhã, galinhas ficavam vivas. Eu era uma galinha de domingo.

Tinha um olhar calmo, embora refletisse sobre o meu destino. Desde sábado eu estava encolhida em um canto da cozinha. Era recíproco, ninguém olhava pra mim e eu não olhava pra ninguém. Quando me escolheram, apalparam minha intimidade com indiferença, mas mesmo assim não conseguiram tirar conclusões concretas.

Não via a hora de sair do canto daquela cozinha. Causando surpresa em todos, abri as asas, enchi meu peito e, em dois ou três lances, alcancei o muro do terraço.

Um humano acabou subindo no telhado. Em pulos cautelosos, alcançou o telhado onde eu estava hesitante e trêmula, de modo que comecei a minha fuga. Por mais perigosos que fosse, aquilo foi a melhor coisa da minha vida. De lá de cima, pude ver o galinheiro inteiro com os olhos arregalados me vendo lutar com o humano.

Nossa batalha durou bastante, em torno de algumas horas. Vi dali de cima que aquele seria meu último minuto de vida. Lá vinha a cozinheira dando gargalhadas. Dei adeus àquela bela vista e me entreguei àquele humano persistente.

Por fim, virei a janta daquela humilde família.

Me orgulho deles não terem conseguido me pegar na bendita hora do almoço, pois a aventura foi magnífica!

Esse é o relato póstumo de uma galinha de domingo, orgulhosa de não ser apenas mais uma sem história para contar.

Nunca subestime uma galinha, e não menos importante, viva intensamente!



5.5 *Fanfic* do conto ‘Mistério em São Cristóvão’, de Clarice Lispector



Noite de maio

Yasmin Melo Carvalho

Enquanto as três crianças dormiam profundamente, a mocinha Cordélia ia se recuperando do susto. Sua avó Tereza ainda estava atenta. O pai, Antônio, e a mãe, Rosária, estavam fatigados. Naquela fria e longa noite de maio todos pareciam atentos aos barulhos, mas, por um momento, se acalmaram.

Então, os três homens mascarados voltaram. Mesmo com o susto do vulto esbranquiçado, se fizeram corajosos para voltar e pegar o que queriam, sendo que o mais insistente era Galo, com sua imensa covardia. Para Touro, tanto fazia, estava muito pouco interessado, mas não deixaria seu companheiro sozinho. Os outros voltaram para a festa de rua sem hesitarem.

Assim, Galo e Touro adentraram o jardim. Cordélia estava sentada na beira da janela, já calma. Novamente, foi à cozinha pegar um copo de água. Os gatunos andavam pelo jardim com medo de olharem para a janela, mas continuaram, mesmo com medo.

Observaram que nada de precioso havia naquele jardim e resolveram entrar na casa, que parecia um castelo de jacintos assombrados.

Entraram primeiro no quarto onde estavam as crianças dormindo, mas não havia nada que lhes interessasse. Foram, então, mansamente em direção à cozinha e Cordélia estava lá. Ao escutar o barulho, ela se virou. Vendo-os, pega um objeto cortante para ameaçá-los. Logo ela, tão frágil.

Sem saber o que fazer, os covardes gatunos correram em direção à sala. Para surpresa deles, deram de cara com Tereza que gritou desesperadamente ao ver os homens mascarados. Para o desespero dos ladrões, Antônio pega sua arma de chumbinho e aponta para eles. Enquanto isso, Rosário já havia saído em busca de socorro, atrás de policiais.

Galo e Touro se arrependeram de terem sido levados pela ganância e pela curiosidade, e ficaram paralisados, com medo da arma apontada para eles.

Com a chegada da polícia, a verdadeira identidade dos dois é revelada. Eram dois irmãos chamados Ferdinando e Lucélio. Estavam em meio às festas de carnaval, mas se intrigaram com aquela casa, disseram eles. Após o ocorrido, Cordélia, Antônio, Rosário e Tereza se recordaram daquele dia como a noite de maio.

5.6 *Fanfic* do conto ‘A imitação da rosa’, de Clarice Lispector

Memórias de uma flor

Kalebe Fernandes Silva



Ah, sim! Sim, um trem que partia, porque outrora suas rosas eram quem partiam, contra a água que corria entre seus dedos delicados. Seu coração também partia.

O vaso era a única coisa que ela tinha agora, vazio, vazio como seu coração. Aquelas flores eram as únicas coisinhas que a escutavam, mas que a escutavam com atenção, sem fingir escutar. Realmente, a escutavam. Eram suas únicas amigas que não a julgavam como um ser pouco inteligente, nem boa demais, porque todas as rosinhas sabiam que Laura tinha seus próprios sentimentos secretos. Laura sentia-se hipnotizada por aquelas rosinhas tão pequenas e delicadas, com espinhos tão delicados. Indagava-se “Oh, Deus, como pode uma coisa tão perfeita?! Como pode coisa tão perfeita ter ido embora?”

Elas tinham sido suas melhores amigas, amigas que não julgavam seu perfeccionismo ou mesmo seu comportamento tão metódico. Elas apenas a fitavam, com sua beleza pura e perfeita. Mais do que melhores amigas, eram sua paixão, paixão que não a traía, não como Armando. Ela sabia que Armando a traía, ela sabia. Ela fingia que não sabia, porque todos a olhavam e pensavam “Não é tão inteligente. É tão boa”. Mas ninguém dizia que era dona de seus sentimentos secretos. Isso ninguém dizia. Ela não julgava Armando, ela sabia que também traía Armando e o traía com aquelas rosinhas tão inocentes e perfeitas.

Como as rosinhas, Laura também agia inocentemente. No jantar, discretamente buscava as rosas, rosas que não encontrava em parte alguma da casa de Carlota. Como as rosas, hoje ela vestia um rosa, tão discreto que até parecia um branco, mas muito semelhante às rosinhas. Tão semelhante que ela estava começando a incorporar aquelas flores.

Talvez percebessem, talvez não. Agora, depois do adeus às rosinhas, Laura buscava, obstinada, incorporar aquelas flores. Em um lugar as rosas estavam vivas, dentro de si. O lugar mais importante, dentro de si.

Realmente não traía Armando com aquele pedaço de paixão. Realmente traía Armando consigo mesmo. Não tinha tornado-se amiga das flores tão perfeitas, mas tinha tornado-se amiga de si mesma. Ela era a única que se escutava, ela era a única que não se julgava.

Realmente tinha se tornado uma rosa.

5.7 *Fanfics* do conto ‘Feliz aniversário’, de Clarice Lispector



Ilustração: Casa de D. Anita. João Paulo Cardoso dos Santos.

O segredo

Ana Beatriz Soares da Silva

Estávamos na festa de aniversário da minha sogra. Toda a família estava ali, até mesmo pessoas que não eram da família. José havia trazido seu sócio Manoel, além de sua família.

A mulher havia de fazer 89 anos. Minha sogra, D. Anita, teve sete filhos, mas só dois netos até o momento. Rodrigo é o seu neto do coração, ou, dizendo claramente, é o seu neto preferido.

A minha sogra e minha cunhada Zilda suspeitavam que eu vinha escondendo algo da família há algum tempo.

– Cordélia, minha querida, você não tem nenhuma novidade para nós? – Perguntou minha sogra.

– Sim, minha cunhada querida, que tal você nos contar as novidades? – Acrescentou Zilda.

Eu e meu esposo acabamos entrando em um acordo. Iríamos contar nosso segredo para toda a família aquela noite.

– Boa noite a todos! Espero que estejam gostando da festa! Enfim, vamos direto ao ponto. Eu e minha esposa Cordélia temos uma grande notícia para todos.

D. Anita e Zilda sorriram de orelha a orelha. Seus olhos chegavam a brilhar!

Enfim, criei coragem para falar, mesmo sabendo que elas já suspeitavam.

– O nosso grande segredo é... Eu estou grávida! Sim, D. Anita. A senhora será avó novamente e Zilda será titia. Não falamos antes, pois queríamos aproveitar um pouquinho o momento só entre nós.

Todos ficaram muito felizes e agora não comemorávamos somente os anos de minha sogra, mas a chegada de um novo membro da família.

Descobertas inaceitáveis

Anna Carolina Pereira de Almeida

A mãe, sempre observadora, passou a festa inteira juntando informações. Sempre muito detalhista, apesar de ter 89 anos era bem custosa.

Naquele dia, caiu a ficha de que ela tinha formado uma família falsa. Ela sabia que todos estavam ali apenas por ganância. Mal viam a hora da mãe falecer para pegarem toda a herança.

No outro ano, fizeram a mesma festa e a mãe estava calada. Cada ano que se passava, a família mal se falava. Era um desastre!

As crianças estavam correndo por toda a casa. E chegou ela! A nora de Olaria, que ano passado veio com um vestido de paetês e um drapeado para disfarçar a barriga, que na verdade, era para disfarçar a gravidez. Chegou com seu filho de sete meses no colo.

José vinha com a mesma conversa de sempre: – Noventa anos!

Começou a hora dos parabéns. Todos sem graça, entediados. Não viam a hora de ir embora. José chamou um dos bisnetos para apagarem a vela junto à bisavó. Quando ele foi assoprar, virou para a aniversariante e disse:

– Bisa, vamos, faça um pedido antes de apagar as velas!

Ela, com olhar de desprezo, olhou para o rosto de cada um e disse:

– Eu desejo que cada um tenha o que merece. Ótima família a que eu criei. Falsos, hipócritas! Onde já se viu! Passam o ano inteiro sem se falar e vêm me ver apenas uma vês no ano, por puro interesse! Fiquem sabendo que eu deixei toda a minha herança para meu querido neto Rodrigo e não irei mudar de ideia.

Nesse momento, começaram a discutir, pois não aceitaram o fato. Ela mandou todos irem embora da casa dela.

Depois desse ocorrido, nunca mais voltaram para vê-la.

O último feliz aniversário

Ana Clara Silva Pimentel

No ano seguinte, no aniversário de 90 anos, D. Anita ainda estava viva, mas não tão bem como antes.

Como sempre, houve a festa de aniversário junto aos seus filhos e familiares. Porém, D. Anita estava cada vez mais cansada de ser vista pelos seus próprios filhos como um objeto velho. Ela só tinha um desejo, o de morrer logo, porque seu desprezo pelos seus descendentes era tão grande, capaz de sufocar até a morte, mas tinha que segurar aquela raiva para si.

“Ah, que saudades de você, Jonga, meu filho amado. Que saudades de você. Foi o único filho a quem puxou o meu marido. Que homem!” – pensava D. Anita, sozinha no seu canto.

Começou a lembrar do passado, quando era feliz com seu marido. Lembrou também do filho que morreu há um tempo atrás. D. Anita estava muito pensativa, olhando a todos ao seu redor, incrédula, pois nunca achara que chegaria a esse ponto.

De repente, sentiu uma dor no peito. Chegou a pedir socorro. Mas quando veio a ambulância, já era tarde demais. D. Anita morreu no colo de sua filha Zilda.

Decepções com a família

Ana Luiza Ferreira da Silva

A que ponto cheguei. Fiz esta carta para desabafar como eu me sinto com a minha família. Mas não tenho ninguém para enviá-la. Decerto, ficará esquecida em alguma gaveta.

É muito triste ter uma família desunida assim, mas esta é a nossa realidade. Eu sempre tentei o possível para meus filhos e meus netos ficarem juntos, mas parece que não deu certo. Eu não sei porque eles são assim. Talvez o defeito esteja em mim. Como vou julgá-los se também sou fechada?

Foi muito ruim a atitude que eu tive no meu último aniversário. Porém eu tive que fazer aquilo para ver se eles acordam. Eu estou morrendo, sou muito velha e com muitas doenças. Eles não me dão valor enquanto estou viva. Já tenho 89 anos e nem sei se no meu aniversário de 90 eu estarei aqui.

Queria tanto ter aproveitado aquela festa, porque não se faz 89 anos todo dia. Mas nem fizeram questão de me dar um pedaço do meu próprio bolo. Por isso me fechei, fiquei decepcionada. No meu próprio aniversário fiquei muito triste.

A verdade é que minha família é assim. Eu é que sou muito sentimental e queria uma família normal, unida, com meus filhos me amando e não querendo que eu morra logo para pegar a herança e não se verem nunca mais.

Isso foi um desabafo. Eu amo muito meus filhos e netos. Quem sabe um dia minha família se torne uma família normal?! Pena que quando – e se – isso acontecer, eu nem estarei mais aqui.

Anita.

Queria mais atenção

Arthur Henrique Alves Carvalho

Foi planejada uma grande festa na casa de D. Anita, com 200 convidados. Era aniversário de sua neta e ela resolveu festejar no grande sobrado da matriarca da família. Mas, por incrível que pareça, ela não convidou a própria avó. Mesmo assim, D. Anita fez questão de descer e ficar entre os convidados.

Os convidados foram chegando, todos muito chiques, em seus melhores trajes, se cumprimentando entre si, mas ignorando a presença de D. Anita, sentada em um canto em sua cadeira de rodas.

A diversão era total, menos para aquela avó, que estava triste porque ninguém falava com ela. Nem comida deram para ela, que, por suas dificuldades de mobilidade, não conseguia se servir sozinha.

Chegou a tão esperada hora dos parabéns. Todos se uniram e começaram a cantar. O bolo foi distribuído e mais uma vez, D. Anita ignorada.

Só quando acabou a festa e todos foram embora, a aniversariante percebeu que avó estava ali, estranha e quieta. Ainda teve a cara de pau de perguntar porque ela estava daquele jeito.

D. Anita olhou para ela e disse que só queria um pouco de atenção.

O falecimento de D. Anita

David Lima Silva Mendes

Tudo começou quando D. Anita tomou uma grande decisão.

Ao acordar, naquele dia, pediu a Zilda que a levasse para um asilo e a deixasse lá. Zilda recusou imediatamente, mas D. Anita foi mais firme com sua ordem e a filha disse, então, que falaria primeiro com seus irmãos.

No entanto, D. Anita não concordava, pois seus filhos não se importavam com ela, que só estavam esperando que ela morresse para pegarem a herança.

Zilda ficou pensativa, mas, mesmo assim, ligou para seus irmãos e falou para cada um deles o desejo da mãe. Para pouca surpresa de todos, eles simplesmente disseram um “está bom”. Assim, Zilda acabou por levar a mãe para o asilo.

Chegando ao asilo, D. Anita foi muito bem recebida. Zilda deu seu último abraço na mãe e foi embora.

E não é que D. Anita estava feliz naquele lugar! Ela encontrou um antigo amigo de infância, o Sr. Heitor. Ele tinha a mesma idade dela e também faziam aniversário no mesmo dia. Os dois com 89 anos e faltando um mês para completarem 90.

Nesse mês, D. Anita e Sr. Heitor se divertiram muito. Eles conversavam, jogavam xadrez, faziam exercícios com os fisioterapeutas.

Por curiosidade, D. Anita perguntou ao amigo por que ele havia ido para o asilo e ele disse que fora abandonado pelos filhos, que o deixaram lá. Mas que, apesar disso, estava feliz por estar naquele lugar.

Passaram-se alguns dias e chegou o dia do aniversário dos dois amigos. Todos estavam felizes. Receberam presentes, cantaram parabéns... D. Anita estava muito feliz, bem diferente do último aniversário em sua casa.

Quando tudo terminou, D. Anita foi para o seu quarto. Antes de dormir, escreveu algumas palavras em um pedaço de papel.

<p>Hoje foi um dos melhores dias da minha vida. Estou grata a todos que foram verdadeiros comigo e que ficaram ao meu lado. Estou escrevendo estas palavras, pois sinto que minha vida está chegando ao fim. Quero que a minha herança fique para os meus filhos, porque mesmo eles sendo ingratos e falsos, eu ainda os considero como meus filhos.</p>

No outro dia bem cedo, D. Anita faleceu. Por incrível que pareça, o Sr. Heitor também.

O segredo

Geovana Yasmin Silva Lima

Depois daquele aniversário trágico de D. Anita, cá estamos nós, novamente. A família toda reunida. Seria gracioso se todos ligassem para o aniversário dela e não apenas a deixassem ali, plantada em um canto.

Dessa vez, podia acontecer alguma situação diferente nesse aniversário, algo surpreendente para fazer com que todos dessem atenção a ela. É incrível como todo ano é igual. Começam a falar de negócios, minhas cunhadas com cara de nojinho e D. Anita sempre deixada de lado.

Desde sua última atitude que deixou todos de boca aberta, nada mudou. Mas D. Anita é esperta, a qualquer momento ela pode nos surpreender com alguma atitude.

Realmente, como uma mulher de tanta atitude pode ter tido uma família assim? Posso ver em seu rosto a cara de desgosto e repugnância, coisa de deixar qualquer um constrangido.

Estou a observá-la. Talvez ela diga algo que não deveria e venha acabar com minha vida e meu casamento.

Todos conversando, rindo, brincando... Mas estou sentindo que algo está por vir.

Brutalmente, D. Anita se levanta, olha para todos. Todos também a olham de volta, com surpresa. Naquele olhar havia maldade, como se estivesse fora de si. Os pedidos para se sentar sequer foram ouvidos. Assim, ela começa a gritar com todos:

– Vão embora, vão embora!

Começaram a ficar assustados. Seria ela uma ingrata, pensaram. Mas eu tinha certeza que não. As frases que saíam da boca dela pareciam estar presas em sua garganta por muito tempo. Ela falava verdades na cara de todos. Foi engraçado, até chegar a minha vez...

– Você não passa de uma traidora!

Senti os olhos dela e de todos em mim.

– Você é uma mulher sem vida, você só pensa em si mesma.

Eu pedia para ela se acalmar, mas ela continuava gritando para que todos ouvissem.

– Você só coloca chifre no meu filho, sua vagabunda!

Senti o silêncio absoluto e os olhares de nojo em mim. Fiquei normal. Olhava para meu “esposo” e D. Anita continuava a dizer coisas. Por um momento, tive uma espécie de despressurização com toda a situação. Tudo ficou em silêncio. Me recompus, fui até a D. Anita e disse em voz alta:

– Feliz aniversário, D. Anita!

Virei as costas e fui embora.

Conseguimos! Obrigada, D. Anita! No final, acabamos ajudando uma à outra e nos livramos daquilo que era um peso em nossas vidas.

Agora posso ser uma mulher feliz, sozinha, sem homem nenhum, sem nada, sem dores de cabeça.

D. Anita conseguiu se livrar de uma família em que havia apenas máscaras.

Realmente, foi um feliz aniversário.

Pingo de vela

Helena Fuzaro D’Alexandre



No ano seguinte, a família toda se reuniu na casa da aniversariante. Pela felicidade ou infelicidade dos convidados, D. Anita completava mais um ano de vida, seus 90 anos.

Como de costume, Zilda preparou a comida, arrumou a mesa e a aniversariante.

D. Anita parecia “alegre” com aquele sorriso. Um sorriso de quem acabava de planejar algo. Um sorriso “alegre”, de pura vingança.

Naquele ano, ela estava sentada em uma cadeira de rodas.

A nora de Olaria chegou primeiro e resolveu ajudar Zilda com os balões, para ela poupar seus ouvidos das reclamações de Zilda de que ninguém a ajudava e ainda ganhar mais moral na família e se parecer superior por estar “ajudando”. Uma pena mesmo foi o fato dela ter se esquecido de cumprimentar a aniversariante.

Depois de dez minutos, foi chegando o restante da família para, finalmente, comemorarem o aniversário.

Todos se reuniram ao redor de D. Anita para cumprimentá-la com um beijo com o qual quase nem tocavam os lábios nas bochechas dela e um falso tapinha no ombro. Até que chegou seu querido neto Rodrigo e deu um presente para a avó, em uma embalagem azul metálica e uma etiqueta escrita “feliz aniversário, vovó”.

Rodrigo foi o único a lhe presentear desta vez, pois todos já estavam fartos de gastarem dinheiro com uma velha prestes a morrer.

Passado um tempo, D. Anita saiu de perto da mesa enfeitada sem que ninguém a visse. Estavam todos distraídos, dançando e tomando refrigerante.

Quando D. Anita chegou à cozinha, chamou Zilda e pediu um copo d’água. Depois que Zilda saiu, ela abriu uma gaveta, pegou um pacote com um pó branco dentro e colocou o conteúdo na água.

Depois disso, ela voltou para a festa e deu a água para José tomar um pouco. Ele sentiu um gosto estranho, mas achou que, por ter comido muita coisa, poderia estar normal. Mesmo assim, ofereceu a Manoel que bebeu e realmente concordou que aquilo não era só água.

Assim, passados poucos minutos, José e Manoel caíram no sono.

Como ninguém se importava com D. Anita, ela repetiu o mesmo processo com todos os convidados, de um por um. Assim, foi para o seu quarto e começou a arrumar suas coisas (roupas, sapatos, joias e perfumes).

Quando tudo estava separado, ela colocou tudo em uma mala e deixou no canto de sua cama. Em seguida, pegou um pedaço de papel e deixou uma mensagem para quando eles acordassem.

“Queridos filhos, netos e todos os convidados, foi uma desonra passar meu nonagésimo aniversário com vocês. Não só este, mas todos os meus aniversários desde os meus 30 anos, é como se eu não existisse para vocês.

Vocês são todos forçados e falsos. Meus netos também estão se tornando uns estúpidos por culpa da ignorância de vocês que não conseguem sequer perguntar para mim se eu estou bem”.

Depois, ela pegou suas coisas e foi embora para um hotel que já havia reservado há algum tempo, escondido de Zilda. No dia seguinte, iria para a casa de uma amiga e ficaria por lá.

Quando todos acordaram, acharam que estava tudo normal e que apenas pegaram no sono. Mas Dorothy achou o bilhete. Foi aí que perceberam que ela havia fugido. Mas, só Dorothy e Rodrigo ficaram preocupados com a avó. O resto nem se importou.

Zilda só ficou brava porque um pingote de vela havia estragado o forro da mesa.

Infeliz aniversário

Hyan Lucas Almeida Moreia

No final do aniversário, D. Anita estava cheia de desgosto da família que construiu, que mais parecia um bando de abutres.

Depois da festa, ela estava decidida que iria se vingar de todos e rogou uma praga na família inteira. Mentalizou que todo o tempo de vitalidade que ela gastou criando aquela família, seria tirado deles e voltaria para ela. Assim o fez.

No outro dia, D. Anita chamou toda a família e disse que achava que não estaria no seu aniversário de 90 anos, mas que queria que todos tivessem algo para lembrar dela.

Assim, foi ao seu quarto e pegou um antigo baú em que havia joias e deu uma joia para cada um. Cada joia era uma mais especial que a outra. Tinha esmeralda, esmeralda. Só ficou com ela um colar com uma pedra transparente, mas que não ficaria assim por muito tempo.

Um ano se passou e novamente mais um aniversário de D. Anita chegou. Como todos os anos, a família inteira estava lá. Porém, todos estavam exaustos, pois D. Anita, sem sentir nenhum remorso, sugou a energia vital de toda a família.

Assim, o colar estava reluzente com uma cor vermelho-sangue e D. Anita estava de novo, na flor da mocidade e assim pode começar uma nova família, que seria bem diferente daquela.

Mais um ano?

J. G. V. P.



E mais um grande dia chegou. O dia que “todos” estavam esperando. Exceto D. Anita, que, sentada na mesa, com uma cara fechada, esperava os convidados. Naquele dia, completava 100 anos e, para o seu azar, ainda estava de pé.

Os minutos iam se passando, os convidados iam chegando e mais uma vez, D. Anita, com pouca, ou nenhuma, expressão de felicidade, os encarava. Ela não via mais a hora daquele pesadelo acabar.

No momento dos parabéns, ela já estava com uma taça de vinho nas mãos, que Dorothy lhe havia entregado. Todos se levantaram e começaram a cantar os parabéns, coisa que ela não queria mais ouvir. “Estes vagabundos não devem ter o que fazer. Vagabundos, miseráveis. É o que eles são”, pensava D. Anita.

Rapidamente, a anfitriã olhou para Cordélia que estava sentada e parecia preocupada com o que estava acontecendo. Cordélia, somente Cordélia, sabia do segredo de D. Anita: assim que completasse os 100 anos de idade, seu coração pararia de bater.

Por isso, Cordélia logo foi ao encontro de D. Anita e a levou para o quarto. Apenas Rodrigo foi chamado. Deu um beijo na testa da avó e desceu para pegar mais uma taça de vinho.

Assim que Manoel e José viram a mãe subindo, se perguntaram o que estaria acontecendo. No entanto, continuaram com aquele discurso vazio de sentimentos: “Querida mãe, mais um ano ainda está por vir. Continue assim, firme e forte”.

O que eles nem imaginavam é aquele seria o último dia de D. Anita.

Laços de família – Parte 2

Jonatas Ferreira de Pádua Filho

A mãe de todos aqueles filhos se arrumava, mais uma vez, para o seu aniversário. Ela não estava muito contente, pois a festa do ano anterior não tinha sido muito boa. Ela não queria, mas estava lá, cheia de joias e roupas que a incomodavam.

Os filhos pouco se importavam com ela. Nem sabiam quantos anos ela faria. Por isso, ela condenava a todos. Não fazia questão nenhuma de se mostrar amável ou agradável para ninguém. Se alguém se dirigia a ela, já levava más respostas.

Mas era muito difícil notar a presença dela ali. Os netos mais novos só queriam brincar. Os mais velhos, já cogitavam a morte dela e os rumos da herança. Os filhos, mal se falavam e as noras só queriam se mostrar. Todos, um bando de hipócritas.

A hora dos parabéns era sempre lamentável. Todos cantando fraco, desanimados e desafinados. No discurso, José gaguejou, pois não se lembrava que a mãe estava completando 100 anos.

Neste momento, a matriarca pegou uma latinha de cerveja, abriu e começou a beber. Logo vieram as proibições:

– Largue isto, mamãe. A senhora não tem mais idade para beber.

– E quem te perguntou? Eu ainda sou sua mãe. Ninguém tem que me dizer o que tenho ou não tenho que fazer.

Muito brava, ela soltou a latinha no chão de uma vez. Os convidados se assustaram, pois ela estava tendo um infarto. Imediatamente, a levaram para o hospital, a deixaram lá e voltaram para a festa, para fortalecerem aqueles laços familiares tão profundos.

Meu aniversário

Lucas de Paula dos Santos

Olá! Eu sou mãe de vários filhos, avó de muitos netos e no próximo sábado será meu aniversário, momento em que a família se reúne e faz uma festa para mim. Mas, estou triste, porque todo ano na minha festa de aniversário acontece algum problema.

Meus filhos e meus netos não se importam comigo. Quando eu preciso de algo e peço ajuda, ninguém aparece, mas quando é para a festa, todos vêm.

Ano passado, eles pareciam nem ver que eu estava ali, sentada, ao lado da mesa. Fizeram um grande bolo, lindo! Parecia muito gostoso, mas, sequer me deram um pedaço.

Meu neto teve a falta de educação de me chamar de velha. Eu sei que eu sou velha e estou ficando mais velha ainda, mas não precisa ofender.

Eu fico muito chateada com a forma como a minha família me trata, por isso, eu nunca fico feliz pelo meu aniversário.

As cicatrizes

Maria Eduarda Alves da Silva



Há muitos anos, D. Anita teve um conflito com seus filhos, pois, primeiro, não aprovava a carreira profissional que eles escolheram seguir; segundo, não queria que seus filhos se casassem com aquelas moças. Isto trouxe discórdia para a família, pois ninguém fez o que a mãe queria.

Assim, a mãe foi deixada de lado. Ninguém a queria por perto, muito menos suas noras. Pelo fato dos pais não serem próximos, os netos também não se importavam com a avó.

Talvez ela deveria ter feito algo no passado para que aquela família não estivesse se estilhaçado daquela forma. Porém, era tarde.

Quando chegou o aniversário de D. Anita, 89 anos, um dos filhos não quis ir só para não ter que se encontrar com um dos irmãos. No entanto, suas noras de Olaria e Ipanema foram. Sempre muito bem vestidas e elegantes. Eram muito arrogantes, mas não deixavam de ir ao aniversário da sogra para mostrarem como estavam bem.

Era nesses momentos que D. Anita se lembrava do seu filho que lhe fazia tão bem, mas que infelizmente havia falecido. Era o Jonga. Depois da morte dele, ela ficou ainda mais amarga, sem demonstrar sentimentos por ninguém.

Ou melhor, havia alguém que ocupava um pedacinho de carne no seu coração. Era seu neto Rodrigo, seu preferido, talvez por ser muito educado ou pelo simples fato de ser filho de Jonga. Contudo, naquele dia, nem o sorriso do neto Rodrigo mudou a sua rigidez. Era seu aniversário, mas estava muito infeliz.

Teria sido muito bom que aquela festa tivesse trazido reconciliações, um final feliz para a história daquela senhora. Mas, sabendo que era impossível, preferiu guardar todas as esperanças e seguir em frente, apenas com as cicatrizes que ficaram.

Casos de família

Maria Vitória Rubens Ferreira

Quem nunca teve uma confusão em família?

Pois é! Família é uma coisa muito complicada e por isso cheia de confusões, como briga entre irmãos, disputa por herança, entre tantas outras coisas.

Com D. Anita não seria diferente. Seus filhos viviam em uma eterna disputa. Eles simplesmente não cansavam de brigar pela sua herança. Mas depois do ocorrido no aniversário de 89 anos dela, eles ficaram mais espertos, pois ela nunca havia se comportado daquela forma.

Porém, começaram a plantar a ideia de que a mãe estaria enlouquecendo. O filho de Ipanema chegou a pensar em uma internação para ela, que, na verdade, só estava cansada daquilo tudo.

Com razão. D. Anita estava amargurada por dentro, pois no fim da vida, deveria estar recebendo atenção, amor e carinho. No entanto, seus filhos pensavam apenas em seu dinheiro e na herança que havia de deixar.

Aquele desprezo a deixava triste. Não suportava olhar para eles. Uma raiva estava consumindo-a por dentro.

Por esse motivo, resolveu fazer uma viagem com sua cuidadora, já que Zilda havia abandonado o posto. Foram para São Paulo, para a casa de alguns parentes de D. Anita. Lá, recebeu todo o amor e carinho que ela desconhecia até então, enquanto seus filhos estavam surpresos e pensativos com sua atitude.

Será que a ficha caiu que, além do dinheiro, D. Anita ainda continuava sendo a mãe deles?

Enfim, D. Anita gostou tanto que estava até pensando em se mudar para São Paulo e viver perto de quem lhe fazia bem.

Um não feliz aniversário

Pedro Lucas Tavares Ramos de Souza

Depois que todos foram embora da festa de aniversário, sobramos apenas eu, Dorothy e um pedacinho de bolo, já que Zilda disse que já estava muito cansada por ter preparado tudo sozinha e se recolheu.

Dorothy ficou para me ajudar com toda aquela bagunça. A casa estava toda suja, cheia de rastros de lama, já que havia chovido mais cedo, e de migalhas de bolo pelo chão.

Inesperadamente, a campainha tocou. Dorothy atendeu para mim, já que eu estava com muitas dores nas costas. Acho que foi por causa daquela maldita cadeira desconfortável. Quando a porta se abriu, vi que era José, com o casaco na mão, pedindo desculpas por si e por seus irmãos, no caso, meus filhos, ingratos e egoístas. Infelizes filhos que criei.

Desta forma, José voltou para nos ajudar com a limpeza da casa.

Não sei se eu conseguiria perdoar aos outros, mas ele sim, pela sua gigantesca coragem. Vi em seus olhos que era sincero seu pedido de perdão. Até consegui sorrir neste momento, mesmo que tenha sido um singelo sorriso no canto do rosto.

Aquela parecia a primeira vez que eu recebia algo tão sincero de um dos meus filhos. Este foi um presente, o melhor de todos, pois passei a noite toda conversando com Dorothy e José sobre coisas da vida.

O dia do meu aniversário acabou não sendo tão feliz assim, mas com toda certeza, aquele fim de festa foi o meu maior presente.

O sonho virou realidade?

Rafael Dourado dos Santos

Oi, Letícia!

Estou escrevendo esta carta para falar sobre meu aniversário.

Foi um dia cheio de alegria, porque eu estava fazendo 89 anos. Meus 89 anos de vida! Mal podia esperar a noite chegar para receber os meus convidados. Até que chegou a hora tão esperada.

Todos os convidados chegaram, se acomodaram. Estava tudo lindo!

Cada um dos meus filhos ao lado de suas esposas e filhos. Todos muito elegantes. As mulheres com vestidos longos e coloridos. Tudo como eu queria. Era um dia perfeito. Até parecia cena de filme romântico.

Todos os meus filhos, netos e noras se levantaram e aplaudiram meus 89 anos. Todos contagiados com aquele momento tão alegre, até que chegou aquele imenso bolo açucarado. Eu estava ansiosa para comer um pedaço daquele imenso e delicioso bolo.

Zilda não queria me deixar comer, por causa da minha saúde. Mas, aquele era meu dia. Me aproximei e cortei uma generosa fatia e comi o melhor bolo da minha vida.

Passado algum tempo, me senti mal, com tontura e náuseas.

Nesse momento, acordei assustada e vi que tudo aquilo não se passou de um sonho estranho.

Voltei a dormir, porque logo amanheceria e no dia seguinte seria meu aniversário de 89 anos.

É isso, Letícia. Só queria te contar meu sonho. Será que vai virar realidade? Depois te conto.

Passa bem!

Abraços,

Anita.

Atos ingratos

Lucas Rafael Rios

Querido diário,

Eu, Anita Xavier, estou extremamente desapontada com meu aniversário este ano e queria muito dar uma lição nos meus filhos.

Eles são tolos. Achem que irão receber alguma coisa de mim. Apesar de serem meus filhos, sinto que eles perderam tudo que nos conectava como família. Nem eu sinto o mesmo afeto depois daquela festa.

O que eu sinto é somente uma espécie de ódio, pois todo amor, afeto e meu sangue que dei para criá-los, jamais recebi de volta, mas, longe de mim esperar algo deles.

Apesar de tudo, feliz aniversário para mim. Não é todo dia que alguém faz 89 anos!

Anita

Ano que vem?

Rafael Victor Caetano

Posta na cabeceira de uma mesa larga e comprida, com um cheiro de perfume borrifado pela sua filha para tirar seu cheiro envelhecido, estava a aniversariante que, de pura raiva, acabara de ofender a todos ali presentes em sua festa, circundados por um clima falso e tóxico vindo das expressões irônicas e falsas de seus filhos, menos de Zilda, que tinha por obrigação cuidar da mãe, já que era a caçula e solteira.

Prestes a sucumbir de raiva, D. Anita gritava para que lhe levassem uma taça de vinho. Quando seu pedido foi atendido, todos voltaram a atenção para ela, que logo bradou:

“Vocês realmente acham que eu queria pelo menos um de vocês aqui? Claro que não! Não preciso de ninguém para me tirar a paciência, a não ser da Zilda, que tem a obrigação de cuidar de mim. Além dela, não queria nenhum de vocês aqui”.

Os filhos e parentes ficaram devastados com a sinceridade da idosa, porque eles sabiam que o que ela disse realmente era verdade. Todos se desapegaram da mãe e, conseqüentemente, diminuíram o afeto por ela. Desse modo, ela se amargurou e disse que não queria nenhum deles ano que vem em sua casa.

Após ouvirem-na, os filhos ficaram profundamente decepcionados e entraram em um acordo que deixariam a mãe deles em paz e que somente se reencontrariam no funeral dela. Mas antes, cada um iria se despedir da maneira certa, já que seria a última vez que a veriam viva.

Assim fizeram. Um a um se despediu da matriarca.

Zilda, achando aquilo tudo uma loucura, gritou pela janela quando todos já estavam lá fora: “até ano que vem”. Mas, enfurecida, D. Anita tinha certeza que ano que vem não haveria festa.

Conforme combinado, eles só se encontraram, anos depois, no funeral da mãe.

Infeliz aniversário

Richard Gabriel Rodrigues da Silva

D. Anita não estava nada feliz com o seu aniversário, porque em vez de seus parentes lhe darem atenção, a tratavam como se nem existisse.

Logo depois daquela festa desastrosa, ela passou a se isolar ainda mais de todos, já que ninguém dava a atenção que ela precisava. Os filhos, noras e netos nem se lembravam dela e, pela idade, ela não conseguia ser tão livre como antes, ainda mais por se locomover em uma cadeira de rodas.

Maria, sua vizinha, vendo toda aquela situação, se mobilizou para ajudar Zilda com o que ela precisasse, já que Maria estava aposentada e poderia auxiliar. Assim, a vizinha tinha contato diariamente com ela e ficaram ainda mais amigas. Saíam juntas, iam à igreja. A alegria aos poucos voltava.

Contudo, infelizmente, D. Anita teve uma parada cardíaca e não resistiu.

Zilda e Maria ficaram muito tristes com o ocorrido e, como era de se esperar, os outros filhos e familiares também vieram chorar ao redor do seu caixão. Não deram valor em vida e foram dar valor quando ela se foi.

A surpresa

Roni Cleito Aquino Soares

A família toda foi convidada para a festa de 89 anos de D. Anita, mas, já passava da hora dos convidados chegarem e ninguém havia aparecido.

D. Anita sem entender nada, estava ficando com raiva daquela situação. Pelo menos por falsidade, sempre apareciam. Será que naquele ano nem isso iriam fazer?

Na verdade, os filhos, noras e netos resolveram fazer uma grande surpresa e chegarem todos de uma vez com o bolo e cantando os parabéns.

Até aquele momento, D. Anita já estava certa de quem ninguém gostava dela, até que a nora de Olaria abriu o portão e todos entraram conforme o combinado.

D. Anita sabia que todos ali só pensavam na herança dela, mas, mesmo assim, aquele momento a alegrou.

Não passou muito tempo, ela faleceu, mas pelo menos, deve ter levado consigo a lembrança daquela feliz surpresa.

Família brasileira

Sérgio Henrique Soares Araújo

Ela era uma senhora muito isolada pelos seus filhos e noras. As únicas pessoas que gostavam dela eram os netinhos e netinhas, apesar deles correrem e brincarem no meio da casa, quebrando os móveis e a decoração. Mas ela não os criticava. Os achava lindos e apreciava aquela inocência.

Com o amor daquelas crianças, o ódio e o rancor diminuía. Ela sabia que sua família só se juntava no seu aniversário por aparências. As noras tinham imensa inveja de sua mansão, de suas joias e de toda a sua fortuna. Aquela velha franzina e fraca alimentava um ódio maior que ela mesma.

Até que, quieta em seu canto e absorta em seus pensamentos, percebeu que, no dia do seu aniversário, fizeram uma longa mesa, cheia de comidas que ela não podia comer, tamanha era a desconsideração de todos por ela.

Estava triste e pensativa sobre o que havia feito para estar naquela situação, até que Rodrigo, seu neto de sete anos, pulou em seu colo.

Nesse momento, ela acordou suada e desesperada. Quando deu por si, viu que todos estavam lá preparando o almoço.

A senhora de cem anos respirou aliviada por aquilo ter sido apenas um sonho.

A morte de D. Anita

Vitor Emanuel Resende de Oliveira



Depois de um ano, finalmente chegou o aniversário de D. Anita, os esperados 90 anos. Desta vez, ela estava super animada, pois achava que as coisas seriam diferentes, que seus filhos finalmente lhe dariam atenção.

Como sempre, a família foi chegando. Os de Olaria, sempre muito bem vestidos. Com um vestido violeta, com estampa de borboletas e decote marcante, a nora de Olaria chegava junto ao marido, que desta vez sentiu que precisava ir ver a mãe, mesmo odiando a todos que ali estariam.

Em seguida, veio a nora de Ipanema com os dois filhos e uma nova babá. O marido que sempre vinha depois, desta vez, chegou junto. E, para não fugir da regra, ela passava direto para nem encarar a concunhada de Olaria.

As crianças estavam bem felizes, brincando sem atrapalhar ninguém e sem brigarem. Tudo estava muito estranho, como se pressentissem que algo ruim estivesse por vir.

Chegou, enfim, a hora dos parabéns e D. Anita não precisou ficar esperando três horas por isso. Depois que todos deram os parabéns – alguns o *happy birthday* – foi possível ver que todos estavam felizes e se divertindo.

Quando foi cortar o bolo, D. Anita estava pálida, com os lábios ressecados e parecia que ia desmaiar, o que de fato aconteceu quando ela estava com a faca na mão. A queda inesperada fez com que ela batesse a cabeça no chão.

Todos ficaram desesperados. Um de seus filhos pegou a mãe nos braços, já chorando muito, enquanto todos ao redor iam às lágrimas também.

Até tentaram chamar a ambulância, mas era tarde demais. Todos os convidados entraram em choque, pois eles nunca imaginaram que poderia acontecer daquela forma.

No outro dia, no velório, nos seus melhores trajes, estavam todos de preto. Alguns não conseguiam segurar o choro, outros disfarçavam as lágrimas através dos seus óculos escuros.

Todos estavam arrependidos por nunca a terem tratado bem. Ela, que sempre fora desprezada por eles, recebeu carinho e seu devido valor somente no seu último momento de vida, ficando a lição. Muitos só dão valor às pessoas quando as perdem, sendo que poderiam ter aproveitado em vida.

O diário de D. Anita

Wytorya Ketlen Silva Lopes

Querido diário,

Mais um ano de vida. Sempre o pior dia para mim. Não por estar completando aniversário, mas sim porque minha família se reúne em minha casa e fica de falsidade para o vínculo entre a família não acabar.

Além de me deixarem por horas sentada em uma cadeira completamente desconfortável, não me servem sequer um prato de comida. Não conversam comigo. Não que eu queira conversar com eles, mas é meu aniversário. Deveriam fazer isso por obrigação.

Uma de minhas noras tem um segredo que só eu sei. Eu poderia muito bem acabar com a festa toda. Ela nem imagina que eu sei, mas eu preciso ficar quieta no meu canto e não causar ainda mais intrigas entre a família, por enquanto...

D. Anita

Partiu, 90 anos!

Yure Sérgio Ferreira e Silva

D. Anita estava prestes a completar 90 anos e já estava desanimada, porque seus filhos e netos não lhe davam atenção. Só se encontravam no dia do aniversário dela e depois passavam o ano todo sem se verem. Menos Rodrigo e Dorothy, os únicos que tinham carinho e consideração pela avó.

Chegando próximo a mais um aniversário, como sempre a família se reuniria para a festa. Mas aquele ano, D. Anita quis fazer diferente, pois estava só o ódio de seus familiares. Na última festa a deixaram sozinha em um canto, como se ela nem existisse.

Assim, ela resolveu aproveitar seu aniversário de outra forma.

Quando a família chegou, todos se assustaram porque ela não estava em casa. Saíram para procurar pelos vizinhos e ninguém quis dizer o paradeiro dela. Desesperados, foram até a televisão pedir para que quem soubesse informações sobre ela, comunicasse à família.

Rodrigo e Dorothy disfarçaram muito bem. A avó estava feliz com sua filha Zilda em um resort, aproveitando a vida.

5.8 *Fanfics* do conto ‘O búfalo’, de Clarice Lispector



Ilustração: O búfalo. Emanuel Souza Galvão.

A mulher alucinada e o macaco

Alexandre Fernandes Cardoso

Parecia um dia como outro qualquer e eu estava comendo meu caqui, sofrendo pela minha avançada idade, sendo apenas um animal vivo esperando pela morte. Mas este dia foi diferente.

Consegui ouvir uma mulher bufando tanto, que até parecia um cavalo cansado. Simplesmente fiquei quieto e sentindo a presença dela. Até que ela caiu, parecia um desmaio, mas, ao mesmo tempo, parece que ela estava sendo atacada por um búfalo, já que gritava este nome.

Não pude fazer nada, pois sou um animal. Mas ver aquela mulher, naquela situação, parecendo que estava tendo alucinações, fez com que eu ficasse satisfeito por levar a vida do meu jeito.

A mulher do casaco marrom

Ana Clara Ribeiro Gomes

Era primavera. Eu costumava ir ao Jardim Zoológico simplesmente para observar os animais, as crianças correndo felizes, brincando no parquinho, os adultos sempre de olho em seus filhos. Mas, naquele dia, uma mulher me chamou a atenção.

Nunca antes havia acontecido algo semelhante. Eu parecia conhecer aquela mulher, uma mulher com um casaco marrom e com uma expressão vazia, triste, talvez com um pouco de ódio. Ali, parecia procurar alguma coisa, ao mesmo tempo que parecia perdida em si mesma.

A observava. Tinha semblante de alguém doente. Talvez estivesse. Pensei em ir falar com ela, mas desisti logo. Estava concentrada olhando os animais.

A perdi de vista durante um tempo, mas depois a vi junto à jaula do búfalo. Eles estavam se encarando profundamente. Achei um tanto estranho. Segundos depois, a vi desfalecendo, caindo no chão junto à grade da jaula.

Como estava pálida, imaginei que não estava se alimentando bem. A ajudei a se levantar e a levei à uma lanchonete próxima dali, dentro do Zoológico.

– Como você se chama? – Perguntei.

– Marcela – disse com uma voz fraca.

– Sou o Benjamim. Você está bem?

Ela afirmou com a cabeça.

Insisti um pouco e ela me contou que havia sido rejeitada pelo homem que ela amava. A consolei e tentei entendê-la.

Logo após, ela comeu um salgado e andamos pelo zoológico falando sobre várias coisas aleatórias. Então notei o lindo sorriso que Marcela tinha. Ela sorria a cada piada sem graça que eu contava. Isso me encantava.

O tempo passou. Começamos a namorar e eu continuo apaixonado por ela a cada dia mais. A mulher do casaco marrom. A mulher da minha vida.

O búfalo 2

Ana Vitória dos Santos



Uma mulher alta, loira, dos olhos claros e amargurada, resolveu ir ao zoológico. Ela passeava para lá e para cá analisando todos os animais e seus comportamentos. Parecia ter inveja e ao mesmo tempo ódio quando percebeu que estava na época do acasalamento.

O passeio seguia. A mulher viu girafas, hipopótamos, leões, elefantes, camelos, diversos animais. Mas o que ela queria mesmo era aprender com eles a odiar. A olhar para alguém como um predador olha para a sua caça.

“Eu te odeio”, disse ela para um senhor que passara por ela. Sem entender, o homem saiu de perto dela e continuou em frente.

No pequeno parque de diversões do zoológico, ela decidiu parar de caminhar e se sentar na montanha russa. Ali, obteve uma gama de emoções. Primeiro, espanto, depois uma fúria. Após a experiência no brinquedo, a mulher saiu desnorreada meio que caindo pelo parque.

Seguiu em frente encontrando mais bichos. Desta vez, achou um quati. Ela o olhou, assim como olhara para todos os animais, mas desviou os olhos com uma cara de aborrecimento. Foi quando ouviu um barulho bem alto e decidiu ir atrás ver o que era. Encontrou o búfalo.

Ela tentou chamar a atenção do bicho a todo custo. Fez barulho, jogou pedras, mas ele não reagiu a nada. Foi quando chegou um dos zeladores do animal, um homem alto, jovem, encantador. A mulher, ao vê-lo, ficou apaixonada, tão encantada com o rapaz que o chamou para uma conversa.

Os dois conversaram por bastante tempo. Logo o zelador foi cuidar do búfalo e a mulher foi atrás. Foi quando o animal se voltou para ela e a olhou fixamente. Aquele olhar a enfeitiçou e, inesperadamente, a mulher sentiu amor de novo em seu coração. Não sabia mais o que era ódio.

Passado um tempo, ela começou a trabalhar no zoológico. Engatou um relacionamento com aquele rapaz e seu ódio nunca mais voltou.

O pior dia da minha vida

Brenda Martins Barbosa

13 de julho de 1957.



Querido diário,

Tudo começou no dia 03 de julho de 1957, que foi nomeado por mim, o pior dia da minha vida. O dia em que eu, finalmente, percebi que o amor dele por mim não era mais o mesmo. Que a chama havia se apagado.

Uma noite antes da traição, havíamos discutido, mas, no dia seguinte, achei que estávamos bem. No entanto, veio à tona a tão inesperada traição.

Meu mundo desabou e o amor de anos se acabou em segundos.

Depois disso, senti que algo em mim mudou e... sim, foi meu amor por ele. Mesmo assim, não conseguia odiá-lo, pois não poderia negar que todos os momentos ao seu lado foram incríveis.

Ontem fui ao zoológico. Mesmo que minha saúde esteja debilitada, não comendo nem dormindo direito, fui até lá para me distrair e tentar me identificar através do sentimento dos animais, porque quando ele se foi, levou também um pedaço de mim que eu preciso resgatar de volta.

Caminhando pelo lugar, olhei profundamente nos olhos de cada animal à minha frente. Não me via em nenhum deles até encontrar o búfalo, aquele búfalo solitário que, depois de pequenas provocações, me olhara com um olhar de ódio, o sentimento que eu sempre quis sentir, mas não consigo.

O búfalo triste

Carlos Eduardo de Oliveira Silva

Lá estava ele sem nada para fazer e sem ter para onde ir, pois estava triste, deprimido, sem forças e sem ninguém. Pensou então em ir a um parque de diversões, ao menos veria pessoas felizes e se lembraria dos velhos tempos.

Mas, chegando lá, o que parecia alegria se tornou amargura. Como as pessoas podiam confiar umas nas outras?

Então, resolveu sair do parque e ir para um lugar mais calmo. Primeiro se sentou no banco de uma praça e começou a pensar para onde iria, até que se lembrou que estava perto do zoológico.

Ao ir caminhando até lá, sentiu uma tontura, pois não comia há dois dias. Ele não via motivos para viver, estava se definhando aos poucos.

Chegando, viu um casal de macacos e tornou a lembrar que não confiava mais em ninguém, pois a pessoa em quem ele mais confiava, virou as costas e o abandonou.

Continuou a andar e viu uma portinha aberta. Entrou. Por trás da cerca, viu um animal bem grande, com muito músculo e muito preto. Aquela área era muito bonita, porém o animal estava solitário, não tinha nenhum outro animal lá por perto.

Se aproximou, mas ele o ignorou completamente. Então, sentiu uma fraqueza e desmaiou.

Quando acordou, ao lado de sua esposa, viu que tudo aquilo tinha sido um sonho, ou melhor, um pesadelo. Mas aqueles olhos tristes do búfalo não saíam de sua memória.

O sonho estranho

Emanuel Souza Galvão



Quando o búfalo veio na minha direção, desmaiei de medo. Quando acordei, vi o focinho dele bem na minha frente. Com muito medo, não conseguia nem me mexer.

Depois de um tempo, ele saiu. Sem perceber que ele ainda estava ali, me levantei. Foi quando me deparei com o animal bufando para mim, com um olhar sanguinário.

Com muito medo, comecei a correr, a correr, a correr. Sem perceber para onde eu estava correndo, tropecei em um pedaço de galho que estava no chão. Ao cair, pedi a Deus que me salvasse da fúria daquele animal. Assim, o inesperado

aconteceu.

O búfalo começou a me lambe, como se fosse um cachorro. Eu, sem entender nada, aceitei o carinho dele, pois era melhor que levar uma chifrada.

Com muita calma, me levantei e saí de perto dele. Mas, o perigo não havia acabado, tinha um leão vindo na minha direção. Desmaiei de novo.

Quando eu acordei, vi que estava a salvo, deitado na minha cama e foi aí que eu percebi que tudo tinha sido apenas um sonho!

A mulher e o búfalo

Enny Vitória M. Santos

Uma mulher carente e sensível, foi ao zoológico para dar vazão a uma frustração que estava sentindo, já que era vítima de um “crime” cometido por um homem. Ele não a amava.

Ali, naquele ambiente, na tentativa de aprender a alimentar o seu ódio, acabou conseguindo o oposto, pois todos os animais inspiravam amabilidade. Menos o búfalo, que foi o único a dar as costas para ela, momento no qual ela teve uma mistura de sentimentos.

O animal, passou a ser para ela um estranho familiar. Ela começou a desejá-lo, pois trazia uma simbologia masculina. No entanto, ele continuava a não ligar para ela. Foi quando ela resolveu chegar mais perto e levou um coice do búfalo. Por isso, ela caiu no chão e teve que ir para o hospital.

Desacordada, em situação de risco, os médicos não sabiam o que estava acontecendo. Mas, logo que despertou, contou o que havia ocorrido. Por conta disso, os médicos acharam que ela estava com alguma confusão mental, pois no zoológico onde ela fora encontrada desmaiada não havia nenhuma espécie de búfalo.

Ela continuou internada por meses.

Passado algum tempo, ela descobriu que seu ex-marido havia morrido um dia antes do estranho fato acontecer.

À procura do ódio, ao encontro do amor

Gabriel Pinheiro do Nascimento

Quando eu acordei, não me lembrava de muita coisa. Não sabia meu nome e nem o porquê de estar ali. Estava tonta, com a cabeça dolorida, quando olhei, procurando algo ao redor que me ajudasse a lembrar de alguma coisa. Só sabia que estava em busca do búfalo, do ódio que aquele animal me inspirava.

Resolvi voltar a procurá-lo.

Encontrei uma pessoa que o conhecia e ela me falou que ele morava depois das montanhas, atrás da floresta e do riacho.

Chegando na floresta, veio um velho bode na minha direção e me disse para tomar cuidado, que era melhor eu ir embora. Mas não fui.

Avistei o riacho e ao pé da montanha estava lá o búfalo. Com pressa, pulei na água e comecei a nadar. No entanto, a correnteza estava muito forte. Eu nem conseguia chegar ao outro lado, nem conseguia voltar para a margem. Eu estava quase me afogando. Nesse momento, o búfalo me puxou para fora da água.

Depois de ter me recuperado, perguntei a ele qual era o meu nome e por que eu buscava o ódio através dele.

Ele, docilmente me respondeu que meu nome era Bela e que, na verdade, o que eu estava procurando era o amor. Ali, eu acabava de o encontrar.

O búfalo enfeitado

Giully Anne Rosa Fernandes

Era primavera. Os leões estavam em suas jaulas. Rebeca andava pelo Zoológico olhando aqueles bichos bonitos. Mas ela estava com tanta raiva, naquele dia. Até de olhar para os macacos lhe deu raiva. Ela mirou bem no fundo dos olhos daqueles macacos que só estavam ali comendo e pensou “eu odeio vocês”.



Os macacos e nenhum dos outros animais a entendiam. Ela respirava ódio e rancor, mas o que precisava mesmo era só de um amor para esquecer a mágoa de quem simplesmente a abandonara sem deixar rastro.

Em seguida, ela resolveu ir ao parque de diversões que havia dentro do zoológico e andar na roda gigante. Vendo ali todos aqueles casais juntos e ela sozinha, parecendo que estava em uma igreja, piorou ainda mais a situação.

Mas, lá de cima, Rebeca avistou um animal que nunca tinha visto antes. Era um búfalo que lhe chamara muito a atenção. Contudo, o que ela jamais poderia imaginar é que aquele búfalo, na verdade, era o seu marido. Ele não a havia abandonado.



Rebeca desceu do brinquedo enjoada e tonta. Além da altura, ela também não se alimentava havia dias. No entanto, foi em direção ao animal. No momento em que ela estava quase chegando, fraquejou e por pouco não caiu. Mesmo assim, sem querer, o búfalo se chocou com ela que se desmoronou no chão.

O animal ficou muito preocupado se a havia matado com todo aquele peso. Mas ela não estava morta. Abriu os olhos, viu o céu lindo e o búfalo. Nessa hora, ela não sabia mais se era o búfalo ou o seu marido.

Com um beijo de amor, o feitiço se desfez. O búfalo voltou a ser humano e eles viveram felizes para sempre.

Ódio de amar

Guilherme Vieira Aires



Na intenção de matar algum animal, a mulher foi até o Jardim Zoológico. Caminhava com um corpo sem postura e sem nenhum brilho no olhar. Ela estava cega de ódio por conta de um amor não correspondido. Ali, só buscava um jeito de aliviar seu ódio e sua dor.

Desse modo, caminhava como se não tivesse rumo para ir, nem lugar para voltar. Olhava alguns animais, mas não conseguia matá-los. Como poderia matar animais com semblantes tão humildes e alegres?!

Mas, acabou se deparando com o território de um búfalo. Um búfalo negro, que não lhe dava a mínima atenção.

Ao se aproximar mais, devido a uma espécie de tontura, ela bateu com a cabeça na grade e apoiou-se para não cair. Foi quando o animal, escutando o barulho, começou a se aproximar.

A cada passo que ele dava, ficava aparentemente maior. Ao chegar bem perto da mulher, o búfalo a encarou com um olhar de ódio, o mesmo olhar que ela tinha.

Como seus planos eram ir até ali e matar algum animal, ao ser “correspondida” pelo búfalo, pegou a arma que estava na bolsa e mirou no búfalo, que não mexeu nenhum músculo. Mais alguém na vida a ignorava.

Em prantos, pegou a arma e mirou contra si mesma. Tentou dar fim a todo aquele sofrimento, mas a arma, felizmente, não disparou.

Eu perdoo

Gustavo Coutinho de Jesus

Querido diário,

Ontem recebi uma péssima notícia. Meu grande amor é só meu, ele não sente nada por mim. É um amor não correspondido. Isso me deixou muito triste. Eu gosto tanto dele e ele não dá a mínima para mim. Fora a traição que descobri...

Hoje mesmo, fui ao Zoológico para ver se eu me animava e ficava melhor depois dessa enorme decepção. Lá, eu me alegrei bastante. Vi vários animais, como leão, cobra, tigre e muito mais. Mas o que mais me deixou pensativa foi o búfalo.

Como posso me identificar tanto com aquele animal? Mesmo trancado ali, tinha um semblante dócil. Eu também. Mesmo com o coração machucado por uma traição não consigo ter ou sentir ódio.

O búfalo também não. Além de enjaulado e machucado por uma briga com outro animal da mesma espécie, ele não conseguia demonstrar ódio por ninguém.

Fiquei muito pensativa sobre tudo o que aconteceu comigo.

Espero que algum dia, ele me ame de volta. E sim, se ele quiser, eu o perdoo pela traição.

B.

Em busca do ódio

Júlia Martins Barros

Eles eram apenas crianças quando se conheceram e desde sempre ela nunca ficava brava ou se magoava com ele. Por isso, ele se aproveitava e fazia dela o que queria.

Na vida adulta, para continuar tendo esse “controle” sobre ela, passaram a ter uma relação amorosa. No entanto, da parte dele, de amorosa não tinha nada. Era um relacionamento abusivo e cheio de traições que ela sempre perdoava por não conseguir deixar de amá-lo.

– Por que não consigo odiá-lo? – Ela se perguntava.

Ele, por outro lado, parecia odiar tudo e todos, principalmente animais inocentes.

Após a terceira traição, ela decidiu que dessa vez seria diferente. Foi ao zoológico tentar aprender a odiar, pois segundo ele, os animais expressavam ódio pelos olhos.

Ela não queria perdoá-lo outra vez e pensava que só poderia fazer isso quando o odiasse, assim como ele odiava os animais.

No entanto, não se achava ódio em seu coração. Fraca, cansada e faminta por ódio e morte, ela andou por todas as jaulas. Apesar de estar livre, se sentia tão enjaulada quanto aqueles puros animais.

Ao encarar o búfalo, observava nele certa indiferença ao olhá-la de volta, assim como percebia aquela indiferença naquele a quem amava.

Quanto mais o fitava, mais podia sentir algo se espalhando dentro de si, algo que nunca havia sentido antes.

Antes de poder entender de verdade o que havia sentido, caiu no chão inconsciente.

– Está tudo bem? Moça?

Ainda inconsciente, foi levada à enfermaria do zoológico por um dos funcionários. Depois de meia hora (e um pouco de soro) ela acordou. Assim como a última coisa que tinha visto eram os olhos de um búfalo, a primeira coisa que viu quando acordou foram olhos. Mas não eram iguais aos do búfalo, não. Eram inocentes como o da girafa, bondosos como os do elefante e pacientes como os do camelo.

– A senhorita acordou?

– Onde estou? – Perguntou ainda um pouco tonta.

– Na enfermaria do Jardim Zoológico. Meu nome é Caio, muito prazer. Não se levante ainda, a senhorita desmaiou e bateu a cabeça com certa intensidade.

– Ah, é claro, meu nome é Mariana. Obrigada! – Respondeu pegando o copo de água da mão de Caio.

– Vi que a senhora observava muito atentamente o nosso búfalo. No que pensava?
– Estava tentando achar ódio em meu íntimo.
– Alcançou seu objetivo?
– Acho que quase. Desmaiei logo em seguida.
– E por que a senhorita iria querer ter ódio em seu coração? Me parece uma pessoa muito amorosa.

– Não posso mais perdoar quem me rejeita.
– Mas ódio não resolveria seus problemas.
– Como assim? – Ela não entendia como poderia haver outra solução.
– Ao que me parece, a senhorita gastou o seu amor tentando conquistar outra pessoa e esqueceu de deixar um pouco para si mesma. Assim, como poderia não perdoar quem lhe machuca?

Um pouco atordoada, percebeu que ele tinha razão. Havia passado a vida toda amando quem não a merecia. Após recuperar as forças, ela saiu dali um pouco mais decidida e passou a tentar controlar quanto amor se permitia dar aos outros.

Não foi fácil, mas conseguiu se livrar do búfalo que a enjaulava. Pôde encontrar amor em outros olhos e pôde entender como é ser amada de verdade.

Consequências

Kaue Martins de Bastos



Uma frase que vou levar para minha vida é “a vida cobra” ou “tudo o que se planta, se colhe”. Sentir isso na pele dói.

Na faculdade, nunca fui uma das melhores, mas também não fui uma das piores alunas. Contudo, até certo tempo, colhi boas notas na medida do possível. Já não posso dizer o mesmo da minha vida pessoal.

Tudo foi mudando quando conheci um garoto muito especial no início deste ano na faculdade. Foi um dos meus primeiros namorados desde o colegial, já que nesta fase a maturidade está mais acentuada na mente e que, por consequência, acabamos dando mais valor até nas ilusões.

A minha vida parecia estar perfeita: boas notas, vida estável, um amor. Contudo, essa “vida dos sonhos” pode acontecer apenas nos filmes de romance e ficção. A vida real mesmo machuca e é injusta.

Voltando ao caso. Esse meu namorado era perfeito, por isso me entreguei de corpo e alma e criei muitas ilusões. Mas, com o tempo, tudo foi mudando, chegando ao ponto dele me ignorar completamente até na frente de todo mundo no corredor.

A angústia e as perguntas frequentes sobre o nosso relacionamento me matavam aos poucos, até que o que já era esperado aconteceu.

Com desculpas e argumentos, algo que me fazia tão bem, simplesmente foi embora, deixando um rasgo em meu peito e uma ferida que não cicatrizava. A sua partida deixou uma angústia, que evoluiu para uma ansiedade. Eu estava destruída. Mas eu não desisti. Eu precisava sentir todo aquele amor de novo.

Já no meio do ano, eu, me cicatrizando ainda, conheci, por acaso, alguém que demonstrava algo que eu não tinha. Aquele jeito ingênuo dele me chamava a atenção e além de tudo, era fofo.

Em quatro dias, o primeiro beijo; em um mês, o pedido de namoro. Era perfeito. Finalmente eu estava feliz de novo, mas o que eu não percebi é que, mais uma vez, eu estava cega. Na verdade, eu não havia esquecido aquele que me abandonou.

Eu sentia falta de algo, quando eu tinha tudo. Tinha uma pessoa legal, boas notas. O que faltava?

Ver o meu ex com outra pessoa me incomodava, mesmo eu tentando negar com todas as forças. Eu não sabia o que estava acontecendo.

E o meu namorado? Me dava tudo, carinho, atenção e eu presa a um sentimento inútil. Mesmo sem dar o valor que ele merecia, ele continuava ao meu lado. Eu estava jogando no lixo o que era real.

Como eu não conseguia retribuir todo aquele amor, eu me afastei, sabendo que o machucaria também.

As consequências vieram como balas atiradas em um alvo frágil como o vidro. Porém, a realidade só me acordou quando já era tarde demais. A mesma história se repetia.

Louca, querendo consertar meus erros, fui tentando me reconciliar com meu namorado “atual”, mas ele tinha amor próprio (o que eu não tinha). Corri para o meu ex, pedindo que ele voltasse, que me perdoasse...

A dor de tudo que estava acontecendo era por culpa minha e isso me fazia soluçar entre tantas lágrimas. Eu não sabia amar.

Eu plantei, eu colhi da maneira mais dolorosa possível. Um único sentimento é capaz de nos levar a fazer coisas que nem percebemos.

Com esse turbilhão de sentimentos, eu não sabia mais sequer quem eu era. Minhas notas caíram, eu não comia mais.

Para tentar aliviar a cabeça, resolvi ir até o zoológico. De tantos animais, um me chamou tanto a atenção. Consegui até me distrair um pouco vendo aquele búfalo, mas logo meus pensamentos retornaram.

Ainda continuo perdida, sem rumo. Meu drama parece não ter solução.

É preciso superar

Laura Yasmim dos Santos Oliveira

Tudo começou dia 17 de outubro.

Quando descobri, fiquei em choque, por mais que isto já tivesse acontecido outras vezes. Errei. Errei quando confiei, mais uma vez nele. Falta de aviso das minhas amigas não foi. Mas eu, boba e apaixonada, insisti em acreditar.

Meu mundo desabou.

No dia seguinte, acordei disposta a sair para me distrair. Fui até o zoológico. Chegando lá, comecei a observar alguns animais, mas teve um que me chamou muito a atenção: o búfalo. Quando me deparei com aquele animal, era a mesma coisa de estar olhando no espelho.

Solitário, cabisbaixo, chifres enroscados... fiquei até com um certo ódio de ter me identificado tanto com aquele bicho. Mas, por um lado, fiquei até aliviada ao saber que eu não era a única a estar com aquela tristeza toda.

Eu torço para que eu possa me recuperar logo e superar tudo o que está acontecendo.

O diário

Lavínia Gabrielly Martins Ribeiro



Querido diário,

Hoje vou contar o que está acontecendo comigo.

Ontem eu descobri que a pessoa que achava que era o amor da minha vida, me traiu. Confesso que fiquei muito mal e não queria nem comer, só sabia chorar, tanto que dormi chorando.

Só que hoje acordei decidida a sair para esvaziar a mente. Fui ao zoológico, passei por vários animais, porém o que eu gostei de verdade foi o búfalo.

O animal ali, parado, todo solitário. Senti uma conexão tão forte com ele que comecei a desabafar. Dá para acreditar que isso me deu um alívio? Será que é normal? É tanta coisa que se passa pela minha cabeça...

Espero realmente que eu possa me recuperar o mais rápido possível para poder seguir minha vida normalmente.

Depois eu volto para falar como estou.

Beijos,

L. G. M. R.

A real verdade

Luiz Felliphe Alves de Matos

Eu sou Laís e estes dias foram muito tristes para mim, pois terminei um relacionamento de muitos anos. Na verdade, ele terminou comigo. Não consegui entender o motivo, pois erámos muito apaixonados desde a adolescência.

Será que ele se cansou de mim? Não, não pode ser. Ele sempre foi carinhoso, cuidadoso comigo. O que será que se passou pela sua cabeça para ter tomado tal decisão? Será que se apaixonou por outra? Será ela loira, morena ou ruiva? Pensando bem, ele não gosta de ruivas.

Ele tem muitas amigas morenas, mas todas elas namoram. Ele só pode é estar brincando comigo, querendo me fazer uma surpresa. Eu acho que ele quer é me pedir em casamento de novo, já que da primeira vez não deu certo. Mas, não seria muito “clichê”?

Não, ele não deixou de me amar. Depois de tantos anos ele deve é ter se cansado de mim, das minhas chatices, meus surtos, minha falta de paciência. Definitivamente, eu não consigo entender.

Nossa... Fixada no porta-retratos, olhando para nós dois, no dia em que tiramos uma foto tão engraçada perto de um enorme búfalo, minha cabeça quase fundiu de tantos pensamentos. Pensei tanto que até me cansei.

De repente, alguém bateu na porta. Por Deus, era ele! Ele havia voltado. Eu sabia que voltaria. No entanto, ele disse um “oi”, entrou sem sequer me tocar e pediu para pegar o resto de suas coisas.

Eu não aguentei, tive que perguntar, por que ele havia me deixado? Ele simplesmente disse que percebeu que era hora de seguir sozinho.

Se é verdade, eu até consigo aceitar, mas se tivesse outra, a coisa seria diferente. Essa verdade pode até ser confortável, mas eu ainda espero que ele volte.

O coma

M. F. de S.

Após sua morte, estes escritos foram encontrados em um papel velho, amarrotado e com uma letra trêmula, em meio aos seus pertences.

18/03/2019

Logo após eu acordar, percebi que estava em um hospital, cheia de fios e recebendo medicamento. Acordei com uma pessoa ao meu lado, chorando por mim, pois me deram como morta. Me disseram que eu tive uma “parada” cerebral e perdi quase todas minhas memórias.

09/04/2019

Ainda não consigo me lembrar de quase nada. Tenho só umas “faíscas” de memórias que vêm e desaparecem. Eu só consigo me lembrar do meu nome e do nome dos meus pais. Ah, me lembrei também que tenho um filho e um marido. Eles são incríveis, são minha família.

05/07/2020

Mais de um ano se passou. Continuo neste hospital. Minha memória agora vem e volta, não como flashes, mas se mantém um pouco mais. Isso parece bom, mas na verdade, é muito ruim. Estou me lembrando das atrocidades que fizeram comigo, do mal que me fizeram.

10/10/2020

Como pode? Descobri algo horrível... escrevo para tentar não esquecer. Meu filho não era meu filho, era filho do meu marido e eu o matei naquele acidente de carro, quando um búfalo entrou na frente do veículo. Foi naquele acidente que eu perdi a memória.

23/12/2020

Que ódio daquele homem. Aquele imundo nunca me mereceu. Estou aqui há três anos, e ele veio pouquíssimas vezes aqui no hospital. Ele mentiu que eu estava aqui há um mês... Enquanto isso, ele está tendo um relacionamento com minha irmã e com minha amiga. Que monstro! Ele mente. Sempre mentiu. Não só ele, todos mentiram...

30/12/2020

Juro que não quero mais viver. Não há felicidade possível para mim nesta vida. Nunca teve. O zoológico... foi lá que eu descobri o quanto eu odiava aquele homem. Peguei o carro com “nosso” filho e saí descontrolada. O meu filho morreu. Meu filho sim, de coração. E foi por minha culpa. Meu marido sempre foi um lixo, sempre me maltratou, nos espancava.

Na verdade, ele armou toda aquela emboscada porque queria nos matar. A mim ele não conseguiu, mas ao sabotar os freios do carro, o acidente aconteceu e nosso menino morreu.

Eu descobri tudo. Ele está preso. O desejo dele se cumprirá, eu morrerei como ele desejava, afinal, não existe felicidade para uma mulher traída, não existe felicidade para quem perdeu um filho, não existe mais possibilidade de vida para mim.

Uma mulher nunca merece ser traída.

[...]

No dia 1º de janeiro de 2021, a senhora Clarice Leonor Braga veio a óbito. O laudo médico acusou edema cerebral grave após uma queda que ela teve no Jardim Zoológico. A mulher fora encontrada próxima a área do búfalo, desacordada, mas sem sinais de violência. Ela ficara por três anos em coma, sem receber sequer uma visita. Sua única companhia, após o despertar, eram uns papéis em que ela escrevia algumas coisas quando conseguia.

Aceitação

Nicollas Oliveira Santos

Após ter desmaiado na área do búfalo, no zoológico, a mulher acordou já dentro da enfermaria do local. Confusa, avistou um médico chegando que lhe perguntou se ela estaria melhor e como se sentia.

– Me sinto bem, obrigada. Mas, onde estou? – Perguntou a mulher.

– Na enfermaria do zoológico. A senhora acabou desmaiando por fraqueza e um funcionário lhe trouxe para cá – respondeu o médico.

Depois de ter entendido o que havia acontecido, a mulher descansou um pouco e depois de um tempo foi liberada, podendo voltar para casa.

No caminho de volta, ela acabou se lembrando da raiva e do ódio que estava sentindo por causa do rompimento do seu relacionamento e percebeu que nunca havia sido verdadeiro. Então, não fazia sentido continuar com aquela raiva de alguém que nunca havia lhe dado o amor que merecia.

Assim, ela acabou por fazer um propósito consigo mesma, de começar uma nova vida e esquecer o passado e seu antigo namorado. Estava decidida a seguir uma vida normal dali pela frente e só se permitir amar de novo o dia que encontrar alguém que também a ame de verdade.

Tentativa de odiar

Pedro Coelho de Souza Neto

Era primavera. O leão estava ali a lamber a testa da leoa. Parada, olhando para aqueles animais, estava uma mulher na tentativa de sentir ódio, ação, a qual, se decepcionou por não conseguir.

Resolveu caminhar e observar aqueles animais todos. A girafa lhe chamou a atenção, mas era tão dócil, com aquele pescoço tão comprido. Procurou outros animais, até que encontrou o búfalo. Ele sim, parecia nem ligar para a existência de ninguém, prepotente ali no seu espaço.

Apesar de parecer absurdo, ela começou a conversar com o búfalo, mas ele nem sequer olhou para ela. Então, pegou uma pedra e jogou nele. Só aí ele se virou. Com aquele olhar penetrante, ela se assustou com o tamanho do bicho, com a intensidade da sua pele escura e seus grandes chifres enrolados. Assim, se sentou ali no chão mesmo e voltou a falar, como se o búfalo a entendesse.

Depois de um tempo, ela adormeceu escorada na grade. Acordou com o enorme búfalo, do outro lado, também escorado na grade a lambendo. Vendo toda aquela docilidade, ela parou para pensar que não deveria tentar odiar, mas sim amar as pessoas certas.

Desse modo, ela foi correndo para casa, decidida a levar uma nova vida, dando a si a oportunidade de não ficar presa a ninguém para se sentir feliz e de conhecer coisas novas no seu cotidiano.

Ela nunca se esqueceu daquele búfalo, que nada lhe disse (também, não poderia), mas que mudou completamente o seu jeito de viver a vida, aproveitando cada instante como se fosse o único.

Considerações finais

Garantir o direito ao acesso à leitura literária em sala de aula, principalmente de escolas públicas e as mais desprovidas de aparato didático, como a biblioteca escolar, precisa estar no cerne docente.

Não há milagres, há trabalho que precisa estar consonante ao mundo atual, mas sem deixar de lado a literatura clássica, patrimônio tão valioso que se não cuidarmos em apresentá-lo aos jovens, poderá até mesmo cair no esquecimento. Precisamos lutar por melhores condições de ensino munindo nossos alunos de um capital cultural que possa expandir seus horizontes e fortalecer suas práticas cidadãs. Embora não seja uma tarefa fácil, Petit (2019) nos traz esperanças:

Aos pais e transmissores culturais, direi simplesmente o seguinte. Mesmo que as crianças para quem vocês leem histórias não se tornem leitores, vocês não terão perdido seu tempo. Vocês terão forrado os bolsos delas, enchido seu baú do tesouro com palavras, narrativas, imagens que elas poderão utilizar para não se sentir despidas, perdidas, diante do que as rodeia, ou para enfrentar seus próprios demônios. Vocês as terão ajudado a construir lembranças que elas ainda vão revisitar muito tempo depois. Vocês terão aberto espaços propícios ao brindar, ao sonhar, ao pensamento, à exploração de si e do mundo, aos compartilhamentos, que são essenciais para seu desenvolvimento estético, psíquico, intelectual.

Vocês terão contribuído para lhes apresentar o mundo, para torná-lo um pouco mais habitável. Nesses tempos de grande brutalidade, vocês terão preservado momentos de transmissão poética que escapam à obsessão da avaliação quantitativa e ao alarido ambiente. Por tudo isso e muito mais, vocês terão realizado uma obra mais do que 'útil' (Petit, 2019, p. 203).

Essas palavras de Michèle Petit me motivam e espero que essa motivação chegue até vocês também.

O trabalho ora proposto e seus resultados são o grande incentivo para demonstrar o quanto vale a pena trabalhar para possibilitar o acesso à leitura literária, garantindo esse direito aos nossos alunos na Educação Básica. Por isso, aqui foram apresentadas possibilidades que permitem esse acesso.

Nossos alunos vão longe, mas precisamos dar suporte a eles para atravessarem essa estrada. É sempre por eles e para eles que persistimos.

Referências

- ANDRUETTO, María Teresa. **A leitura, outra revolução**. Tradução Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.
- ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução Carmem Cacciacarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- ASSIS, Machado de. **Missã do galo e outros contos de Machado de Assis**. Roteiro e Ilustrações Francisco Vilachã. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.
- BARBOZA, Sandra Noeli Rezende de Oliveira; TENO, Neide Araújo Castilho; SAMPAIO, Emilio Davi. O letramento literário no Ensino Médio sob a perspectiva dos multiletramentos. **A Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 19, n. 3, p. 38-53, 2019. DOI 10.13102/cl.v19i3.1626. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1626>. Acesso em: 25 maio 2022.
- BATISTA, Lanne Janaina; SILVA, Célia Sebastiana da. Entre desafios e possibilidades de se formar leitores literários em escolas que não possuem biblioteca escolar: contos de Machado de Assis como ponto de partida. *In*: SANTOS, Mônica Maria Soares; DEFENDI, Cristina Lopomo; VICENTI, Renata Barbosa (org.). **Prática e formação do docente de língua portuguesa**. São Paulo: Estige Editorial, 2023. v. 3. p. 216-233.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (org.). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 71-80.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Brasil no Pisa 2018**. Brasília: INEP, 2020. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_brasil_no_pisa_2018.pdf. Acesso em: 1º jul. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília: Casa Civil, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm. Acesso em: 9 jul. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução Nilson Moulin. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CAMPOS, Cleide de Araújo. **Letramento literário e bibliotecas escolares: uma pesquisa exploratória no município de Ouro Preto**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto: Minas Gerais, 2018. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/10400/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O_LetramentoLiter%c3%a1rioBibliotecas.pdf. Acesso em: 1º jul. 2021.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**: Revista do Departamento de Teoria Literária, Campinas, n. esp., p. 81-89, 1999. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001022230>. Acesso em: 22 fev. 2023.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.

CAZDEN, Courtney *et al.* **Uma pedagogia dos multiletramentos**: desenhando futuros sociais. Belo Horizonte: LED, 2021.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. Tradução: Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. Letramento literário. *In*: FRADE, Isabel Cristina Alves Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: CEALE/Faculdade de Educação da UFMG, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>. Acesso em: 17 jul. 2022.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 95-128.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUN, Mark. **Letramentos digitais**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GOTLIB, Nádya Battella. **A teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1990.

IFLA. **Diretrizes da IFLA para a biblioteca escolar**. Tradução: Rede de Bibliotecas Escolares. 2. ed. Portugal: IFLA, 2016. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2022.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura em bibliotecas escolares**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/apresentac%CC%A7a%CC%83oparapublicar2019.pdf>. Acesso em: 1º jul. 2021.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. **Letramentos**. Campinas (SP): Ed. UNICAMP, 2020.

LINO, Gabriella Pinheiro. Para ler, escrever e compartilhar: a leitura literária hoje. *In*: BARROSO, Roberta Santana *et al.* (org.). **Letramentos múltiplos, multimodalidades e**

multiletramentos: os usos da linguagem na era digital. Tutóia, MA: Diálogos, 2021. v. 1. p. 216-233. DOI 10.52788/9786589932109. Disponível em: <https://www.editoradiálogos.com/livros/letramentos-multiplos-multimodalidades-e-multiletramentos-os-usos-da-linguagem-na-era-digital-vol-1/>. Acesso em: 9 jul. 2022.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: JPA, 2008.

MACHADO, Ana Maria. **Silenciosa algazarra**: reflexões sobre livros e práticas de leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: Prosa I. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MONTES, Graciela. **Buscar indícios, construir sentidos**. Tradução Cícero Oliveira. 1. ed. Salvador: Selo Emília e Solisluna Editora, 2020.

PAULINO, Graça. **Da leitura ao letramento literário**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2010.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (org.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução: Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. Letramentos. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019. p. 11-27.

ROJO, Roxane. Protótipos didáticos para os multiletramentos. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 5-11.

SANTOS, Andréa Pereira dos *et al.* **Retratos da biblioteca escolar da rede estadual de ensino de Goiás**. Goiânia: Gráfica UFG, 2017. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/681/o/E-book_sobre_biblioteca_escolar.pdf. Acesso em: 1º jul. 2021.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 41. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVA, Célia Sebastiana da; FARIA, Vivianne Fleury de. Em defesa do direito de ler. *In*: DALVI, Maria Amélia *et al.* (org). **Literatura e educação**: história, formação e experiência. Campo dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018. p. 104-110.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. A formação do professor e do aluno leitor para a construção da cidadania. *In*: BAJARD, Èlie *et al.* **Formação de professores e alunos leitores**. Belo Horizonte: MEC, 1994. (Cadernos Educação Básica, Série Institucional, 6). p. 32-44.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes**: reflexões sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Tradução Cátia Aída. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SOARES, Emannel L. S.; ABREU, Roberta M. de A. Tecendo fios para uma crítica sobre as perspectivas da BNCC frente ao ensino de literaturas. **Porto das Letras**, [s. l.], v. 8, n. 4, p. 236-253, 2022. DOI 10.20873-202284-11. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/14429>. Acesso em: 16 dez. 2023.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

STREET, Brian V. A escolarização do letramento. *In*: STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola, 2014. p. 121-144.

SZUNDY, Paula Tatianne Carréra. A Base Nacional Comum Curricular e a lógica neoliberal: que línguas(gens) são (des)legitimadas? *In*: AMORIM, Marcel Alvaro de; GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela (org.). **A BNCC e o ensino de línguas e literaturas**. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 121-151.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction**: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015. Disponível em: http://editora.upf.br/images/ebook/o_fenomeno_fanfiction.pdf. Acesso em: 16 set. 2022.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Ibplex, 2012.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 11-22, dez. 2008. DOI 10.11606/va.v0i14.50376. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376/54486>. Acesso em: 17 abr. 2023.